



o olhar de
Juliana

SAARA NOUSIAINEN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O olhar de Juliana

Saara Nousiainen

Sinopse

O conteúdo deste precioso romance gira em torno de um amor tão grande que é capaz de atravessar os séculos, lutar contra acontecimentos, dificuldades e desencontros, para ter o direito do reencontro.

Tendo como palco as magníficas paisagens do litoral cearense, esta história mostra como o amor, quando verdadeiro, é um voto pela vida, enobrecendo a criatura e dignificando a existência apesar de todos os dramas e conflitos.

Capítulo 1

Juliana terminou de fazer a maquiagem, ajeitou os cabelos e deu mais uma olhada no visual. Sorriu, sentindo-se feliz. Apanhou a bolsa, a valise e saiu, dirigindo-se ao elevador.

Bonita, os olhos de um azul profundo, contrastando com a pele morena clara e o cabelo castanho, iluminavam-se quando sorria um sorriso franco, pleno, desses de quem está de bem com a vida. De altura mediana, o uniforme de comissária

realçando o talhe bem feito, dava-lhe um toque de classe. Mas, o que mais chamava a atenção era um quê de nobreza na expressão do rosto e as maneiras gentis e educadas, mas que não escondiam firmeza e decisão. Filha de um Juiz paulistano e de uma médica cearense, aos 18 anos passara no vestibular para Medicina, mas ao mesmo tempo fora convocada por uma companhia aérea para o curso de comissária de bordo, que vinha pleiteando. Escolheu a segunda opção, por entender que Medicina poderia fazer mais tarde, com qualquer idade. Por enquanto, os caminhos aéreos lhe pareciam mais sedutores.

Chegando ao saguão do hotel observou que a tripulação, lá fora, já se acomodava no automóvel que os levaria ao aeroporto, enquanto Anabel, uma colega, vinha em sua direção.

– Oi Anabel... Está de férias?

– Nada. Só uns dias de folga.

– Estava doida para te ver – exclamou Juliana. – Imagine só...

Eu consegui

Transferência para a base de apoio aqui em Fortaleza.

– É mesmo? – perguntou Anabel, com alegre sorriso. Então está voltando para a terrinha... Que ótimo!

– Pois é... Estou pensando em alugar um apartamento e... Bem que a gente podia dividir. Você vive mais aqui do que lá.

– É uma boa idéia.

As jovens não perceberam que haviam parado bem no meio de um set, onde uma equipe gravava um comercial.

– Assim não dá... – resmungou André, que dirigia a gravação.

E, virando-se para Geni, sua auxiliar, pediu:

– Geni, tira essa gente do quadro.

Geni fez um muxoxo, deu de ombros e ficou no mesmo lugar, terminando de colocar um filme na máquina fotográfica, com que pretendia tirar fotos do desenrolar do trabalho. Irritado, André encaminhou-se para as jovens:

– Por gentileza, senhoritas...

Seu olhar cruzou com o de Juliana. Estremeceu levemente, interrompendo o que ia dizer.

Algo no olhar da jovem mexeu fortemente com ele. Juliana também sentiu uma sensação estranha, indefinível, mas Anabel cortou, dizendo:

– Desculpa moço... Nós estamos atrapalhando, não é?

André permanecia como que pregado ao solo e sem fala. Observando que a tripulação estava esperando por ela, Juliana apressou-se em dizer:

– Estou voltando na sexta-feira, Anabel. Procura-me, tá? Vou ficar na mamãe. Ainda lembra onde é?

– Imagine se ia esquecer! Tua mãe é gente fina.

– Eu tenho que ir, disse Juliana, apressada, dando outra olhada em André, pelo canto dos olhos. – Me procura no sábado, lá na mamãe. Não esqueça tá?

– Procuro, sim, Juliana. Pode deixar...

Juliana seguiu rapidamente em direção ao carro. Ao chegar à porta voltou-se e ao ver que André estava olhando para ela, disfarçou e seguiu adiante.

André estava fortemente impressionado, mas não querendo dar demonstração do que realmente lhe ia à alma, disse a Geni:

– Você viu Geni? Essa mulher é o tipo ideal para aquele comercial sobre turismo... Corre atrás dela e pega o telefone, o endereço...

Geni olhou estranhamente para ele e, percebendo que tentava disfarçar seu interesse pela aeromoça, disse com certa rudeza:

– Eu não. Vá você, se quiser...

André saiu correndo atrás de Juliana, mas era tarde, o carro já partira. Parado na porta do hotel, vendo o automóvel distanciar-se, teve uma vaga sensação de perda, uma impressão de estar revivendo algo que já ocorrera antes, e isto lhe provocou estranho desespero, uma sensação de fim.

De origem humilde, André conseguira estudar e ascender social e profissionalmente. Tipo bonito e atlético, era dono de uma pequena produtora de comerciais e vídeos institucionais, e aos 28 anos ainda conservava-se solteiro. Puro e sonhador só pretendia uma relação mais séria quando encontrasse a pessoa certa, sua alma gêmea, como dizia em tom de brincadeira.

Olhou mais uma vez na direção do automóvel em que Juliana partira, murmurando:

– Aquele olhar... Meu Deus, como mexeu comigo!

Por seu lado Geni olhava a foto que tirara das aeromoças quando conversavam no meio do set, aparecendo Juliana, em close, no momento em que André lhes dirigia a palavra. Com ela na mão, foi até a recepção sem perceber Anabel que estava de costas para ela, aguardando a chave.

– Como é o nome dessa aeromoça que acabou de sair? Perguntou ao recepcionista.

– Acho que é... Juliana.

Anabel, virando-se, observava Geni, tentando reconhecê-la.

– O que você quer com a Juliana? – Perguntou com ar desconfiado.

Geni havia reconhecido Anabel, mas não querendo demonstrar respondeu, procurando disfarçar o tom da voz e a maneira de falar.

– É que o André, dono da Produtora, está querendo fazer um comercial com ela.

Anabel pensou um pouco e respondeu:

– Não sei se ela topa... Mas eu vou te dar o endereço da mãe dela, a Dra. Telma.

Vendo que Anabel procurava um papel, Geni ofereceu as costas da foto, onde a jovem escreveu o nome e endereço da Dra. Telma.

– Eu te conheço de algum lugar? – Perguntou Anabel devolvendo a foto.

Geni fez de conta que não ouviu. Olhou o nome e endereço, comentando:

– Dra. Telma Munhoz... É uma médica, não é?

– É sim... Você conhece?

A resposta de Geni foi fria.

– Não, não conheço. Obrigada pelo endereço.

Retornando ao set Geni colocou a foto debaixo de outros papéis que havia em sua prancheta, apressando-se a ir ao encontro de André. Não queria que visse Anabel e fosse buscar informações sobre Juliana.

– O que há com você? – Indagou André estranhando as atitudes da jovem.

– Nada... Nada. Eu fui atrás do telefone dela...

– Conseguiu? – Perguntou ansioso.

– Ainda não... Mas pode deixar que eu consiga. Vem, vamos aproveitar para gravar, agora que está calmo.

Observando que Geni estava com razão, preferiu deixar o assunto para mais tarde.

– Está bem. Mas depois quero ter uma conversa séria com você. Não estou gostando nada das suas atitudes.

Fazendo um simulacro de mesura, Geni respondeu com leve tom de ironia.

– Tá bom, “seu André”!”

Capítulo 2

“Em seu apartamento, no hotel, Anabel assistia a um noticiário na TV. Mulata, de origem popular, era uma beleza tropical que chamava a atenção. Corpo bem feito, cabelos negros e ondulados marcando as linhas perfeitas do rosto, impunha sua presença pelo jeito decidido e uma honestidade que aparecia à flor da pele. Sabia exatamente o que queria, sem que isso a tornasse insensível.

De repente, estremeceu. Na tela, uma foto mostrava vários adolescentes na frente de uma casa velha, enquanto o locutor fazia uma narrativa sobre a infância e adolescência de um bandido que acabara de fugir espetacularmente da prisão. Em seguida, outra foto mostrava-o numa pose de galã de favela, meio de lado com uma das mãos na cintura.

Anabel segurou a respiração para não perder uma palavra do que dizia o locutor.

– O nome é Rico Chaves, mas é conhecido como Riquinho, porque desde adolescente sempre gostou de andar bem

vestido. Começou praticando pequenos furtos para comprar roupas e sapatos que a mãe, parteira de bairro proletário, não podia lhe dar. Acabou internado na FEBEM, mas fugiu antes de completar 17 anos. “Viveu de pequenos furtos, até envolver-se com assaltos e tráfico de drogas...”

Anabel sentiu como se todo um passado voltasse naquelas fotos. Lembrou-se da tarde em que foram tiradas. O pai, bêbado como sempre, desde que sua mãe morrera, não queria que ela ficasse na rua. Mas era angustiante o seu lar. Seria mesmo um lar? Seu coração de adolescente começava a despertar junto com o corpo que tomava formas de mulher e, aquele homem, ali, de copo na mão, parecia olhar para ela de forma estranha, como se lhe desejasse o sexo desabrochante. Mas... Era seu pai. Não havia o que temer... Ou havia?

Quando o pai arriou-se sobre a mesinha, saiu de mansinho, indo juntar-se aos outros que brincavam de “pêra, uva ou maçã”.

Lembrou da emoção que sentiu quando Riquinho a escolheu. Seu coração batia forte e a voz engasgava na garganta. De soslaio, podia observar o olhar de ciúme que lhe dirigia Geni. Riquinho namorava Geni, mas era o galã dos sonhos das meninas do bairro. Desconfiava que o garoto tivesse uma queda bem forte por ela e essa suspeita foi confirmada quando, no desenrolar da brincadeira, ele teria que beijá-la. Riquinho ficara todo sem jeito, mas com a insistência da turma, agarrara-a com força, dando-lhe um longo beijo na boca, com gosto de paixão. Para ela, fora o primeiro... Que nunca seria esquecido.

O vozeirão do pai, gritando na porta da casa, interrompera aquele enlevo:

– Anabel, já pra casa, sua vagabunda!

Anabel estremeceu, retornando de suas lembranças. Um sorriso temperado de tristeza pintou em seus lábios. Na TV, o locutor concluía:

– A fuga foi simplesmente espetacular. Riquinho saiu da prisão vestido de padre, deixando o verdadeiro em seu lugar. Mas um policial percebeu a troca e deu o alarme. Mesmo assim o bandido conseguiu apossar-se de um veículo da própria polícia, escapando em meio a uma saraivada de balas. Até o momento não há qualquer pista do fugitivo.

Anabel permaneceu por longo tempo recordando aquele passado que o noticiário veio arrancar dos seus arquivos mentais. Lembrou-se do tempo em que esteve internada numa unidade da FEBEM, onde se destacou por sua inteligência e vontade de vencer, recebendo ajuda de pessoas importantes. Conseguiu estudar, aprender boas maneiras e... Sorriu ao lembrar-se de quando conseguiu realizar seu grande sonho, passar no concurso para aeromoça. Ela e Juliana voaram juntas por quase um ano, sofreram um acidente, que não deixou vítimas, mas aproximou-as mais ainda, apesar ou talvez por causa das diferenças de natureza entre as duas. Juliana era sensível e romântica, embora de um romantismo com os pés no chão, ao passo que Anabel era prática, decidida e até mesmo impertinente... Do tipo que não leva desaforo para casa.

Sorriu de suas lembranças, um sorriso de quem passou por ásperos caminhos e soube passar.

Capítulo 3

“Nesse mesmo dia, à noite, André preparava um VT sobre Turismo, debatendo com Geni a respeito de quem deveria ser o narrador e personagem principal.

A jovem tentava persuadi-lo a colocar um homem nesse papel. Era a grande oportunidade que se delineava de aproximar Riquinho da Produtora.

Ambiciosa e sem escrúpulos, Geni sempre sonhara em casar-se com um homem rico para desfrutar-lhe os bens e ao mesmo tempo sustentar o amante, sua paixão bandida. Mas estava difícil encontrar um ricaço que se dispusesse a casar com ela. Quando conseguiu aquele emprego resolveu mudar um pouco os planos, ou melhor, minimizá-los, colocando André na mira e usando toda a sedução de que era capaz para levar a cabo suas intenções. Até o momento só conseguira levá-lo para a cama, e sabia que seria muito difícil esticar esse caminho até o cartório. Sem ser feia, era um tipo vulgar. Tinha um corpo bonito, sensual, e era essa a arma com que mais contava.

Quanto a Riquinho achava que não seria difícil encontrá-lo no caso de André concordar em vê-lo.

Mostrando a foto do amante, observava André de soslaio, procurando sacar suas intenções, enquanto dizia:

– Esse é o cara de que falei. Rico Chaves.

André mal olhou a foto. Estava fixado na imagem de Juliana, vendo naquela oportunidade a melhor forma de aproximar-se da jovem. Com um gesto de negação, disse em tom sonhador:

– Não, não. Prefiro uma bela mulher, com os olhos azuis como os céus do Ceará, surgindo por trás das dunas. Um porte de Rainha...! E atrás, ao longe, o reflexo do sol nascente brilhando nas águas tranqüilas do mar... Ao lado, um coqueiro tremelicando as folhas ao toque suave dos ventos matinais.

André surpreendeu-se consigo mesmo. Sempre achou que era pouco dado à poesia, mas aquelas colocações brotaram de sua alma com um poder jamais imaginado.

– Hein, Geni? Exclamou com entusiasmo apaixonado. – Não está colossal?

A jovem tentou disfarçar a raiva

– Ah, muito piegas, para o meu gosto – exclamou. – Eu prefiro um homem...

Um homem rude como a natureza agressiva, a pele tostada pelo sol, o vento forte soprando a areia das dunas e ele, assim no alto, a silhueta recortada num céu azul e o barulho das ondas quebrando nas pedras... Imagine André, a força dessa imagem! Vai ficar uma coisa diferente, grandiosa, forte como o sol desta terra.

André vacilou, tocado pela argumentação de Geni, mas recobrou-se rapidamente. Esse comercial seria o veículo de sua aproximação com Juliana. Não abriria mão dele.

– Não, Geni. Essas imagens de um deus mitológico não combinam com nossas paisagens...

– Pois eu acho o contrário. Esse deus das dunas vai atrair muito público feminino. E olha que na hora de decidir as férias... Sempre quem escolhe é a mulher.

André estava ficando irritado com a solidez dos argumentos de Geni. Não queria ouvi-los.

– Vamos ver isso depois, respondeu com certo mau humor, voltando para a ilha de edição, a fim de continuar um trabalho encomendado pela Secretaria da Saúde sobre sexualidade feminina, fertilização e desenvolvimento do feto. No vídeo, rolava a gravação de um debate entre uma psicóloga feminista e a Dra. Telma Munhoz, médica obstetra e artista plástica, nas horas vagas.

– Não é fácil para qualquer mulher optar pelo aborto – dizia a psicóloga. – Muitas vezes é o próprio destino dela que está em jogo, seu futuro, sua profissão, seus sonhos... De outras vezes, é a situação miserável. Com que direito ela iria trazer ao mundo mais uma criança para passar necessidade?

– Matar a criança para ela não sofrer... – Comentava Dra. Telma, com leve toque de ironia. — Não é por aí. Seria melhor não fazer a criança, não acha? Ou então, já que fez... Deixá-la viver, mesmo que depois de nascida seja dada em adoção.

André não conseguia concentrar-se no trabalho. Deu pausa, voltando-se para Geni.

– Você me prometeu arranjar o endereço daquela aeromoça... A Juliana.

Geni acostumada a mentir, respondeu tranqüilamente:

– Eu já tentei, mas eles não informam endereço de tripulantes. É norma.

Para desviar de um assunto que não lhe convinha, Geni fez-se insinuante, dizendo com jeito dengoso:

– Fique tranqüilo, gato, que eu acabo conseguindo. Não sabe que eu sempre consigo tudo que quero?

Foi se aproximando, toda sensual. André, girando a cadeira, deu-lhe as costas. Não estava a fim... Seu pensamento ficara preso em Juliana, naquele olhar com reflexos azuis.

– Não amola, Geni, estou trabalhando, resmungou.

André deu play e o debate continuou no monitor. Geni sentiu perigo no ar. Insinuou-se mais. Precisava ganha-lo de qualquer jeito e sabia que o sexo era a sua melhor arma. Aproximou-se pelas costas, massageando-lhe os ombros. André virou-se, disposto a rechaçá-la, mas deu de cara com o busto da jovem, os seios se oferecendo e... Acabou cedendo. Num misto de raiva e desejo, começou a tirar-lhe a roupa, encostando-a num móvel. Alguns objetos caíram inclusive à prancheta onde ela havia escondido a foto de Juliana com o endereço da Dra. Telma. Os dois, nas ânsias de sexo, rolaram para o chão.

Na ilha de edição, a fita continuou rodando com o debate. Era a vez de a psicóloga atacar com um argumento que lhe parecia infalível:

– Ah, mas não se pode impor uma gravidez à mulher. Ela tem o direito de decidir sobre o próprio corpo.

– Só que o feto é outro corpo – rebatia Dra. Telma. – É outra pessoa, com características próprias, personalidade própria. Ele tem até impressões digitais.

Interrompeu-se por instantes, continuando, com emoção:

– Imagine só... Impressões digitais... É a sua identificação como indivíduo, como gente.

Sorriu suavemente ao continuar:

– Sabia que o coração dele começa a bater lá pelas três semanas de gravidez? Os bracinhos vão se formando, as

pernas, os pés... Com um mês e meio já dá para fazer um eletroencefalograma. Ou seja, o cérebro já está funcionando. Com três meses já é um ser humano completo. Só lhe falta crescer.

Mais uma pausa e a médica concluía com ênfase:

– Se uma mulher resolve cortar fora um dedo, arrancar o nariz... O problema é dela, são partes do corpo dela. Mas o feto não. Ele é outro corpo, outra vida, outra pessoa. Até o sangue dele não é o mesmo da mãe.

Ao passar para o banheiro, Geni desligou o vídeo. André, estendido no chão, sentia-se irritado. Parecia-lhe haver traído Juliana. Sem perceber, disse em voz alta:

– Que loucura! Como posso trair alguém que nem conheço?

Levantando o corpo, sentiu algo preso às costas. Era o retrato de Juliana que havia caído da prancheta.

– Meu Deus, é ela! Exclamou, vibrando de contentamento.

Passada a primeira emoção de encontrar um retrato de Juliana, assim, como se fosse um presente dos deuses, perguntou a si mesmo:

– Como é que esse retrato veio parar aqui?

Virou-o, curioso, deparando com o nome e endereço da médica cuja entrevista estava editando.

– Dra. Telma... Será que ela tem algo a ver com a Juliana?... E a Geni? Por que me escondeu isso?

Olhou na direção do banheiro com ar de quem estava entendendo a coisa e guardou a foto.

De volta, Geni começou a apanhar os objetos que estavam no chão. Pegou a prancheta, procurando logo pela foto que havia escondido embaixo dos outros papéis.

– Perdeu alguma coisa? – Perguntou André, como quem não quer nada.

– Não... Só umas anotações!...

– É isto aqui que está procurando? – Inquiriu em tom raivoso, mostrando a foto.

Geni levou um choque, mas reagiu. Tentando reverter à situação indagou em tom de acusação:

– Onde achou? Anda mexendo nas minhas coisas, é?

Olhando friamente para ela, André perguntou com dureza:

– Como conseguiu isso?

Geni procurava alguma explicação plausível, sem encontrar, enquanto André virava a foto mostrando o endereço:

– O que tem a Dra. Telma a ver com ela?

A jovem percebeu que era melhor dizer a verdade, e respondeu de má vontade:

– É a mãe dela...

Surpreso, André olhava para auxiliá-la, enquanto sua expressão ia ficando furiosa.

– Por que me enganou?... Sua vadia!

Geni reagiu rapidamente. Não estava a fim de perder a parada que, para ela, significava o futuro que sonhara. Precisava passar da defensiva para o ataque. Fez aquela expressão de quem se defende de uma injustiça, exclamando:

– É claro que eu tinha que enganar. Você ficou feito um panaca, todo derretido por aquela quenga... Só estou defendendo o que é meu.

Aproximou-se, ondulando o corpo sensual. Agarrou-o pelo pescoço, tentando beijá-lo, afirmando:

– Não vou te dar para ninguém, fique sabendo.

Furioso, André desvencilhou-se, gritando:

– Está louca, Geni? Você não é minha dona.

Colocou a foto no bolso da camisa e desligou os aparelhos, preparando-se para sair. Percebendo que estava perdendo a parada, a jovem aproximou-se, com expressão humilde.

– Me perdoa Gato... Perdoa! Eu fiquei desesperada, gatinho; fiquei morrendo de ciúme. Você estava se babando todo por ela...

André respirou fundo, dizendo em tom frio e autoritário:

– Depois nós conversamos Geni.

Saiu, deixando-a pensativa, preocupada, procurando uma solução.

Torcendo um cacho do cabelo pintado de louro, Geni foi até o banheiro, olhar-se no espelho: a pintura do cabelo estava ótima; a pele morena quase clara pela ausência de sol estava bem tratada; a cintura esguia, os seios firmes e um bumbum de botar inveja até na Carla Perez. Sorriu para si mesma, movimentando-se diante do espelho com uma sensualidade estudada.

– Ele não pode me trocar por aquela zinha... Eu sou muito mais mulher.

Não estava apaixonada por André. Só não queria perder o que entendia ser o seu filão, mas... Também não abria mão de Riquinho. Dois anos mais velha que ele, morria de medo dos anos vindouros, temendo que a idade, quando começasse a se mostrar em seu físico, levasse o amante a deixá-la. Daí o seu empenho em resolver a situação de forma a que Rico ficasse dependendo dela.

De repente, umas batidas suaves na porta quase lhe arrancaram um grito. Preocupada, foi abrir.

– Riquinho! – Exclamou, surpreendida. – Você aqui? ... É perigoso!

Riquinho foi entrando enquanto dizia:

– Me deixaeu entrar, Geni... A polícia está atrás de mim.

– A polícia? — Perguntou assustada. – Eles estão na tua pista?

– Não pergunta tanto e me ajuda, está?

– Aqui não dá pra te esconder, Rico. É perigoso. Alguém pode te ver.

– O patrãozinho saiu, eu vi. E depois, só estou precisando de uns dias... Até me esquecerem.

– Mas aqui não dá, insistiu Geni.

A saudade, porém, e aquela presença ali, viva, pulsante, acendia seu desejo. Acabou concordando:

– Só esta noite, está bem? Acho que ele não volta hoje. Amanhã eu arranjo um lugar pra te esconder.

Geni diminuiu as luzes e os dois se agarraram com a fúria de um desejo longamente reprimido.

Capítulo 4

“Diante da casa de Telma, André sentia-se constrangido. Como iria explicar-lhe o interesse por sua filha?

Já estava a ponto de desistir, quando a porta se abriu e a médica atravessou o jardim, vindo em sua direção.

– Seu André?... Teve algum problema com a gravação?

– Não, não... Eu vim aqui, por que... Eu preciso falar com a senhora.

Embora estranhando, Telma convidou André a entrar. A casa era simples, mas em tudo se observava um toque de bom gosto.

– Toma um chá? Estava justamente fazendo um para mim.

– Aceito sim, obrigado.

Conversa vai, conversa vem, até que André criou coragem para tocar no assunto. Explicou que estava precisando de um modelo para um comercial sobre turismo e achava que Juliana seria o tipo ideal. Telma informou-lhe que a filha devia chegar à sexta-feira e que ele poderia telefonar-lhe no sábado. Já passava das nove da noite quando André despediu-se da médica, encantado com seu papo agradável e com a beleza das suas pinturas, mas, principalmente, com a expectativa de poder em breve rever Juliana.

No dia seguinte ao chegar à Produtora já encontrou Geni a postos, toda eficiente, querendo agradecer como profissional, achando que por esse caminho talvez conseguisse segurar o emprego e o possível marido. Mas André despediu-a, sem querer ouvir qualquer justificativa.

Saiu furiosa, jurando a si mesma vingar-se de alguma forma terrível, considerando André e Juliana culpados pelo desabar dos seus castelos, a destruição dos seus sonhos.

Capítulo 5

“A paisagem árida deixava o dia ainda mais quente. O asfalto parecia ferver diante do veículo, cansando os olhos de Juliana.

– Quer que eu leve? – perguntou Anabel.

– Dá para eu levar até lá. Você dirigiu a noite quase toda. Está mais cansada que eu.

Anabel observou melhor à amiga. Nem mesmo o cansaço conseguira apagar aquela luminosidade que lhe era característica. Mas havia algo mais... Algo que lhe cantava na voz e irradiava-se pelos reflexos azuis do olhar.

– Eu nunca te vi tão feliz assim, comentou.

Juliana perguntou, com um sorriso.

– Não adivinha por quê?

– É o teu príncipe encantado, não é? Bastou um jantarzinho...

– Não foi só um jantarzinho – interrompeu Juliana, com ar sonhador. — Foi um jantar à luz da lua. E por música a sinfonia das ondas quebrando na praia, casando com o ruído das folhas dos coqueiros tocadas pela brisa... Foi divino.

Permaneceu silenciosa por instantes degustando aqueles momentos inesquecíveis. Depois continuou, dizendo com ar sério:

– Naquela noite houve um momento em que eu senti uma coisa muito estranha. De repente, nós estávamos num outro lugar, com tudo diferente... Outra época...

– Acho que você está variando, amiga – interrompeu Anabel.

– Também com esse sol, essa caatinga interminável... Isto deve ter mexido com a sua cabeça. Aliás, ainda não entendi porque você quis vir de carro.

Voltando ao presente, Juliana respondeu num tom de quem praticou um ato heróico.

– São Paulo a Fortaleza de carro... É um estirão! Eu nunca tinha feito uma viagem assim por terra e queria sentir isso, entende?

Fazendo um gesto largo com a mão, continuou:

– Isto é fantástico! Você vê o mundo por dentro e não por fora como a gente vê lá de cima. Você entra nas cidadezinhas, almoça num restaurante de beira de estrada, vê gente de todo tipo, se integra nesse mundo tão diferente do que nós conhecemos. Na estrada é o gado pastando, o rio, a ponte, o camponês de enxada ou foice na mão caminhando quilômetros, e a mulher arrastando a filharada atrás de si. É a vida, Anabel. Uma vida mais pura, mais verdadeira, sem hipocrisias. Quer saber? Estou adorando isto.

– Você devia é comprar um caminhão e ser caminhoneira.

– Se não fosse o medo dos assaltos, até que seria uma boa opção.

A paisagem começava a dar toques de verde. Cajueiros com seus longos galhos retorcidos, crescendo na horizontal. Mais adiante, mangueiras centenárias, gigantescas, carregadas de frutos verdes, outros começando a pintar de vermelho ou amarelo, parecendo pingentes enfeitando seus galhos.

– Estamos nos aproximando da costa – comentou Anabel.

– Falta muito?

– Pelas indicações, até Fortaleza ainda tem muito chão.

Duas horas mais tarde as jovens desciam do veículo em frente ao prédio onde ficava o apartamento alugado por Juliana.

Anabel, estranhando algo, circulou os arredores com o olhar. De repente, estremeceu, fixando-se na direção de um caminho que desembocava ali perto, dizendo com expressão estranha:

– Preciso ver uma coisa... Volto já para ajudar.

– Aonde você vai, Anabel?

– Não se preocupe... Eu volto já.

Anabel seguiu até o local que a intrigava, um caminho ladeado de cajueiros. Caminhou por ele, até avistar uma casa abandonada em meio ao matagal. O coração apertou pela presença do passado.

– Não é possível! – Exclamou para si mesma. – Isto é mais do que coincidência. Primeiro aquele noticiário com o Riquinho e, agora, a Juliana acha de alugar o apartamento justo aqui...

Lentamente, foi se chegando, cheia de recordações. Pareceu-lhe ver um vulto no interior, mas continuou, entrando devagar, com cuidado. Estava tudo em ruínas. Alguns móveis velhos, desmantelados, aqui e ali. Pelo buraco onde tinha sido uma janela viu o quintal tomado pelo mato, sufocando o pé de jasmim. Onde fora seu quarto, a um canto, restos de um velho álbum. Abriu e foi virando as folhas. Alguns retratos tão amarelecidos que mal dava para identificar as pessoas: seus pais abraçados, numa época em que eram felizes; ela, ainda bebê, nos braços da mãe; o pai chutando-lhe uma bola que ela tentava pegar... De repente, o coração deu um pulo. Riquinho, com ar conquistador, aparecia em meio a outros adolescentes. Sentou no chão, fortemente emocionada, apertando o retrato contra o peito.

Algumas lembranças que desejara matar brotavam com todo o colorido, na força da emoção que as registrara. Vinham nas imagens de uma tarde chuvosa, quando Riquinho e Geni a encontraram ali, chorando. Tinha apenas 13 anos e já sofria tanto. Seu pai, bêbado, a violentara. Sentia-se suja, completamente indefesa e sempre com medo dele voltar a atacá-la. Chegara a pensar em matá-lo se ele ousasse de novo.

Havia mesmo separado uma faca de cozinha para se defender. Mas o pior viera ao descobrir que estava grávida, fazendo desabar seu mundo... Um mundo tão pobre, tão sem perspectivas, mas ainda assim, podia ser enfeitado com o recurso dos sonhos.

Naquela tarde estavam os três nesse mesmo lugar, sentados no chão: ela, Riquinho e Geni.

– Para com esse choro e diga o que aconteceu – explodiu Geni, impaciente e enciumada.

– É que eu não sei o que fazer... – Respondeu com dificuldade, devido ao pranto.

– Diga logo o que aconteceu – repetiu Geni. – Não fique aí, fazendo teatrinho...

– É que... É que... Estou grávida...

Lembrou com nitidez o olhar de Geni para Riquinho, num misto de ódio e desespero. Pensava ser ele o pai.

Riquinho, talvez pelo grande carinho que sentia por ela, conseguiu chegar mais fundo e extrair a verdade.

– Foi seu pai, não foi?...

Percebendo que acertara, exclamou com ódio:

– Aquele desgraçado! Eu pego esse miserável!...

– Não, Riquinho – pediu, com desespero na voz e no olhar. – Não faça nada. Meu pai te mata e aí... Eu fico sem ninguém...

Observando a expressão enciumada de Geni, completou:

– Você é o único amigo que eu tenho.

Geni, aquietados os ciúmes, começava a sentir pena da vizinha e colega de folguedos.

– Aquele desgraçado! – Exclamou. – Deviam capar!

Riquinho, com os olhos cheios de ódio, tirando o canivete do bolso, passava o dedo pelo fio.

– Você acertou Geni. Um desgraçado que não respeita a própria filha devia ser capado. Botar na cadeia não adianta nada. O cara sai de lá e continua fazendo desgraça.

– Você vai tirar, não vai? – Perguntou Geni, olhando intencionalmente para sua barriga.

Riquinho exaltou-se, falando quase aos gritos:

– Não! Isso não!

Estranhando aquela atitude, Geni perguntou:

– Qual é Riquinho?... Só se ela fosse doida.

Um ruído qualquer fez Anabel voltar ao presente. Levantou-se, indo até o que tinha sido a sala da casa, onde colocou o álbum sobre um resto de cômoda.

Em outro aposento, único que permanecia mais bem conservado, Riquinho observava pela fresta da porta, de faca em punho. Ao reconhecer à jovem levou tal choque que deixou cair a faca. Anabel não escutou e continuou caminhando pela sala até tropeçar num resto de esteira que, de tão velha, estava desmanchando-se toda. Levantou-a do chão de forma automática, mas, ao reconhecê-la, atirou-a fora, horrorizada. De novo lembranças amargas lhe ocuparam a mente. Reviu o pai, morto, atravessado sobre aquela esteira, um fio de sangue correndo da boca e ela própria à beira de um ataque nervoso, enquanto Riquinho, com um pedaço de pau na mão, olhava horrorizado para o cadáver; o grito da Geni entrando e deparando com a cena e a seguir, seu olhar de cobrança para Riquinho que se defendeu:

– Ele estava forçando ela de novo...

Geni olhou com ódio para ela, e explodiu com o namorado:

– E tu tinhas que se meter, Riquinho? O que vai ser agora?

– Você tem que fugir! – Exclamou Anabel dirigindo-se a Rico.

Percebendo num relance que ia perder o namorado, numa decisão dramática Geni segurou-o pelos ombros, dizendo com firmeza:

– Eu vou com você, Rico.

O garoto desvencilhou-se dela num gesto rude, exclamando:

– Ficou doida, Geni?

Voltando ao presente, Anabel balançou a cabeça como a querer afastar aquelas imagens e saiu da sala e da casa. Rico, novamente só, esgueirou-se até a janela e ficou vendo a jovem afastar-se, assim como quem vê de longe o paraíso perdido. Mas recuperou-se logo, fazendo um gesto de quem quer livrar-se de pensamentos incômodos, reassumindo sua habitual postura de bandido.

Capítulo 6

“Sozinho na Produtora, André andava para um lado e outro, sem conseguir concentrar-se no trabalho.

– Isso é pior que uma doença – resmungou. – Doença, a gente vai ao médico, toma um remédio, se interna... Mas isto...

Veza por outra lançava um olhar na direção do birô, como quem deseja testar a própria força de vontade. Por fim, dando de ombros foi até lá, abriu a gaveta e apanhou o retrato de Juliana.

Sentou-se para melhor poder degustar o prazer de vê-la, mesmo numa simples foto. Depois de olhá-la por longos

minutos com expressão apaixonada e sonhadora foi até o calendário na parede, fazendo um x sobre mais uma data no final de uma seqüência de quinze, murmurando:

– Dezesseis dias sem te ver... Uma eternidade.

O toque do telefone arrancou-o do devaneio.

Enquanto isso, no apartamento das aeromoças, Geni, disfarçada de arrumadeira, acabava de colocar no quarto de Juliana um aparelho de escuta dentro de um vaso com flores artificiais. Em seguida, saiu tranqüilamente em direção à sala, mas parou, ouvindo Anabel ao telefone, dizendo:

– A Juliana me pediu para te avisar que ela chega hoje... Daqui a mais ou menos uma hora.

– Isso é com André – pensou, continuando a ouvir a conversa com terrível expressão de ódio, rosnando para si mesma: – Aquela desgraçada me paga!

– Bom, o recado dela é para você apanhá-la no aeroporto – dizia Anabel, concluindo: — Ela disse também que aquela viagem a Jeri está de pé.

A muito custo Geni conseguiu controlar-se e, ao ver Anabel desligando o telefone, entrou na sala, dizendo:

– Já terminei a faxina.

Sem nada desconfiar, Anabel pagou à diária. A Geni parecia que aquele dinheiro lhe queimava a mão, remexendo em seu orgulho. Recebeu-o, no entanto, com meio sorriso, lançou mais um olhar de ódio para o apartamento sem que Anabel percebesse e saiu ruminado pensamentos de vingança.

“Hora e meia mais tarde vamos reencontrá-la numa lanchonete próxima, consultando pela milésima vez o relógio, enquanto na ponta da rua aparecia o carro de André, vindo

estacionar em frente ao prédio. Quando o casal desembarcava, aproximou-se com movimentos voluptuosos e jeito dengoso. Olhando Juliana, com expressão de desdém, virou-se para André, dizendo com meio sorriso:

– Oi, André...

André não gostou do encontro, mas não podia furtar-se às apresentações.

– Juliana, esta é a Geni... Ela trabalhou um tempo comigo na Produtora.

Geni correu o olhar por Juliana da cabeça aos pés, dizendo em tom levemente irônico:

– Huuummm... Está bom... Espero que sejam muito... Felizes.

Deu as costas e saiu andando lentamente, caprichando na ondulação do corpo. Juliana sentiu perigo no ar.

– Estranha essa garota – comentou.

– É... Não é flor que se cheire. Eu saí algumas vezes com ela, antes de te conhecer. Ela tem uma natureza má, mesquinha. Tive de mandá-la embora.

Juliana sentia-se envolvida numa atmosfera pesada. Estava apreensiva, como que antevendo algo ruim.

– Ela tem alguma coisa estranha, perigosa. Quando olhou para mim, senti um calafrio. Arrepiei-me toda.

Mostrou a André o braço arrepiado, dizendo com ar preocupado:

– Essa mulher é perigosa, André. Tome cuidado.

– Que é que ela pode fazer? Nada.

Mas não estava muito seguro do que dizia. Também sentira um calafrio com a presença de Geni, entretanto, não queria estragar aquele momento. Juliana permaneceu alguns

instantes parada, olhando com ar apreensivo na direção em que ela saía. Por fim, sacudindo-se de leve como a jogar longe as más impressões, entrou no prédio com André, seguindo em direção ao elevador.

Em cima, no apartamento, Anabel foi receber o casal na porta.

– Oi, Juliana! Você é o André... Claro!

– E você é o nosso anjo guardião.

– As asas já começaram a crescer, mas ainda não dá para voar – respondeu Anabel, alegremente.

Rindo da brincadeira, as duas seguiram para o quarto de Juliana, recomendando ao moço para ficar à vontade.

– É um gato esse André – elogiou Anabel, fechando a porta do quarto. – E é simpático.

Sorrindo contente com a aprovação da amiga, Juliana comentou com ar sonhador, enquanto ligava o chuveiro para um rápido banho.

– Eu nunca tinha conhecido alguém como ele. É especial... Muito especial.

– Só pode ser mesmo, para você se apaixonar desse jeito.

Juliana sorriu com o rosto e a alma. Permaneceu silenciosa por instantes, deixando a água correr-lhe pelo corpo, antes de continuar.

– Sabe Anabel, existe alguma coisa muito maior entre nós. Alguma coisa muito forte. Não sei explicar o que é.

– Imagina se soubesse! E o pior é que não é só você. O André está num pé e noutro. Telefona todo dia por notícias suas.

Satisfeita com a informação da amiga, sorriu novamente, fechando os olhos, como que antevendo felicidade.

– E quais são as novidades por lá? – Perguntou Anabel.

– Nada de novo. Só a Fernanda... Fez um aborto e quase morreu. Faltou pouco. Aquela não aprende!

– Pois ela é que está certa.

Juliana estranhou o tom da amiga.

– Acha certo matar o próprio filho? Credo, Anabel!

– Que filho, Juliana? Um feto é só um pedaço de qualquer coisa que botaram dentro da gente.

O tom da voz tinha algo profundo e dolorido. Era um lado de Anabel que ela ainda não conhecia.

– Não fala assim – pediu. – O feto é um ser vivo, é uma pessoa em formação, é um filho.

A resposta de Anabel veio um tanto violenta, agressiva, cortante.

– Que a gente não pediu!... Não quis...!

Juliana entendeu haver tocado em alguma ferida.

– Desculpe amiga – pediu. – Não quis te machucar.

Anabel respirou fundo, procurando relaxar.

– Que é isso? Eu é que preciso me desculpar.

Juliana fechou o chuveiro e enrolou-se na toalha, saindo do Box. Olhando a colega com carinho, pediu:

– Conversa boba essa. Quando eu voltar, a gente bate um papo melhor. Aí você me conta, está bem?

Anabel baixou os olhos. Não gostava desse assunto, mas também não queria ser grosseira com a amiga, de quem gostava como se fosse sua irmã.

– Tem nada de importante para contar. Eu já te falei sobre o meu pai. Se não tivesse feito aborto... Teria tido um filho dele. Só isso.

Juliana ficou parada, olhando a amiga, sem saber o que dizer. Por fim balançando a cabeça foi até o armário apanhar uma roupa para se vestir, comentando em voz baixa: – Só isso...

Capítulo 7

“Estatelado na cama de Geni, Riquinho ouvia rádio. A figura rude, o cabelo oxigenado e as roupas incrementadas não destoavam do resto do aposento. Altura mediana, uma pose interpretada imitando bandido de filme, dava-lhe um toque desagradável. Vez por outra consultava o relógio, dizendo algum palavrão.

Geni resolvera esconder o amante no que ela chamava de seu “apartamento”. Constava de quarto e banheiro e ficava num antigo prédio comercial que acabara transformando-se em residencial, onde cada qual aproveitava o espaço como podia. Finalmente, uma chave abrindo a porta indicava que Geni chegara. Riquinho caprichou na pose, perguntando com certa grosseria:

- Aonde andou? Estou aqui, doido por uma cerveja, e você batendo perna por aí.
- Que cerveja? – Perguntou Geni, irritada. – Vou tirar cerveja de onde? Estou sem um puto.
- E está trabalhando pra quê?
- Paguei a bodega... Sobrou nada.
- Tá vendo? É só você decidir e a gente bota a mão na grana.
- É perigoso, Riquinho. Não estou a fim de passar o resto da vida na gaiola.

Riquinho gostava da Geni à sua maneira. Talvez precisasse mais do que gostasse. Ela estava sempre a postos para atendê-lo: como companheira de alguma aventura, como mulher e mesmo arcando com suas pequenas despesas. No momento, precisava mais do que nunca, já que ela o estava mantendo e escondendo da polícia. Além disso, vinha ruminando planos de uma viagem a Bolívia para trazer uma partida de cocaína que lhe renderia muito dinheiro, mas para isso, a participação dela seria fundamental.

Deu uma ajeitada na roupa, no cabelo, olhou-se no espelho da cômoda e concluiu que estava irresistível. Aproximou-se, caprichando na pose de galã.

– Ora mia lôra... Perigo tem em toda parte. A diferença é que esse dá lucro, um dinheirão.

– E por que é que tu não vais só?

Segurou-a nos braços, esfregando a mão em suas costas, descendo até as nádegas.

– Um casal em lua de mel não desperta suspeita.

– Sei, não...

A tática parecia não ter surtido efeito desta vez. Geni estava tão cheia de ódio que não havia espaço para mais nada. Achava que Juliana era a culpada por André tê-la despedido e, com isso, destruído seus tão bem arquitetados planos. A vingança, para ela, estava acima de tudo. Afastou-se dos braços do amante, para melhor poder observar suas reações. Era um jogo duplo, onde cada qual queria tirar vantagem um do outro. Imprimindo na voz e na fala um tom confidencial, comentou, como quem não quer nada.

– Estou pensando é num outro servicinho, sem perigo nenhum. É numa Produtora.

– Corta essa Geni.

– Tá com medo de quê?

– Que medo! Eu lá sou macho pra ter medo? Não sou é trouxa. Você está é querendo me usar pra se vingar do chute que levou na bunda.

Geni estremeceu com a observação de Rico. O ódio crescendo dentro do peito parecia querer sufocá-la.

– Aquela desgraçada me paga! – Exclamou. – Estou no olho da rua por causa dela. Não fosse ela, hoje eu estava lá me dando bem... Armando-me pra ser a dona.

Virou-se para o amante, olhando firme dentro dos seus olhos.

– E é claro que você ia ganhar com isso, meu Rico.

Fez pequena pausa, antes de concluir.

– Mas ainda dá pra tirar uma lasca. Lá é cheio de aparelhos...

Riquinho fez um ar de desdém.

– Aquilo é material pra dar cana em quem for vender. É coisa de profissional... Difícil de passar.

Deu uns chutes na poltrona, com raiva.

– E não me enche mais com essa conversa. Tá aí com dor de cotovelo e quer que eu dê uma de trouxa.

Geni aproximou-se, com ar de dona, beijando Riquinho com violência voluptuosa, e comentou:

– A gente ainda chega num acordo... Aguarde-me.

Riquinho agarrou-a excitado e mergulhou em sua sensualidade, querendo sexo.

Capítulo 8

“As paisagens sucediam-se com suas peculiaridades. Sítios bem cuidados com automóveis nos pátios e as piscinas repletas de gente alegre nas curtições de fim de semana; casinhas de taipa, entupidas de moradores e de pobreza; crianças com enormes barrigas cheias de nada e a fome escrita em suas expressões. A natureza, porém, estava toda bela, naquele verde cheio de vida que ocorre depois das chuvas, contrastando com o branco das dunas cujas areias nem os ventos conseguem esgotar. A longa viagem, todavia, não cansava, pois o combustível era enriquecido com o aditivo do amor.

– O Ceará é cheio de praias bonitas, mas a minha preferida é Jericoacoara, comentou André. – Mas nós podemos ir de carro só até Jijoca. De lá para Jeri vamos de bugre.

– De bugre?... Por quê?

– Porque o caminho é por cima das dunas. Não dá para ir de carro.

– Que barato!

A conversa morreu no silêncio afetivo das presenças melhormente desfrutadas sem palavras.

A tarde caminhava a passos lentos e largos, quando finalmente o bugre desembocou sobre o mar, abrindo ante os viajores o grandioso encanto do oceano, visto de cima, fulgurando em milhões de lampejos prateados, refletindo os raios do sol. Parecia um festival de luzes naturais saudando os que chegavam.

Meia hora mais tarde os dois corriam pela praia, brincando como se fossem crianças felizes e despreocupadas.

Quando as sombras já se alongavam resolveram subir até os altos da duna mais alta, para verem os últimos raios do sol a se esconderem atrás das águas.

Vista lá do alto, a imensidão do mar também parecia brincar no alegre balouçar das ondas e o fazer e refazer dos lençóis de espuma. As últimas claridades do sol lançavam luz difusa em algumas nuvenzinhas quase na linha do horizonte, pintando-as de rosa-dourado, enquanto no horizonte oposto, a lua surgia enorme, prateada, começando a espalhar seu toque de mistério por sobre os ambientes.

Parecia que céu e terra, ar e mar, no misterioso momento do crepúsculo ofertavam ao casal o mais belo e impressionante dos espetáculos.

Os dois, de mãos dadas, quedavam silenciosos, sentindo-se pequenos ante a grandeza do que presenciavam. Depois que a lua mostrou-se inteira, em todo o seu esplendor, André, alisando suavemente as mãos da jovem, falou num murmúrio.

– Sabe Juliana. Pode parecer um lugar-comum, mas para mim é como se nos conhecêssemos desde sempre. Você e eu... Nesta praia... Ou em qualquer outro lugar.

Voltando-se para ele, Juliana fitou-o longamente, antes de responder.

– Pode ser lugar-comum para os outros, não para mim. Sabe, eu sentia saudade de você... Antes de conhecê-lo. Não é uma loucura?

– Talvez a psicologia explique isso.

– Pois eu acho que o coração tem razões, que a própria psicologia desconhece.

O trocadilho, dito assim, sem intenção, quebrou a solenidade do momento e os dois puseram-se a rir alegremente, começando a descer as encostas, não antes de dar mais uma olhada na lua, que seguia tranqüila seu curso, com toda a imponência que só uma grande e verdadeira rainha consegue mostrar.

Capítulo 9

“Estirado no chão Riquinho ouvia rádio, enquanto Geni, debruçada na janela, olhava sem ver o movimento da rua. Seu pensamento estava, como sempre, no objeto do seu ódio.

De repente, dando um giro rápido com o corpo, o punho fechado, bateu três vezes com o pé no chão, com força, como a confirmar alguma ordem mental. A expressão do rosto casava-se com o olhar malévolos, odiento.

– Que não vai logo matá galinha preta e bate pé no Terreiro?
– reclamou Riquinho com raiva, levantando-se. – Não gosto nada dessa palhaçada!

Com os olhos soltando faíscas, os dedos retorcidos como se fossem garras, Geni estava realmente assustadora.

– Qualquer dia te mostro a palhaçada!

– E não é?

Geni olhou fixo Riquinho, num olhar onde transpareciam ódio e maldade invulgares. Parecia um gênio das sombras, um demônio mulher, ao responder, quase num rosnado.

– Pode ter certeza que eles estão recebendo o recado... E é só um aviso.

Amansou um pouco a expressão e aproximou-se mais de Rico até quase tocá-lo, concluindo em tom firme:

– O nó mesmo, meu Rico... Quem vai dar é você.

Rico sentiu um calafrio correr-lhe pela espinha, mas não querendo dar demonstração, respondeu num berro.

– Ficou doida, é?

Com jeito dengoso e falando lento, Geni perguntou:

– Ainda está interessado naquela viagem... Lá pela fronteira?

Rico entendeu a proposta. Claro que estava interessado. Era uma questão de sobrevivência.

– Desembucha, vá!

Aproximando a boca do ouvido do amante cochichou-lhe algo, sem dúvida tão terrível que não tivera coragem de dizer em voz alta.

– Eu sou bandido, mas não pra esse tipo de negócio! – Explodiu Rico com raiva.

Percebendo que seria mais difícil do que supunha conseguir a participação do amante em seu sinistro plano, Geni achou melhor dar um tempo e, não querendo comentários desnecessários, fez de conta que estava com sono, atirando-se à cama, resmungando:

– Estou com sono, vou dormir um pouco. Quando acordar a gente conversa.

Rico deu de ombros, procurando esquecer a proposta da Geni, mas sabendo que ela voltaria ao ataque até conseguir o que queria.

Capítulo 10

“Em Jeri, André e Juliana contemplavam silenciosos o mar refletindo as luzes prateadas do magnífico luar. A noite estava divinamente bela, capaz de inspirar até mesmo os mais rudes corações.

– Seria bom se o tempo parasse, porque uma noite destas não deveria ter fim — comentou Juliana.

– Mas o bom do tempo é justamente isto. Ele não pára, está sempre mudando, oferecendo novos momentos, novas opções. E então podemos planejar e sonhar todos os sonhos que couberem em nossas cabeças e emoções.

Segurando-lhe ambas as mãos e olhando bem fundo em seus olhos continuou, dizendo com emoção:

– Acho que não é preciso dizer que te amo... Sabe disso, não sabe?

– Sei André.

Por sua vez, Juliana, puxando-lhe as mãos para o próprio peito, perguntou:

– E o meu coração? O que ele diz?

Fechando os olhos, André deixou-se ficar ali, sentindo o pulsar do coração que tanto amava envolto em felicidade.

– E então? – Insistiu a jovem.

– Ele diz que Deus, quando nos criou, nos ligou um ao outro por um fio mágico chamado amor. Mas como a lei diz que nada pode ser fácil, mandou um para o norte e o outro para o sul. Aí, Ele informou que teríamos de romper muito chão e muito gelo, a fim de podermos finalmente nos reencontrar... E nos amar.

Tocou-lhe os cabelos com as pontas dos dedos, o rosto, os lábios... As bocas foram-se aproximando, como atraídas por força irresistíveis, selando seu encontro, ou reencontro, conforme a colocação que fizera.

– Já tive muitas namoradas, muitas mulheres – comentou André, quando voltaram à caminhada. – Já fiz algumas sofrerem, já sofri por outras, mas agora é diferente, é amor de verdade... É um sentimento tranqüilo, mas seguro, forte, indestrutível.

Parou, segurando Juliana pelos ombros.

– É perene... Assim, como as águas do mar...

Não pôde continuar. Diante de seus olhos passou, num rapidíssimo lampejo, a imagem de um pé batendo no chão e, por trás, dois olhos malévolos, com reflexos de ódio.

Um calafrio correu por seu corpo fazendo-o estremecer.

– Que foi?... Que aconteceu? — Perguntou Juliana, preocupada.

— Me passou um calafrio... Uma impressão ruim...

André tinha a sensação de que algo terrível estava ameaçando seu amor. Algo indefinível, mas muito poderoso. Não queria assustar Juliana, mas achava que devia deixá-la de sobreaviso. Juliana, por seu lado, estava preocupada. Vinha sentindo perigo no ar e tinha a impressão de que se relacionava a seu romance com André.

– Que tipo de impressão? Perguntou, procurando não demonstrar preocupação.

– É assim... Como se tivéssemos ainda algum abismo escuro para cruzar, antes de podermos nos encontrar de vez. Não sei se você me entende.

Juliana estremeceu. Aproximou-se mais de André, abraçando-o.

– Oh, amor! O pior é que eu tenho a mesma impressão. Quando penso em você, quando me sinto assim, toda envolvida no teu carinho... De repente, é como se baixasse uma nuvem escura, pegajosa, malévola... E eu sinto essa maldade nos envolvendo, nos sufocando. Eu achava que era imaginação.

Aconchegando-se mais, pediu:

– Me abraça... Protege-me... Protege o nosso amor.

Abraçando Juliana com força André correu os olhos em volta, dizendo com emoção:

– Vamos pedir proteção às forças da natureza: ao mar, ao vento, às estrelas...

– E ao Criador de tudo isto – completou Juliana. – Que nos proteja que proteja o nosso amor.

Permaneceram assim abraçados por algum tempo, até sentirem-se mais tranquilos.

Soltando-se do abraço e encarando André de frente, Juliana disse com firmeza:

– Nós não temos que ter medo, André. O medo é um sentimento negativo. Abre caminho para situações ruins.

— Você tem razão. Pensamento positivo e fé na vida. Mas também... Ficar atentos.

A lua convidava e os jovens continuaram a caminhada, tocados por suaves ventos.

– Sabe Juliana – disse André. – Tem uma coisa que eu tenho vontade de te dizer desde o dia em que te conheci.

– O que é?

André custou um pouco a responder, procurando as palavras certas.

– Houve um tempo em que eu buscava um amor... Aquela pessoa que eu sabia que existia e que estava em algum lugar. Quando eu andava pela rua muitas vezes me surpreendia olhando nos olhos das pessoas que vinham em sentido contrário. Na verdade, eu estava procurando um determinado olhar. Não era a cor nem o formato dos olhos, era o olhar.

Segurando o rosto de Juliana entre as mãos e fixando-a nos olhos, concluiu:

– Era esse olhar. O teu.

Juliana não sabia o que dizer. Estava emocionada. Abraçou André fortemente, depois o beijou nos lábios. Mas a sua natureza alegre logo reagiu. Tinha sido muita emoção séria para uma só noite. Virando-se rapidamente saiu correndo, enquanto gritava:

– Pois vê se esse olhar não é mais rápido que você...?

André saiu no seu encalço, sentindo-se o mais feliz dos homens.

Capítulo 11

Dias mais tarde, em seu “apartamento”, Geni preparava-se para dar continuidade a seu plano.

– E aí? – perguntou a Riquinho. – Pensou na minha proposta?

– Eu já disse que sou bandido, mas não pra esse tipo de negócio.

– Pois é pegar ou largar...

Aproximou-se mais, fazendo-se insinuante.

– Eu acho que vale a pena. Você faz o servicinho pra mim e eu vou com você pra Bolívia... Buscar aquele carregamento tão precioso, que vai te render tanta grana... Hein?...

Levantando-se com jeito agressivo Riquinho ficou andando de um lado a outro, chutando o que estivesse no caminho. Com o canto do olho vigiava Geni, convencendo-se de que ela não iria mudar de atitude. Não gostava da idéia, porque tinha lá seus princípios, mas afinal... A “missão” que ela lhe impunha, poderia ter também os seus atrativos. Não custou muito a tomar uma decisão. Indo intencionalmente até a penteadeira, pegou um frasco de perfume, cheirou, perfumou-se todo e ficou parado, fazendo pose, olhando para ela que entendeu claramente a resposta, sorrindo diabolicamente.

Um mês mais tarde, Riquinho, com um frasco de perfume na mão, olhava-se no espelho da penteadeira de Juliana, fazendo aquela pose de galã de favela, que gostava de usar nos momentos que entendia serem importantes. Mal começou a perfumar-se, uma chave girando na fechadura da porta indicou que a dona da casa estava chegando. Mas ela não vinha só. Estava acompanhada de André. Riquinho correu a esconder-se no banheiro.

– Estranho... – Comentou Juliana, entrando na sala.

– Que foi?

– Um cheiro de perfume...

– Será que entrou alguém?

– Não... É o meu perfume. Devo ter deixado o frasco aberto.

Os dois encaminharam-se até o quarto. O frasco de perfume realmente estava aberto. Juliana fechou-o com expressão de

quem está achando algo estranho. André, aproximando-se da jarra com flores onde estava o aparelho de escuta colocado por Geni segurou-a, olhando-o com cara de quem não gosta.

– Eu vou te dar um arranjo de flores mais bonito.

– Mas esse é bonito!... Eu gosto.

André não respondeu, mas continuou com uma sensação levemente inquietante, como se algo ali estivesse errado.

“Deu de ombros indo apanhar um livro sobre Genética que estava em cima da cômoda, enquanto Juliana pegava um vestido no guarda-roupa, trocando-o pelo uniforme de comissária.

– Não sabia que você gosta de Genética — disse André, surpreso.

– Era a minha matéria preferida na faculdade.

– Por que não terminou?

– Não deu. Papai morreu e... Achei melhor deixar a Medicina para mais tarde.

– Pois você está convidada para ver um documentário que estou editando para a Secretaria da Saúde. É sobre fertilização e desenvolvimento do embrião e feto. É simplesmente fantástico!

Juliana olhou para André, alegremente surpreendida.

– Que legal André. Claro que eu quero ver. Eu acho esse assunto fascinante. Os primeiros momentos da vida, como ela começa, como se desenvolve.

E dando certa ênfase à voz, concluiu:

– E o que mais me encanta é que a ciência, por mais que se adiante, não consegue chegar ao fundo da questão... O que há

por trás... Qual é essa força soberana, esse mecanismo que faz tudo isto acontecer.

Acabou de vestir-se, comentando:

– É pena que eu tivesse que interromper a faculdade antes de entrar nessa matéria.

Olhou-se no espelho e ficou satisfeita.

– Que tal? – Perguntou.

— Você está divina, meu amor. Está mais linda que nunca.

Ela estava realmente bela. Não era só a roupa, era algo mais, uma espécie de luz interior que lhe dava um toque especial. Seguiram para a sala enquanto Riquinho passava para o quarto, muito interessado em observar o casal. Juliana ligou o som, colocando uma música suave, que falava em amor. André fez penumbra e começaram a dançar juntinhos, de rosto colado, desfrutando a mútua presença. Aquela música parecia ter sido composta e executada só para eles, para os seus momentos de amor. Ao chegar ao fim arrancou um suspiro da jovem.

– Não queria que terminasse... Nunca.

– Não vai terminar. Mesmo por que... Eu queria fazer de uma forma especial, diferente do resto dos mortais... Mas...

– Fazer o quê?

– Perguntar se quer casar comigo.

O casamento tinha entrado nos planos de Juliana desde que conhecera André. Mesmo assim, ficou um pouco surpreendida. E também emocionada, custando um pouco a responder.

– Pela tradição moderna eu deveria dizer que preciso de um tempo para pensar. Mas penso nisso desde que te conheci. Quero sim... Casar com você. Claro que quero!

André tirou do bolso um par de alianças. Colocou uma no dedo da jovem e esta colocou a outra em seu dedo. Estavam em frente um do outro, segurando-se as mãos.

– Sem nenhuma apelação – disse André, olhando-a seriamente nos olhos – eu quero estar com você na alegria, mas também na tristeza, nas horas leves e também nas pesadas... Nos erros, nos acertos, em tudo que vier...

Juliana sentiu a solenidade do compromisso, embora dito com simplicidade. Continuava percebendo perigo no ar, cada vez mais próximo. Respondeu com segurança:

– Eu digo a mesma coisa, amor. Quero estar com você... Em tudo que vier.

Um beijo selou a promessa. Uma promessa que seria difícil de ser cumprida. Mas a felicidade mudou rapidamente o clima solene em alegre.

– Precisamos comemorar, nem que seja com um brinde com água – exclamou André.

— Ah, eu acho que tenho uma garrafa de champanha na despensa. Vou ver.

Juliana saiu e André, aproximando-se da janela, ficou olhando as estrelas. De repente, uma fugaz, mas forte impressão passou novamente diante de seus olhos, em flashes rápidos, a figura de um pé batendo no chão e, por trás, dois olhos com brilho malévolo. Um clima de ameaça envolveu o local com aparência de mau pressentimento. Juliana, voltando da

cozinha, quebrou um pouco do encanto maldoso, dizendo alegremente:

– Achei amor. Botei no gelo.

André segurou-a pelos ombros, olhando-a longamente, num jeito de quase saudade. Finalmente, disse com seriedade:

– Eu quero pedir uma coisa a você, Juliana.

O tom deixou-a preocupada.

– O que é amor?

Segurando suas mãos, hesitou um pouco, procurando as palavras certas. Finalmente falou, com ênfase.

– Nós estamos assumindo compromisso um com o outro. Vamos ter uma vida em comum... Juntos. Seria bom fazermos um... Um voto de confiança um no outro. Confiar, ter paciência, relevar...

– Você está certo, amor – respondeu Juliana com convicção.

— Muitos casais que se amam profundamente acabam separados porque seus compromissos são mais cada qual consigo mesmo, com suas quimeras, suas razões, do que com a sua união. Na verdade, nem o amor ou a felicidade nos são dados de graça. A gente tem que lutar por isso.

– É isso mesmo, querida. Eu sinto que precisamos priorizar o afeto, o companheirismo, a compreensão.

Percebendo que havia deixado a noiva preocupada, procurou dar a suas palavras outra interpretação.

– Se esses valores não forem muito fortes, com o tempo a união se acaba... Ou azeda.

— A nossa não vai azedar nunca, amor. Prometo.

Um longo beijo acalmou um pouco a preocupação de André, acendendo o desejo sexual que vibrou forte entre eles. Beijou-

a na boca, no pescoço, avançando a mão em busca de zonas eróticas. Juliana afastou-o suavemente.

– Só depois do casamento amor.

Recompondo-se um pouco, explicou:

– Eu quero ter uma lua-de-mel de verdade.

André surpreendeu-se.

– Mas nós já...

– Isso não importa.

– Não é uma coisa ingênua demais para a nossa época?

– Pois eu acho que é justo esse ingrediente da ingenuidade que está faltando hoje em dia. Aquela coisa romântica, aquela expectativa de sexo menos fácil, entende?

André ficou pensativo por algum tempo, olhando a noiva com carinho.

– É isso mesmo que você quer?

Juliana fez sim com a cabeça.

– Está bem. Vamos então namorar como nos velhos tempos.

– Também não é assim – riu Juliana. – Não temos que ser tão radicais.

Dançaram mais algumas músicas e depois seguiram para a cozinha, em busca da champanhe. Enquanto André abria a garrafa, a jovem comentou a guisa de explicação.

– Sabe amor, eu acho importante chegar ao sexo depois de uma parada mais longa na estação do coração. Minha mãe diz que uma das grandes tragédias da humanidade está no sexo sem amor e sem cabeça.

– Sem cabeça? – Perguntou, rindo.

– Ela diz que as forças sexuais são energias criadoras, radicadas na alma, no psiquismo, e que se enraízam no

sentimento. Por isso devem atuar juntas, sexo com sentimento. Só que acima deles está colocada a cabeça, que deve orientar os dois.

Sorriu brincalhona, completando:

– É uma questão de hierarquia.

André riu da colocação. É claro que no caso deles havia sentimento, e muito. Mas ela tinha razão e mesmo que não tivesse, estava disposto a respeitar sua decisão. Apanhando a taça ergueu um brinde, colocando nas palavras toda a força do sentimento que subia do coração.

– Ao nosso amor...

O azul dos olhos de Juliana cintilava de felicidade, ao dizer:

– Que ele seja forte e perene como o mar e encantador como as noites de lua cheia.

– Que a nossa união seja perene... Cheia de encanto e alegria, complementou André.

Após o brinde, os dois conversavam alegremente, mordiscando pedaços de queijo, quando André comentou:

– Você não me disse como foi o vôo.

– Tivemos uma ameaça de bomba a bordo. Foi um sufoco.

– Como é que foi isso?

– A torre do Rio avisou nosso comandante. Um telefonema anônimo dizia que tinha uma bomba no avião. Aí pousamos de emergência em Vitória. Revistaram tudo de ponta a ponta. Não tinha nada...

– Oh, amor, você nem me contou.

– Não queria te preocupar.

Na sala, Riquinho, que ouvia a conversa escondido, segurando os órgãos genitais com ar canalha, disse em pensamento:

– Ela nem sabe a bomba que está aqui... Só esperando o noivinho ir embora.

Meia hora mais tarde, às despedidas, André perguntava depois de mais um beijo:

– Você viaja amanhã, não é?

– É... E volto depois de amanhã, lá pelas sete da noite. Vai me apanhar?

– Só não vou se aparecer algum trabalho urgente, de última hora. Se eu não for você me liga assim que chegar, está bem?

– Ligo sim, pode deixar.

André estava preocupado, sem saber a causa. Era uma inquietação que não conseguia definir.

– Você vai ficar bem, aqui, sozinha?

– Claro que vou! Fica tranquilo, tá?

André saiu depois de mais um beijo e Juliana seguiu para o quarto. Ligou o rádio, procurando uma estação onde tocava música romântica. Tirou a roupa, vestindo uma camisola. Sentou na beira da cama, espreguiçou-se e sorriu, com o coração repleto das lembranças da noite. Levantou a mão para olhar a aliança e ficou parada, muda de susto, ao ver Riquinho entrando tranquilamente no quarto, saindo do banheiro. Ia gritar, mas o marginal agiu rápido. Pulando sobre ela, tapou-lhe a boca com a mão enquanto com a outra, encostava-lhe uma faca na garganta, dizendo:

– Se ficar bem quietinha vai viver pra contar... Se não...

Colocou a faca bem diante dos olhos dela.

– Está vendo, boneca? Não é de mentirinha, não... Se der um piu, enterro ela nesse pescocinho lindo. O que seria uma pena.

Ato contínuo arrastou-a para o meio da cama deitando-se em cima dela. Juliana tentou reagir, lutando com todas as forças, mas o bandido fez mais pressão na faca afundando a ponta na pele delicada. Sentiu que não adiantava reagir. O miserável a mataria e depois faria com ela tudo o que quisesse.

Percebendo que dominava a situação o marginal afrouxou a pressão da faca, observando o filetezinho de sangue que corria do ferimento. Colocou a arma sobre a mesinha de cabeceira e estendendo a mão, até o rádio, procurou uma estação que tocava uma música brega, dessas bem imorais. Sorrindo satisfeito, aumentou o volume. Com olhar malévolo e ironia na voz, comentou:

– A lua-de-mel com o patricinho vai esperar... Primeiro é a minha vez...

Capítulo 12

Pronta para mais um vôo, Juliana preparou um remédio, fazendo uma careta ao ingeri-lo. Com ar preocupado, Anabel perguntou:

– Já te passou pela cabeça que esse mal estar pode ser gravidez?

O corpo de Juliana enrijeceu. Virando-se para Anabel, o olhar expressando a mais profunda angústia, pediu com ênfase.

– Não diga isso, Anabel! ...Nem brincando!

Anabel estava muito penalizada. A amiga não merecia o que estava acontecendo.

– Quando foi tua última... Menstruação? – Perguntou, com cuidado.

Abafada sob o peso que de novo ameaçava cair-lhe em cima, Juliana respondeu num suspiro:

– Está atrasada... Só uns dias...

O pavor quisera tomar conta dela desde que lhe passara pela mente a idéia de que talvez pudesse ter engravidado, mas forte e equilibrada como era, havia decidido não dar guarida a pensamentos que, sem dúvida, iriam desarmonizar o seu interior. Refletira muito após a violência que sofrera, decidindo-se ignorar o acontecido, enterrá-lo bem fundo, desintegrar aquelas lembranças e lavar-se por dentro. Mas, agora a possibilidade lhe acenava como ameaça, com todas as terríveis implicações com que se revestia, por envolver terceiros e seu próprio futuro. Não queria, porém, encará-la, e buscava outras justificativas. Procurando acreditar no que dizia, explicou:

– Mas ela sempre atrasa. Esse mal estar é só de fundo nervoso. Também... Depois do que aconteceu...

Anabel falou com dó.

– Oh, amiga, desculpa dizer, mas isso pode ser gravidez. Acho bom você começar a encarar essa possibilidade

Juliana revoltou-se. Era peso demais, esmagando-lhe a coragem. Já não bastava o que acontecera?... E agora vinham acenar-lhe com essa ameaça. Estava a ponto de cair em desespero, mas procurou controlar-se.

– Bota essa boca para lá, Anabel – pediu. – Por favor!

– Não quer desabafar, amiga? – Perguntou Anabel com carinho.

Percebeu que ela tinha razão. Precisava realmente dividir com alguém, para não entrar em desequilíbrio.

– Aquilo foi horrível demais, Anabel. A gente vê noticiários a toda hora: fulana foi estuprada, violentada...

Parou um pouco, remexendo o próprio interior, antes de continuar.

– Mas isso não nos toca... Não é na nossa pele. Não é o nosso corpo tocado pelas mãos imundas de um canalha qualquer... Não é a nossa intimidade que é rasgada pelo pênis nojento de um porco qualquer.

Ficou em silêncio, tentando engolir o nó que se formava em sua garganta.

– Não me quer falar mais sobre isso? – Perguntou Anabel, depois de instantes. – Talvez alivie um pouco.

Juliana respirou fundo. Andou pelo quarto, foi até a janela, ficando algum tempo em silêncio, antes de continuar.

– Eu me sinto invadida por alguma coisa suja, asquerosa... É um esgoto correndo dentro de mim, desde os órgãos sexuais, passando pelo coração, até o cérebro.

Enxugou as lágrimas com raiva, continuando:

– E no fluxo desse esgoto o olhar malévolos do canalha... A faca na minha garganta, a mão correndo meu corpo, nas partes mais íntimas... Aquela voz odiosa fazendo referências obscenas sobre meu corpo e, depois...

Juliana estava exaltada, falando com extrema revolta, quase aos gritos, com lágrimas represadas nas pálpebras.

– Depois aquela nojeira, aquela invasão interminável, abominável. Os movimentos lentos, maldosamente lentos... Depois violentos, agressivos, jogando aquela imundície dentro do meu corpo, da minha alma.

Anabel não sabia o que dizer. Sempre fora muito segura de si, mas agora não encontrava palavras para ajudar à amiga. Achou melhor abraçá-la, passando-lhe seu carinho, como o único remédio que tinha à mão. Esse gesto fez algo quebrar-se dentro de Juliana, rompendo o dique que aprisionava tanta dor. Chorou longamente, aliviando-se um pouco. Por fim, falou.

– Não vê Anabel, que eu preciso esquecer tudo isso? Eu preciso varrer esse lixo da minha memória, lavar minha cabeça por dentro, meu coração, meu corpo, minha alma... Tudo.

Segurando nos ombros da amiga, perguntou:

– Como é que eu posso esquecer isso, Anabel?... Diga-me!

– Oh, amiga, eu não sei o que dizer – tartamudeou. De repente, teve uma idéia.

– Por que você não conta ao André? Não confia nele?

– Confio. Claro que confio.

Caminhou um pouco, pensativa.

– Eu não tenho coragem, Anabel. Não quero poluir um amor tão bonito como o nosso.

Continuou num rompante, em ímpetos de revolta.

– Será que o céu ou o inferno decretaram que neste mundo-cão, amores grandes e puros não têm vez?

Acalmou-se aos poucos e depois de algum tempo, concluiu:

– Para mim, só mesmo o tempo e o amor do André... Seu carinho, sua pureza de alma vão poder limpar essa imundície do meu interior.

– Mas você precisa encarar a possibilidade de gravidez – disse Anabel, suavemente. E olhando a amiga nos olhos, perguntou: – Pode ser filho do André, não pode?

Juliana suspirou, desalentada.

– O pior é que não pode. Nós tínhamos resolvido não fazer sexo antes do casamento.

Anabel surpreendeu-se, mas achou que era uma boa oportunidade para fazer o ambiente ficar mais leve. Exclamou meio risonha:

– Não acredito! Isso parece coisa do século passado.

Juliana relaxou um pouco. Pensar em André era para ela uma terapia.

– Pode rir se quiser – disse, com meio sorriso.

– Quer dizer que teu casamento não vai ter sexo...? – Perguntou Anabel, brincando.

Juliana riu mesmo a contragosto.

– Que é isso, Anabel? Claro que vai ter... Imagina! Isso é só agora.

Animando-se um pouco, esclareceu:

– Nós queremos fortalecer o afeto, o companheirismo, entende?

– É... É uma idéia estranha, mas bem interessante. Só que eu continuo achando que você devia contar tudo a ele.

– Não, Anabel, eu não quero que ele sofra. Já basta o que eu estou sofrendo.

Juliana sentia que precisava reagir. Mergulhou fundo em si mesma buscando energia. Finalmente, para alegria da amiga, levantou a cabeça, como a desafiar o mundo, exclamando:

– Sabe de uma coisa? Eu vou parar de sofrer, vou esquecer tudo isso. Foi só um pesadelo, entendeu?

Apanhando um pacote de absorventes, colocou na maleta com gesto intencional, afirmando:

– Eu vou menstruar de hoje para amanhã... E tudo isso vai se apagar da minha memória. Você vai ver Anabel... Você vai ver!

– É assim que se fala Juliana — exclamou Anabel, satisfeita com aquela reação. E para mudar o rumo da conversa, perguntou:

– Está indo para onde?

– É um vôo fretado. Buenos Aires e Bariloche.

– Quantos dias?

– Uns cinco ou seis.

– Pois então, boa viagem. Estou torcendo por você.

– Obrigada, amiga. Eu vou voltar livre desse problema. Você vai ver!

Enquanto isso, em sua casa, Geni estava na escuta, ouvindo aquela conversa e sorrindo diabolicamente, com o sofrimento de Juliana. Mas ao ouvir sobre a possível gravidez da jovem teve um ataque de raiva. Furiosa, arrancou a fita do gravador, atirando-a no chão, pisando em cima, chutando-a e gritando, totalmente descontrolada

– Ah, desgraçada... Teve que engravidar, essa vaca!

Acalmou-se aos poucos, dizendo em voz alta:

– Deve ser só atraso mesmo... Ia ser azar demais. De qualquer forma Riquinho não pode saber.

Colocou a fita na lixeira, escondendo-a embaixo de outras coisas, e, limpando as mãos num gesto de nojo, foi buscar outra que colocou no gravador.

Capítulo 13

Anabel estava arrumando a cozinha quando ouviu Juliana entrar, indo para o quarto. Preocupada com a amiga foi até lá, encontrando-a desfazendo a maleta.

– E aí, como foi à viagem... O problema...?

A guisa de resposta, Juliana tirou o pacote de absorventes da maleta guardando-o na gaveta.

– Oh, amiga... E agora? — perguntou Anabel, com dó.

Juliana deu de ombros, com ar desanimado.

– Eu não sei...

– Por que não toma um desses remédios? – Já tomei, mas... Nada.

– Sabe que num caso como o seu, uma gravidez que resultou de estupro, a lei permite aborto.

– É... Acho que sim. Preciso ver isso. Eu vou falar com quem? Um advogado?

– Eu conheço um de confiança. É meu amigo.

– Você vai comigo?

– Claro. Quer ir agora?

–... É... Acho melhor ir logo.

– A gente aproveita para comprar um daqueles exames de gravidez.

– Não é preciso. Eu sei que estou grávida.

– De qualquer forma, vou comprar. Você faz se quiser.

Enquanto isso, a alguns quarteirões dali, Geni chegava a casa com Riquinho. Não querendo que o amante ouvisse a gravação da escuta que poderia conter referências à gravidez de Juliana, a jovem foi direto ligar o som colocando uma daquelas músicas bregas de que o casal gostava, convidando-o toda dengosa:

– Riquinho, meu gato, venha cá... Vem dançar comigo.

Sem lhe dar atenção, Riquinho foi direto ao gravador e logo mais estava ouvindo a conversa de Juliana e Anabel. De repente, deu um pulo.

– Gravidez?... Ai vai! Viu essa, Geni? Tua amiguinha está grávida.

Geni não queria que Rico soubesse. Mas, já que não conseguiu evitar, deu uma de interessada, indo ouvir o resto da gravação.

– Quer dizer que ela está grávida... – comentou Riquinho, desligando o aparelho. – Mas... Então... Esse filho é meu.

–Teu qual nada! É daquele namorado dela! – Exclamou Geni, procurando demonstrar tranqüilidade.

– Não, não é dele, é meu — afirmou Rico. – Os dois não estavam transando. Eu ouvi a conversa.

E concluiu com ares de grande conquistador.

– O papai aqui é mesmo competente.

Geni estava enciumada e com medo do tiro sair pela culatra, mas não queria que o amante percebesse sua aflição.

— É... Foi muito azar — resmungou.

Mas lembrando de outro detalhe, concluiu com certo gosto de vitória.

— De qualquer forma... Ela vai tirar mesmo.

O comentário fez Rico estremecer. Lembrou-se de quando era criança e assistira a um aborto feito por sua mãe, que tinha sido a parteira do bairro até transformar-se em “aborteira”. Curioso para saber o que significava aquele entra e sai de mulheres que se demoravam com a mãe num quartinho nos fundos da casa e depois saíam com jeito de quem estava doente, resolveu descobrir escondendo-se atrás de umas caixas, num canto do tal quartinho.

Foi terrível para um menino de 10 anos. A vida no bairro pobre fazia as crianças e jovens amadurecerem mais depressa. Mesmo assim, custou um pouco a entender o que significava aquilo. A paciente era uma adolescente, com cara de menina. Pelas frestas das caixas não dava para ver bem o que acontecia, mas dava para ouvir o ruído das curetas rasgando e raspando algo. Riquinho sabia que esse algo era o bebê. O cheiro de sangue fresco misturava-se ao de éter, fazendo o estômago do garoto embrulhar-se. Estava a ponto de sair correndo, mas sabia que se a mãe o descobrisse, a surra seria grande. Primeiro dela, que não economizava pancada e depois do padrasto, com o cinturão cheio de enfeites de metal. Suas costas já tinham marcas suficientes das surras que o velho lhe dava quando bebia e conseguia agarrá-lo.

Finalmente, depois de um tempo interminável, sua mãe e a mãe da garota saíram, deixando a paciente deitada na improvisada mesa de operações, para se recuperar. Riquinho foi saindo de trás das caixas, necessitado de ar puro, mas a curiosidade mórbida foi maior e deu uma paradinha junto a uma bacia com algodões e gaze sujos de sangue e... De olhos estatelados, não conseguia desviá-los do que via: uma

pequenina mão, do tamanho de uma das suas unhas aparecia em meio a um amontoado de coisas sanguinolentas. Aquilo não era possível... Devia ser uma visão, um engano dos seus olhos... Era horrível demais!

Lentamente, como que hipnotizado, foi aproximando a mão, com o dedo estendido, até tocar aquela outra mãozinha, para conferir se era mesmo de verdade. Era.

Com um estremeção de horror, recolheu a sua e saiu aos gritos, sem conseguir conter-se, mesmo sabendo o que isto poderia custar-lhe.

Voltando ao presente, exclamou raivoso:

– Tirar? ...Ah, não! Eu não vou deixar! Isso, nunca!

Geni estava furiosa, mas controlou-se. Conhecia outros meios para detê-lo. Como quem não quer nada, foi dizendo:

– Ah, é bem fácil de impedir. É só você ir à polícia dizer que estuprou a moça e que ela está querendo fazer aborto.

Riquinho olhou com raiva para ela, mas percebendo que estava com razão saiu andando pelo quarto, chutando o que encontrava pela frente.

Capítulo 14

As duas jovens acabavam de chegar do escritório do advogado. No quarto de Juliana, Anabel entregou-lhe o kit para exame de gravidez.

– Não quer aproveitar e fazer logo esse exame?

Olhando o kit com desgosto, Juliana atirou-o numa gaveta da cômoda, respondendo:

– Não. Quero, não.

Preocupada com a amiga, Anabel não queria deixá-la sozinha.

– Quem podia imaginar uma coisa dessas, hein? – comentou.

– Não deu queixa na Polícia, não fez exame no IML... Por isso a lei não vai permitir o aborto.

– Mas, isso está certo. Se não fosse assim, bastava qualquer mulher afirmar que foi estuprada e conseguir autorização.

– Você pode fazer um aborto clandestino – arriscou Anabel. – Tem nada de mais.

– Já pensei nisso... Mas tudo isso é horrível demais!

Juliana terminou de mudar a roupa e atirou-se na cama, chorando. Não estava conseguindo segurar.

– Isso parece castigo, Anabel. Mas, castigo de quê? Que foi que eu fiz? Eu sempre tentei ser uma pessoa íntegra. Sempre que posso, ajudo a quem precisa. Por que Deus tem que me castigar dessa forma?

– Deus... Que Deus? Sei lá se acredito nisso.

Sem prestar atenção ao comentário da amiga, Juliana continuou:

– É a minha vida que está em jogo, Anabel, meu casamento, minha profissão... Tudo. Isso não é justo!

Penalizada, Anabel procurou um cd com músicas suaves, colocando-o para tocar, enquanto dizia:

– Vê se relaxa um pouco. Deita e faz umas respirações profundas.

Ajudando Juliana a acomodar-se na cama, ia dizendo:

– Esqueça tudo isso, por hoje, tá? Fique só ouvindo a música. Não pense em nada... Procure relaxar. Pode deixar que eu faço a janta.

– Obrigada, amiga. Você tem sido mais que irmã para mim.

– Bobagem...

Anabel saiu e Juliana, deitada de barriga para cima, estirou bem os braços e as pernas, procurando relaxar. Começou um exercício respiratório, respirando profunda e pausadamente. O apartamento estava silencioso. No ar, só a música tranqüila, suave, tocando baixinho e o tique-taque do relógio de parede. Obrigou-se a um silêncio mental, a não pensar. Pouco a pouco foi se sentindo cada vez mais relaxada, mais leve, como se flutuasse. Aos poucos deixou de ouvir a música e em seus ouvidos só persistia o tique-taque do relógio, como se fosse o único som do universo. Lentamente, o cenário foi-se modificando, assim como numa fusão de imagens, e ela via-se deitada sobre uma mesa rústica dentro de um quartinho pobre. Sentia frio e estava muito fraca. O tique-taque do relógio havia-se fundido ao ruído contínuo do gotejar de sangue caindo numa bacia embaixo da improvisada mesa de operações. Sabia que acabara de sofrer um aborto clandestino. A polícia chegara, levando presa a “aborteira”, mas sem se dar conta do que acontecia nos fundos da casa. Estava inteiramente só.

Tentou levantar-se, mas não tinha forças. Estava ainda meio sedada e fraca pela perda de sangue. Em volta tudo era silêncio, menos o ruído do sangue que continuava gotejando na bacia. Abriu os olhos a custo, mas as imagens estavam desfocadas. O mundo exterior ia desaparecendo pouco a pouco, ficando só a consciência lúcida e, agora, as intermitentes pulsações do coração.

– Que frio, meu Deus – falou em pensamento. – Acho que estou morrendo... O coração já está falhando... Quanto tempo será que eu ainda tenho de vida?

O coração deu umas batidas descompassadas parando por fim, e ela começou a contar lentamente, calculando um número a cada segundo: um, dois, três, quatro...

Não sabia se estava acompanhando o fluxo certo do tempo em sua contagem, porque não tinha mais parâmetros para essa medição e aos poucos o pensamento foi ficando emperrado, como se estivesse enferrujado e ela sentia-se caindo num poço interminável...

Num esforço desesperado para retornar à vida, Juliana conseguiu sair daquele estado estranho, dando um grito de horror. Sentou-se na beira da cama, com os olhos esbugalhados. Estava apavorada. E foi assim que Anabel a encontrou ao entrar correndo, assustada.

– Que foi Juliana?... Que aconteceu?

Aos poucos, foi-se recuperando.

– Que coisa horrível, meu Deus! Que coisa horrível!

– Que foi que houve?

Juliana ficou olhando Anabel por alguns instantes.

– Acho que eu morri – disse, por fim.

O inesperado deixou Anabel boquiaberta, sem saber o que dizer. Será que a amiga estava perdendo o juízo? Também, como tanta pressão. Por fim conseguiu dizer:

– Fique calma, amiga... Você está estressada.

– Não! Não é nada de stress. Era eu mesma. Eu estava diferente, era outra pessoa, mas era eu... Entende? E eu morri.

– Fique calma, tá? Eu vou arrumar um calmante, falou Anabel em tom conciliatório.

Juliana deu de ombros, achando melhor não insistir. Ela também não sabia explicar o que acontecera.

Capítulo 15

Dias mais tarde, Juliana chegava de mais um vôo, dizendo alegremente a Anabel.

– Até que enfim, estou de férias.

– Conseguiu? Que bom!

Jogou a valise e a bolsa sobre a cama e foi até a janela, espreguiçando-se.

– Estou mesmo precisando descansar um pouco.

Olhando fixamente para a amiga, Anabel perguntou:

– E a gravidez... Já resolveu?

Juliana olhou-a com uma expressão indefinível, sem responder, e foi mudar de roupa.

– Desculpa amiga – insistiu Anabel, – eu não quero te pressionar, mas o tempo está passando e você precisa resolver esse problema...

Como não recebesse resposta, Anabel voltou à carga.

– Não se esqueça que você está grávida de um estupro. Pense bem nisso. O pai disso aí é um marginal... E, acabar com essa gravidez é até uma obrigação. Já pensou no código genético dessa criança? Pode ser um futuro bandido, um estuprador, como o pai. Se fosse você resolvia isso amanhã mesmo.

Juliana acabou de vestir-se, andou um pouco pelo quarto, indo até a janela.

– Talvez você tenha razão — disse, por fim. — Pôr no mundo uma criatura de sangue ruim... E o que é pior, feita de uma forma horrível como aquela.

Suspirou, continuando:

– É... Acho que vou mesmo fazer... Isso.

– Ótimo. Só assim você se livra desse problema. Vai poder recomeçar a vida, porque, olha, depois do acontecido, você estacionou.

– Estacionei, sim, Anabel... No Inferno.

Levantou a cabeça, com expressão decidida.

– Mas eu quero sair disso! Eu tenho que sair disso!

Depois de instantes, perguntou:

– Você conhece algum médico de confiança?

– Não. Mas a Nairzinha conhece e eu já peguei o endereço com ela.

Anabel trouxe o papel com o endereço. Juliana ficou olhando, sem coragem de pegar. Finalmente estendeu a mão, apanhando-o, mas devolveu em seguida.

– Me faz outro favor – pediu. – Marca para mim, tá?

Sorrindo dos escrúpulos da amiga, Anabel prometeu.

– Está bem, eu vou marcar logo para amanhã, se tiver vaga.

– Obrigada, amiga.

Anabel saiu para telefonar e Juliana para ir ver André.

Capítulo 16

André estava trabalhando na ilha de edição, quando Juliana chegou. Felicíssimo, correu ao encontro da noiva, exclamando:

– Oh, amor... Que surpresa maravilhosa!

Juliana aninhou-se em seus braços dizendo, quase num gemido:

– Ai, que saudade! Estava doida para me esconder assim, no teu abraço.

“Depois de matar as saudades mais prementes com beijos e carinhos, André desabafou.

– Oh, gatinha, não sabe como a minha vida anda vazia.

Ali, na presença do seu amor, tudo parecia mais leve a Juliana. Era como se os problemas se minimizassem e as dores deixassem de doer. Recobrando parte de sua habitual alegria, respondeu brincalhona:

– Pois agora vai ficar cheinha. Estou de férias.

Com um brilho de felicidade nos olhos, André exclamou:

– É mesmo?... Ah, maravilha! Então vamos poder nos ver todos os dias.

– Está vendo, amor? São as ondas, os ventos e as estrelas que estão nos protegendo.

Juliana aconchegou-se mais nos braços do amado.

– Estava com tanta saudade... Tanta, que estava doendo.

O temperamento de André, sem ser sisudo, não era tão brincalhão quanto o de Juliana, mas assim, mergulhado em felicidade, seu coração cantava, repercutindo vibrações em cada célula do corpo.

– Pois eu tenho um remédio tiro e queda para essa doença, disse, rindo.

– Um remédio? Qual é?

– Marcar o casamento para logo. Que acha?

– Para logo?

Juliana pensou um pouco e perguntou:

– Daqui a... Digamos, um mês?

– Um mês está ótimo. Acho que nesse tempo dá para ver tudo que é necessário.

Cheio de felicidade, André continuou:

– Eu até fiquei de ver um apartamento hoje. Está na fase final de construção. Podemos ir juntos.

– Ótimo!

Olhando em torno, Juliana perguntou:

– E o trabalho?

– Vai bem. Tirei o dia hoje para terminar aquele documentário sobre fecundação e desenvolvimento do embrião de que te falei. Quer ver?

Juliana levou um susto. O que menos desejava naquele momento era justamente esse assunto, mas não queria deixar o noivo perceber. Sem tempo de arranjar alguma desculpa plausível, viu-o mexendo no controlador, enquanto no monitor apareciam imagens super ampliadas de fecundação.

De repente, tirou a imagem, dizendo com ar brincalhão:

– Não, não vou te mostrar isto, senão você vai querer engravidar logo hoje...

Juliana sentiu um baque. Estava grávida de outro, embora vítima. Com esforço conseguiu dominar seus sentimentos e, olhando em volta, exclamou:

– André, pode entrar alguém! O que vão pensar de nós?

– Só a verdade. Que estamos apaixonados.

Beijaram-se carinhosamente no rosto, nas mãos... E Juliana começou a questionar se não estaria errada ao esconder-lhe o que acontecera. Abrindo novamente a imagem André

continuou com suas explicações sem observar a aflição da noiva.

– São mais de 200 milhões de espermatozóides disputando essa corrida. Quem chega primeiro penetra no óvulo e, então, esses dois elementos juntos começam a formar uma pessoa. Não é um momento divino?

Juliana decidiu-se finalmente a contar-lhe tudo. Olhou de esguelha o próprio ventre, suspirando.

– André... — começou a dizer. Mas o noivo, sem perceber, virou-se para ela, colocando as mãos em sua barriga, num gesto carinhoso, dizendo:

– Uma célula tua e outra minha; uma parte de você e outra de mim... E aí ele vai crescendo, vai se desenvolvendo e nasce com um rostinho lindo como o teu.

Juliana perdeu a coragem. Como poderia dizer-lhe que ali já havia um embrião em pleno crescimento, só que a outra célula não era dele, mas de um miserável marginal?

Empolgado, André não percebia sua aflição. No monitor continuava a sucessão de imagens. Primeiro, o espermatozóide penetrando no óvulo e este se enrijecendo para não permitir a entrada de outros. Em seguida, o óvulo já fertilizado dividindo-se em duas partes, depois em quatro, oito e assim sucessivamente. Aos poucos ia mudando de forma, aparecendo uma coluna vertebral rudimentar, a cabeça, os membros inferiores e os superiores. E aquela coisinha minúscula movimentava-se dentro do líquido, como a querer mostrar ao mundo que era um ser vivo preparando-se para assumir o seu lugar na sociedade, a sua identidade, o seu destino.

“Apesar da situação, Juliana sentia-se deslumbrada diante do mais magnífico espetáculo da natureza: a criação de um novo ser.

Enlaçando-a pela cintura, André continuou, falando com emoção:

– Mas não é só o corpinho que vai crescendo. Sabia que ele percebe, tem sensações, tem emoções? Sabia que ele fica inquieto quando a mãe está nervosa e dorme quando a mãe descansa? Quando se aborrece chupa o dedinho ou então fica dando voltas.

Virando-se para ela, disse com suavidade:

– Imagine só, querida, um serzinho desse tamanho, chupando o dedo...

André estava emocionado. E como se falasse para si mesmo, exclamou:

– Meu Deus, uma coisinha dessas precisa de muito amor, desde o comecinho!

Juliana estava no auge da aflição, sem saber o que fazer. Para disfarçar, disse o que lhe veio à cabeça.

– E dizer que a maioria das mulheres não sabe destas coisas. Não se preocupa em controlar as emoções durante a gravidez. Sem suspeitar do que se passava no íntimo de sua amada, André continuou falando, acariciando-lhe a barriga.

– Pois o nosso, quando estiver aqui, nesta barriguinha... Vamos bater um baita papo com ele. Um papo de bons amigos.

Fez um instante de silêncio e continuou, empolgado.

– Sabia que tem médico que aconselha os pais a conversarem com o feto, desde o início da gravidez? A dizerem que o

amam que estão muito felizes com sua chegada e coisas parecidas? Dizem que isto dá estabilidade emocional ao bebê; e que tem reflexos para toda a sua vida.

Começou a desligar os aparelhos e arrumar a produtora para fechá-la. De repente, como se lembrasse de algo importante, exclamou:

– Mas eu sou uma anta, mesmo. Estou aqui dando explicações sobre um assunto que você deve conhecer bem melhor do que eu.

Juliana conseguiu finalmente um pouco de controle sobre si mesma e, aparentando tranqüilidade, respondeu:

– Não, amor, não conheço tanto assim. Também, nunca tinha visto desse jeito, em imagens...

– Falando nisso, é bom a gente pensar no assunto. O que acha de esperar um pouco para termos o primeiro filho?

– Acho que você tem razão. E como é que a gente vai fazer? Pílula?

– Pílula, camisinha, métodos naturais... Tudo que tiver direito. Menos aborto, é claro.

Fez pequena pausa, pensativo, antes de concluir com entonação incisiva:

– Isso, nunca! Em nenhuma circunstância!

Capítulo 17

Juliana tinha saído do banho e estava terminando de vestir uma roupa caseira, quando Anabel, entreabrindo a porta do quarto, informou:

– Só consegui para depois de amanhã... 9 da manhã.

Juliana estremeceu, lembrando as imagens que vira e as palavras de André sobre aborto. Angustiada, atirou-se no sofá, escondendo o rosto na almofada. Raramente fumava, mas sentiu vontade de fazê-lo. Procurou na cômoda e encontrou uma carteira. Voltou ao sofá e acendeu um cigarro. Expeliu a fumaça para cima e ao baixar de novo a cabeça seu olhar caiu sobre a própria barriga. Num gesto instintivo apagou o cigarro, por saber que faz mal ao bebê.

– Mas qual bebê, meu Deus! – Pensou com raiva, por perceber que estava desenvolvendo sentimentos maternais com relação àquele filho do estupro. Levantou-se, dando um murro na cômoda, exclamando:

– Mas que droga!

Escondendo a cabeça nas mãos, respirou fundo, procurando acalmar-se. Olhou mais uma vez a barriga, sentindo vontade de pôr a mão sobre ela, mas desistiu, fazendo ar de nojo. De repente, teve uma idéia. Mudou de roupa, pegou a bolsa e saiu.

Não precisou andar muito até encontrar o que procurava uma igreja. Entrou. Caminhando lentamente, olhava tudo, com expressão respeitosa. Fazia vários anos, não entrava numa. A vida corrida lhe arrefecera a religiosidade. Parou diante de uma imagem de Nossa Senhora e ajoelhou-se, impelida por seus conflitos.

– Minha mãe do Céu. Mãezinha de todas as... – ia dizendo mães, mas não se sentindo como tal, emendou – de todas as grávidas. Ajuda-me, me orienta, me inspira. Eu não quero ir contra as leis de Deus... Aliás, mãezinha, eu nem sei o que elas dizem nos casos como o meu.

Permaneceu longo tempo em silenciosa angústia. Só as lágrimas lhe desciam dos olhos, uma atrás de outra. Por fim, continuou:

– Conforta meu coração, mãezinha... Orienta-me, me ajuda a tomar uma decisão... Ajuda-me.

Levantou-se finalmente, indo em direção ao interior da igreja, a procura do padre. Queria conversar com alguém que pudesse aconselhar com neutralidade.

– Mas qual neutralidade – pensou – se eu já sei o que ele vai me dizer.

De qualquer forma, foi procurá-lo. Era simpático e atencioso. Os cabelos brancos e uma serenidade natural davam-lhe um ar de confiabilidade. Depois de ouvi-la calmamente, explicou:

– Posso lhe dizer duas coisas, filha. A primeira é que as leis de Deus proíbem o aborto, mesmo nessa condição. A outra é que, se você é dessas pessoas que não ligam para essas leis, não adianta eu falar nelas. Se for esse o caso, eu falarei apenas sobre a crueldade que é a prática do aborto. A maternidade é sempre sagrada em qualquer lugar. Até mesmo quando temos um animal nessas condições, sempre lhe damos maiores cuidados, mais atenção, porque está gestando outra ou outras vidas e isto enternece qualquer um.

Silenciou por instantes, dando tempo a Juliana para assimilar melhor suas palavras e continuou:

– Esse feto que talvez lhe pareça apenas um monte de tecidos em crescimento é um ser humano em formação. Ele percebe, sente, tem emoções. Imagine então o seu sofrimento quando o estraçalham, rasgam seu corpinho, matando-o.

Juliana agradeceu ao bondoso padre e saiu. Sua cabeça continuava fervendo. As colocações que ouvira do padre martelavam-lhe o pensamento. Seria mesmo verdade isso de o feto ter emoções, sofrer?

– Não, não é verdade – pensou. – Toda a atividade fetal é meramente automática. Se ele ainda não tem cérebro formado, como é que pode sentir ter emoções?

Lembrou-se do vídeo mostrado por André e de suas palavras:

– Sabia que ele fica inquieto quando a mãe está nervosa e dorme quando a mãe descansa? Quando se aborrece chupa o dedinho ou então fica dando voltas...

La passando em frente a um centro espírita e teve vontade de entrar. Talvez fosse bom ouvir outra opinião. Entrou de forma quase automática e já estava começando a arrepender-se quando uma jovem mulher aproximou-se e sorriu, perguntando:

– Em que podemos ajudá-la?

Sentiu simpatia. Ou talvez fosse confiança.

– Você acertou. Eu estou mesmo precisando de ajuda... Mas não creio que vocês possam me ajudar.

– De qualquer forma, podemos lhe dar uma palavra de solidariedade.

Pegou-a pelo braço, gentilmente, conduzindo-a.

– Vamos até a minha sala.

Andaram por um corredor até chegarem a uma salinha confortável, com um alegre vaso com flores sobre uma mesinha. Num gravador, música suave, relaxante.

– Sente-se. Fique à vontade – disse, apontando uma poltrona. Ao sentar-se na outra, continuou, sorrindo com simpatia:

– Meu nome é Laura... Sou do atendimento fraterno...

Juliana sentou-se, quase automaticamente.

– Eu sou Juliana. Eu ia passando e...

De repente achou que não devia confiar a uma estranha os seus problemas. Resolveu ir embora, mas em vez disso, falou num rompante, como quem desafia:

– Eu estou grávida e vou fazer um aborto!

Olhou para Laura, esperando encontrar reprovação em seus olhos, mas, em vez disso, em sua voz havia um timbre de solidariedade, ao dizer:

– Você me parece muito angustiada.

Quase a ponto de explodir, Juliana exclamou:

– Eu fui estuprada... E engravidei!

Percebendo que estava sendo grosseira, procurou acalmar-se. Respirou fundo e continuou:

– Eu tinha acabado de ficar noiva, entende? Havia sido uma noite maravilhosa. Estava em casa, me preparando para dormir... Acho que era um ladrão. Foi horrível, horrível!...

Não sei como Deus permite que aconteçam coisas como essa!

A presença solidária de Laura e também o desabafo conseguiram acalmá-la um pouco.

– O noivo está sabendo?

– Não... Não tive coragem de contar a ele. E também... Fiquei com vergonha.

– E está indecisa, não é?

– É eu fui falar com um padre. Estava voltando e vi o Centro. Aí, eu quis saber como é que vocês entendem essa questão do aborto, quero dizer, numa situação como a minha.

– O caso não é a situação, é o ato. O ato de matar um ser indefeso.

– Mas não é um ser – refutou Juliana. – É só um punhadinho de tecidos, nada mais.

– É um punhadinho de tecidos ao qual está ligado um espírito.

– Como é?

– No momento em que ocorre a fecundação, o espírito que vai reencarnar, ou seja, a pessoa que vai reencarnar, liga-se ao ovo fecundado. E esse ovo passa então a ser uma extensão dele próprio e ele vai se incorporando cada vez mais e mais nesse punhado de tecidos, presidindo seu desenvolvimento. E ele passa então a viver através desse corpo que está sendo formado.

Apontando-lhe a barriga, Laura continuou:

– Então fica fácil de entender que isso aí não é só um punhado de tecidos. É uma pessoa... É uma vida consciente, pensante, que se alegra, sente medo, sofre, se angustia, tem apego à vida...

Juliana estava impressionada. Isto podia explicar o fato de um embrião demonstrar emoções mesmo antes de seu cérebro estar completamente pronto. Mas tratou de reagir. Não queria aceitar a explicação, por entender que tudo estava sendo profundamente injusto para com ela. Pensou um pouco e perguntou:

– Você acha justo trazer uma criança ao mundo para sofrer? Sabe lá as rejeições que ela poderá ter? E se herdar as taras, a perversidade do pai? Eu acho que não tenho nem mesmo o direito de deixar essa criança nascer...

– O espírito só herda de si mesmo – disse Laura tranqüilamente. E continuou: – É claro que existem os fatores hereditários que podem gerar certas predisposições. Mas o caráter, as inclinações, as aptidões, ele as traz das vidas passadas, de tudo aquilo que construiu em si próprio. E olha que pode ser um espírito seu amigo, que volta a Terra para ajudá-la, lhe dar uma força. Também é verdade que pode ser um inimigo do passado, que o amor divino permite voltar a você na condição de filho.

– Por quê?

– Porque é no berço que as inimizades se acabam dando lugar ao perdão, ao amor.

Juliana sentiu um choque pela clareza da explicação. Não precisou sequer raciocinar para entender a perfeição daquele mecanismo. Sorriu interiormente, admirada com a sabedoria cósmica. Mas logo pensou que não havia qualquer garantia quanto à veracidade daquela informação. Além disso, não estava predisposta a elucubrações filosóficas. Estava tão entretida com seus pensamentos que quase se assustou com a voz de Laura, que dizia:

– Quanto a ser justo ou não, essa decisão não nos cabe. A situação em que alguém chega a Terra, seja boa ou má, está sempre de acordo com uma programação superior. Se alguém nasce em condições negativas é porque elas representam o resgate de erros de vidas passadas. Podem também refletir a necessidade daquele espírito aprender alguma lição importante ou crescer interiormente na luta pela superação. E pode ainda ser uma escolha própria, visando defender a si mesmo de certas tentações ou novas quedas.

Juliana estava perplexa. Percebia a verdade daquelas colocações, mas estava na defensiva. Sentia-se magoada, injustiçada, e não estava a fim de filosofar. Talvez algum dia, em outro momento mais oportuno. Perguntou:

– E o que acontece a uma mulher que faz um aborto? Deus castiga?

Laura olhou ao longe, com suave sorriso nos lábios. Era uma mulher comum, nem bonita nem feia, mas naquele momento estava como que envolta num halo de luz. Disse mansamente:

– Sabe Juliana, geralmente aprendemos desde a infância que Deus castiga. Mas não é assim. Ele é acima de tudo o nosso Pai, e as suas leis existem para nos ajudar a crescer, a evoluir, não para nos machucar. O que pode nos parecer castigo é apenas o retorno dos nossos próprios atos, ou ainda, uma dor necessária ao nosso crescimento espiritual.

Observando que Juliana permanecia calada, continuou:

– Digamos que a vida seja assim como um caminho pelo qual passamos várias vezes. Então, a nossa vivência, ou seja, pensamentos, palavras, sentimentos e ações são sementes boas ou más que plantamos ao longo da caminhada. Se plantarmos espinhos vamos nos ferir neles quando passarmos de novo, mas se plantamos flores e fruteiras, vamos ter alimento e alegria nas futuras passagens. E não plantamos só para colher no futuro. A nossa vivência, a maneira como vivemos também nos favorece ou prejudica de forma imediata.

Silenciou um pouco e depois concluiu:

– No seu caso, por exemplo, pode ser que essa criança seja alguém muito caro ao seu espírito. Ou então, alguém a quem você se comprometeu a receber como filho.

– Dessa maneira? Como resultado de um estupro?
– Nós não conhecemos o porquê das coisas que acontecem. Mas com certeza, nada acontece por acaso, nem por descuido ou erro divino.

Juliana ficou pensativa, como quem está tentado entender. Por fim disse, levantando-se para sair:

– Não sei se você me ajudou ou se criou ainda mais confusão na minha cabeça. Eu preciso pensar...

Laura levantou-se também, apanhou um cartão que lhe entregou, dizendo:

– Aqui tem meu telefone. Pode me ligar a qualquer hora, se quiser falar comigo.

Juliana apanhou o cartão, guardando-o na bolsa:

– De qualquer forma, obrigada.

A voz de Laura transmitia confiança e alegria, ao responder:

– Que Deus a ajude a encontrar sua própria verdade interior e tomar uma decisão acertada.

Capítulo 18

Chegando em casa, encontrou Anabel preparando-se para mais um vôo. Esta percebeu logo que Juliana estava para mudar de idéia.

– Que é que está pegando, hein?

– Fui a uma igreja rezar... E falei com o padre.

– E aí?

– Ele disse que é pecado... Que é crueldade. Depois, eu passei num centro espírita.

Anabel mostrava certo desprezo na expressão. Não era dada a essa coisa de religião, mas respeitava a maneira de ser da amiga. Não quis interromper, e Juliana continuou:

– No centro me disseram uma porção de coisas... Que o espírito que vai reencarnar já está ligado ao feto desde o momento da concepção... Que pode ser um espírito amigo...

A paciência de Anabel não dava para tanto. Interrompeu a amiga, exclamando:

– E você engoliu essas bobagens? Já pensou o que vai ser de você com um filho nas costas? Acha que o André, a essas alturas, vai acreditar que foi mesmo estupro?

Depois de pequena pausa, continuou com ênfase:

– E a profissão? Já viu uma comissária barriguda? E tem mais... Essa criança tem sangue ruim. É filho de estupro. No mínimo, vai ser um tarado.

Juliana começava a sentir-se um tanto quanto irritada com a contínua intromissão da amiga, mas conteve-se, por entender que era pela amizade que lhe tinha. Entretanto, falou com uma pontinha de raiva na voz.

– Eu conheço famílias excelentes que têm filhos excelentes e, de repente, nasce um que não vale nada. E sei também de filhos de bandidos que são gente boa.

Em sua maneira de ver as coisas Anabel entendia que a amiga estava se deixando levar por tolos sentimentalismos que iriam fazê-la sofrer no futuro. Percebeu também sua irritação e tratou de jogar pesado, aproveitando a fragilidade de Juliana naquele momento. Falou com muita firmeza e em tom impositivo.

– Não, Juliana. Eu sou sua amiga e não vou deixar você fazer essa loucura, estragar sua vida. Poxa, nós já conversamos sobre isso. Se fosse em condições normais, tudo bem. Mas isso aí minha cara, é filho de uma violência. Isso aí, que você está com tanta peninha, é filho de um marginal cruel e asqueroso... E que vai ser igualzinho ao pai... Pode ter certeza. Mudando um pouco o tom da voz, continuou:

– Já pensou?... Passar o resto da vida, olhando seu filho e vendo nele aquele bandido te violentando...

Juliana estremeceu. Anabel, observando que ganhava terreno aproximou-se mais e falou com uma ponta de carinho e pena, embora com firmeza.

– Pense como vai ser a sua vida. Mesmo que o André aceite, esse filho vai ser sempre uma sombra negra entre vocês dois.

Juliana foi até a janela onde permaneceu longo tempo, pensativa, dizendo por fim:

– É... Talvez você tenha razão. Não devo me deixar levar por sentimentalismos. Preciso usar só a cabeça...

– Agora, sim, você está pensando direito.

E aproveitando a “deixa”, para amarrar a decisão da amiga, concluiu:

– Eu marquei para depois de amanhã, não esqueça... Nove horas. E vê se não tem mais nenhuma recaída, tá?

Olhando-a firme nos olhos, concluiu:

– Não estrague sua vida, Juliana. Você tem todo o direito e até mesmo o dever de se livrar desse problema.

– Não se preocupe Anabel, eu vou cuidar disso.

Capítulo 19

Nessa noite Juliana não conseguiu conciliar o sono. À sua mente voltava com insistência à lembrança do fenômeno que lhe ocorrera dias antes. Queria saber o que aquilo significava. Já ouvira falar “n” vezes sobre regressão de memória a vidas passadas, mas nunca em detalhes. Mesmo assim, entendia que aquilo havia sido uma regressão espontânea.

Na manhã seguinte, logo cedo, mesmo arriscando-se a ser inoportuna, telefonou para Laura, à senhora do Centro Espírita e, meia hora mais tarde, esta a recebia em sua casa, com um simpático e alegre sorriso. Sentadas comodamente num alpendre, com muitas plantas e flores, bebericando um suco de caju, Juliana contou-lhe sobre a regressão que tivera, perguntando:

– O que acontece a uma mulher que faz um aborto? Qual é o castigo que ela recebe?

Um lampejo de tristeza passou pelo olhar de Laura, que permaneceu silenciosa por instantes. Por fim, suspirando, disse:

– Isto não é tão simples assim. Em primeiro lugar não vamos falar em castigo, nem em culpa, mas sim em responsabilidade. O olhar distante de Laura informava que ela mergulhara no passado e a voz denotava sofrimento, quando disse:

– Eu vou contar uma coisa que aconteceu comigo, há alguns anos.

Laura levantou-se como se sentisse necessidade de movimentar-se. Caminhou até a mureta do alpendre sentando-se nele.

– Eu freqüentava outro centro – começou –. Lá, eu era doutrinadora, apesar do pouco tempo que era espírita.

Vendo que Juliana não estava entendendo, explicou:

– Nos Centros Espíritas nós temos sessões de desobsessão. Nessas sessões os médiuns recebem espíritos obsessores, que estão prejudicando alguém. Geralmente são inimigos dessas pessoas que estão à procura de vingança... Quase sempre, coisas de vidas passadas. Então o doutrinador conversa com eles, procurando mostrar-lhes a importância do perdão e a necessidade de abandonarem aquela perseguição e cuidarem da própria evolução etc. Ao mesmo tempo os participantes da reunião ficam vibrando na paz e no amor, direcionados para o obsessor. Isto tem um efeito muito poderoso sobre ele e na maioria das vezes, o grupo consegue levá-lo a abandonar a perseguição.

Juliana estava impressionada.

– Então é isto que acontece nas sessões espíritas? – Perguntou, admirada.

Laura sorriu da admiração da jovem e continuou:

— Isso e outras coisas mais... Sempre para ajudar.

Levantou-se da mureta e caminhou um pouco, como se estivesse criando coragem. Finalmente sentou-se e continuou:

– Eu havia feito dois abortos. Isto aconteceu há muito tempo, em situações muito difíceis da minha vida. Só eu sei do meu sofrimento e das minhas angústias... Do desespero que me levou a isso. Não contei a ninguém, nem a meu marido. Mas um dia nos visitou um orador de outro centro e a reunião foi toda de perguntas. As pessoas perguntavam e ele respondia tão rapidamente como se já tivesse as respostas na ponta da

língua. O pessoal dizia que eram os espíritos que respondiam por ele. Quando chegou a minha vez, criei coragem e perguntei o que acontecia a uma mulher que faz um aborto. Ele respondeu imediatamente: “— Quando quiser voltar a reencarnar, vai ser abortada tantas vezes quantos abortos tenha feito”. E ele continuou dizendo que esse é um dos piores crimes que podem existir, e que a mulher que o comete é uma criminoso diante das leis de Deus e por aí fora.

Juliana percebeu que uma espécie de calafrio percorria todo o corpo de Laura. Esta continuou:

– Hoje eu entendo que aquele homem não passava de um espírita mal informado... Ou acompanhado de espíritos não muito evoluídos. Ele nunca soube o mal que me fez.

Os olhos de Laura estavam rasos d’água, ao continuar:

– No dia seguinte, no trabalho, eu contei a minhas colegas que estava grávida do meu quarto filho. Uma delas veio me parabenizar como se eu fosse uma heroína e dizendo coisas terríveis sobre as mulheres que fazem aborto. Ela falava com tanta exaltação e num tom que parecia estar intimidando Deus a castigá-las de formas terríveis. Imagine como me senti... Pior que lixo! E a partir daí, eu mudei. Sentia-me a pior das criminosas. Tudo que dizia a mim mesma, as minhas razões, não valiam nada. Acabei me afastando dos trabalhos de doutrinação, que eu adorava.

Olhando Juliana com intensidade, comentou:

– Só quem já conviveu com trabalhos de desobsessão pode saber como é divino o momento em que um espírito, cruel perseguidor, decide-se a abandonar sua vítima e repensar a própria vida. É como se o próprio Deus ou Jesus estivesse ali,

envolvendo todo o grupo em luz e amor. É uma emoção como nunca senti outra igual.

– Por que você se afastou? – Perguntou Juliana, penalizada.

– Porque eu não me sentia digna – exclamou Laura com emoção. – Como é que eu poderia doutrinar alguém, falar em amor, em dignidade, nas leis de Deus, se eu mesma era uma criminosa? Essa palavra pesava tanto na minha alma que eu comecei a me sentir cercada de espíritos tenebrosos que me convidavam a segui-los. Eles riam e diziam que o meu lugar era com eles e não num centro espírita, dando uma de boazinha, de moralista. Comecei também a ter pesadelos terríveis, nos quais me sentia como se fosse um feto na barriga de uma prostituta e ouvia as pessoas gritando: “apedrejem a Madalena”!

Silenciou por instantes, tocada pela emoção. No alpendre só se ouvia o canto de um pássaro numa árvore próxima. Aos poucos foi recuperando a calma. Enxugou uma lágrima antes que caísse e continuou:

– Eu me sentia como uma Madalena pecadora que todos tinham o direito de apedrejar e acabei entrando numa depressão que não conseguia controlar. Vivi no pior dos infernos. Sabia que precisava reagir, principalmente por causa da gravidez. As crianças começaram a ir mal na escola e meu marido, coitado, não conseguia entender o que se passava comigo. Ele fazia de tudo para me ajudar, mas eu não tinha coragem para lhe contar.

Juliana seguia a narrativa com profunda atenção.

– Por fim criei coragem – continuou Laura – e contei tudo a uma amiga que também é espírita. Ela me ouviu tranqüilamente e quando terminei a narrativa, perguntou:

– O que você acha pior, Laura: fazer um aborto ou destruir a vida de sua família? Um erro você já cometeu, um erro bastante grave, mas não tem como voltar atrás. Não cometa outro, afundando-se nessa culpa. Em vez disso, trate de trabalhar para corrigi-lo, em vez de torná-lo ainda maior.

– Aquilo foi um choque para mim. Nunca tinha colocado as coisas assim, numa balança. E ela me falou sobre as leis de Deus que existem para nos orientar a evolução, não para nos castigar. Falou na consciência de culpa e no remorso, como dores desnecessárias, que devem servir apenas como elementos de ajuda em nosso crescimento, mas jamais como pesos nos espremendo a alma. Por isso não devemos carregá-los, a não ser como lastro para que o balão da nossa vida possa ganhar altura. E ela concluiu me lembrando das palavras do apóstolo: “O amor cobre uma multidão de pecados”.

Laura suspirou e sorriu, concluindo:

– Você não pode imaginar o alívio que senti. Naquele momento saí do inferno e pude contemplar toda a beleza e sentir toda a alegria que há aqui fora.

Juliana estava profundamente impressionada. Jamais ouvira tais conceitos.

– É... – disse Laura depois de algum tempo. – As religiões criaram uma cultura da culpa, que começou com Adão e Eva. Fica difícil a gente se conscientizar de que Deus não nos quer culpados, mas sim responsáveis. Hoje eu entendo que Ele nos quer felizes, leves, levantando sempre, depois de cada queda.

Todos temos o direito de cair, porque somos criaturas imperfeitas. Não fosse assim, estaríamos vivendo em mundos mais adiantados. Nós caímos e nos machucamos. Só que precisamos levantar e assumir nossas responsabilidades. E, além disso, cuidar para não cair de novo.

– E aí? – Perguntou Juliana, ao ver que Laura silenciara.

– Aquela conversa me fez sair do buraco. Conteí tudo a meu marido e passei a freqüentar outro centro, esse, onde você me conheceu. Ali comecei de fato a estudar a Doutrina Espírita e descobri como é bela. Já estou lá há muitos anos, trabalhando com muito amor e dedicação, e tenho certeza de que estou resgatando ao menos uma parte dos meus erros. Eu aprendi a transformar sentimento de culpa em senso de responsabilidade, que é muito mais saudável.

Uma borboleta passou voando pelo alpendre, como se estivesse saudando a natureza. As duas mulheres sorriram e Juliana perguntou:

– Sobre aquela... Regressão, que eu tive. Será que tem a ver com o que está me acontecendo agora?

– Eu acho que sim – respondeu Laura, com tranqüilidade, e continuou: – Acho mesmo que o estupro que você sofreu e essa gravidez... Tudo isso deve ser o resultado dos seus erros daquela vida e talvez de outras também. E é bem provável que alguns dos mesmos personagens estejam de novo presentes, agora.

– Se for mesmo isso que você está falando, o que é que eu devo fazer?

– Não cometer o mesmo erro outra vez, porque além de você perder a oportunidade de resgatar o mal que fez no passado,

estará gerando mais causas de sofrimento para o presente e o futuro.

Laura ia continuar, mas o telefone começou a tocar. Juliana aproveitou para despedir-se. Continuava indecisa, cheia de conflitos.

Capítulo 20

No dia seguinte, pela manhã, Juliana acordou cedo e ficou na cama ruminando seus pensamentos. O aborto estava marcado para logo mais, às nove horas. Seu interior estava muito mexido, cheio de mágoas e conflitos. Levantou-se, foi até a janela e ficou a olhar ao longe o verde das árvores entremeado do avermelhado dos telhados e mais além o mar fervilhando de luzes nos primeiros reflexos do sol nascente.

Respirou fundo, procurando relaxar, buscando o equilíbrio dos ritmos internos. Foi quando ouviu uma voz lhe falando, dentro do seu próprio pensamento. Era uma voz masculina, portanto não era a dela, e dizia:

– Nunca perca a esperança, nem a fé na vida. Quando o mundo nos fecha uma porta, Deus abre uma janela.

Quem seria essa voz que lhe falava assim?

O toque da campainha veio tirá-la bruscamente de suas cogitações. Foi abrir a porta e ficou alegremente surpreendida ao deparar com quem menos esperava.

– André? Que bom te ver logo cedo!

– Oi, menina...

O abraço de André continha um misto de amor e preocupação. Juliana percebeu seu estado de espírito.

– Que foi amor? Aconteceu alguma coisa?

– Não, gatinha, só estava com saudade. Eu quero ficar aqui hoje, com você.

Juliana sentiu-se confortada com a presença e o carinho do noivo. De certa forma sentia-se também aliviada porque teria uma desculpa para não fazer o aborto naquele dia. Sabia que estava empurrando o problema com a barriga, mas, mesmo assim, era um alívio.

– E o seu trabalho? – perguntou.

– Não tenho nada de importante, agora pela manhã.

Respirando fundo, procurou relaxar. Estava quase feliz. Sentia como se lhe tivessem tirado um peso do coração.

– Oh, amor... Tão bom você estar aqui – falou. – Só nós dois no mundo... Ou no céu, longe do mundo.

Foram para o sofá. André deitou-se, pondo a cabeça em seu colo, enlaçando-a.

– Eu quero ficar assim, quietinho... Sentindo seu corpo, seu coração.

Observando com mais atenção Juliana percebeu o quanto ele estava ansioso, até aflito.

– Você está me escondendo alguma coisa, André. O que é?

– Nada não... Bobagem de homem apaixonado.

Correu os olhos pelo rosto de Juliana com expressão carinhosa e preocupada ao mesmo tempo, dizendo:

– Foi só um pesadelo que eu tive. Aliás, já é a terceira vez.

– Pesadelo? Que pesadelo?

André levantou-se e foi até a janela.

– É sempre a mesma coisa... – começou. E, com expressão de quem busca na memória cada detalhe, continuou:

– Nós dois estamos num lugar muito bonito, abraçadinhos, olhando o céu. Aí, surge um clarão e aparece Nossa Senhora... Linda... O olhar cheio de ternura. Ela segura uma flor na mão, que é para nós. Aí, ela solta a flor e ela vem caindo, caindo... E nós nos recusamos a apanhá-la.

– E depois? – perguntou Juliana.

André caminhou um pouco pela sala, buscando coragem para falar no que o vinha preocupando.

– Aí vem uma tempestade – continuou – e uma nuvem escura envolve a flor... Leva ela embora. Então eu me viro e você não está mais ali. Eu me vejo sozinho, numa espécie de pântano, um lugar horrível, muito escuro, gritando, chamando por você.

Sentou-se ao lado de Juliana e, segurando-lhe as mãos com força, concluiu:

– É um desespero horrível, amor.

Juliana estremeceu, pensando que aquele sonho poderia estar relacionado com sua gravidez. André, sem perceber-lhe a perturbação, apertou-a nos braços como a querer retê-la a qualquer custo, dizendo:

– Oh, amor, é uma sensação horrível, de perda irreparável... É uma angústia sem fim.

As lágrimas querendo saltar dos olhos exclamou em tom desesperado:

– Eu não posso perder você, Juliana. Eu a amo demais...

Os dois permaneceram longamente abraçados, cada qual com sua angústia.

– Nós não vamos nunca nos perder um do outro – disse por fim, Juliana. – Eu prometo.

Afastou-o suavemente, olhou bem no fundo dos seus olhos, dizendo com convicção:

– Não pense mais nisso, amor, está bem? É só um sonho, um pesadelo.

André foi até a janela e ficou algum tempo olhando para fora.

– Não é só um pesadelo – disse, depois de instantes. – A impressão que eu tenho é que esses sonhos são um aviso. Mas aviso de quê? Não consigo entender... Não consigo.

Juliana estava fortemente impressionada. Sentia que precisava pensar melhor sobre a questão do aborto. Entendia também que devia tirar o noivo daquele estado aflitivo. Falou, procurando dar segurança à voz.

– Acho que a gente devia se distrair um pouco, levantar esse astral, confiar, ter fé. Um estado de espírito “para cima” não tem sonho mau que pegue.

– Acho que você tem razão.

– Que tal a gente pegar uma praia?

– Praia?... Não... Não estou a fim de praia hoje.

– Então vamos dar uma volta pela praça... Ver as árvores, ver gente. Isso é bom.

– Está bem, podemos dar uma volta pela praça, tomar um sorvete, comer pipoca...

– Está ótimo. É só o tempo de eu mudar de roupa.

Capítulo 21

Meia hora mais tarde os dois caminhavam pela praça admirando as plantas, as flores, tocando nas folhas verdes como se desejassem impregnar-se com a cor da esperança.

Parando junto a uma árvore, Juliana recostou-se a ela e André segurando-lhe as mãos, disse com ênfase:

– Sabe amor. Eu sinto que precisamos confiar muito um no outro, seja qual for a situação... Seja o que for.

Juliana estremeceu. Será que André estava desconfiado de alguma coisa? Não seria melhor contar-lhe tudo, dividir com ele o problema? Decidiu-se por fim.

– Amor... – começou. – Eu... Preciso te falar uma coisa.

Olhando em torno, Juliana viu um banco. Puxando André pela mão foram até lá, sentando-se nele. Ia começar a falar, quando observou que uma mulher vinha se aproximando, empurrando um carrinho de bebê. De repente, sentiu como se algo turvasse sua mente, sua visão, e nesse turvamento percebeu de relance dois olhos maldosos que a fitavam. Ficou como que hipnotizada, mas conseguiu reagir. A mulher aproximou-se, parando junto ao banco. Juliana, procurando distrair-se para sair daquele estado estranho em que mergulhara, debruçou-se para olhar o bebê.

– Olha André, que coisinha mais linda... Tão fofinha.

De esguelha, olhou a própria barriga e voltou de novo os olhos para o bebê, mas a imagem dele foi-se fundindo com a de Riquinho, violentando-a. Os sons da praça também desapareceram nas notas da música brega que o marginal procurara no rádio.

Gritou completamente descontrolada.

– Não!... Não!

André acudiu, tomando-a nos braços, mas Juliana reagiu, repelindo-o, horrorizada, olhando para ele com os olhos

esbugalhados, como se estivesse vendo o Riquinho. Gritou novamente:

– Não!... Não!...

– Calma Juliana, sou eu, André — disse suavemente. — Você está me estranhando, amor? Calma, gatinha... Sou eu... Calma...

Juliana acalmou-se aos poucos, começando a chorar.

– O que foi amor? Que aconteceu? – perguntou André, muito preocupado.

Aos poucos conseguiu ficar mais senhora de si.

– Não sei o que aconteceu. Acho que fiquei nervosa por causa do teu sonho... Desculpa, tá?

– Não tem que se desculpar amor. Eu é que não devia ter contado. Vamos esquecer esse lance, está bem? Não pense mais nisso. Vamos caminhar um pouco, tomar aquele sorvete, aproveitar o dia, assim, juntinhos...

Mal começaram a caminhar, tocou o celular de André, que atendeu de má vontade. Escutou algum tempo e por fim respondeu:

– Está bem... Daqui à uma hora.

Desligando o celular explicou contrafeito:

– Deu um problema com um VT. É coisa de muita responsabilidade... Eu vou ter que ir.

– Que pena! – comentou Juliana.

– Será que você vai ficar bem, sozinha? Não quer ir comigo?

– Não. Eu vou ver a mamãe. Não se preocupe, eu estou bem. Mas agora vamos aproveitar bem essa horinha que ainda temos, juntos.

De mãos dadas os dois continuaram caminhando pela praça. Juliana entendeu que não era o momento oportuno para contar-lhe. Não sabia qual seria a sua reação. Ficaria para um momento mais adequado.

Capítulo 22

Além de médica, Telma era artista plástica. Estava trabalhando num quadro a óleo quando Juliana chegou. Foi aquela alegria.

– Mas que surpresa boa!... Como vai, minha filha?

Juliana não respondeu. Ficou apenas abraçando a mãe com força. Eram muito amigas e essa relação mãe/filha nunca tinha atrapalhado a liberdade que havia entre as duas.

Telma observou logo que a filha não estava bem. Sabia sobre o estupro e a gravidez. Não havia segredos entre elas.

– Aconteceu mais alguma coisa? – perguntou.

Ainda abraçada à mãe, Juliana começou a chorar.

– Eu estou numa tremenda encruzilhada, mãe. Não sei o que fazer.

Contou sobre sua decisão de colocar André a par de tudo que acontecera e falou sobre o ocorrido na praça naquela manhã.

– Mas não é só isso – continuou. – Estão acontecendo outras coisas muito estranhas comigo. Estou com medo...

– Que coisas, filha?

– Eu só vou lhe contar porque eu sei que você estudou isso. Não vai achar que estou ficando louca.

Respirou fundo, tomando coragem, e começou:

– Outro dia eu estava em casa, tentando relaxar. Só havia a música e o tic-tac do relógio. Aí... As coisas começaram a se transformar... A se fundir... E eu era outra pessoa, numa outra época, em outro lugar.

Fez uma pausa procurando ver qualquer reação da mãe, mas esta apenas disse tranqüilamente:

– Continue.

– Pois bem, eu estava deitada em cima de uma mesa. Sabia que tinha feito um aborto e... Estava sangrando muito. Eu ouvia o sangue gotejando, caindo numa vasilha...

Juliana ficou alguns instantes calada. No rosto, uma expressão de horror. Telma estava atenta, mas serena, acostumada com esse tipo de coisas.

– E aí?... O que aconteceu? — perguntou, por fim.

— Aí eu morri... Foi isso, mãe... Eu morri.

Olhando para a mãe num misto de medo e súplica, perguntou:

– O que foi isso que aconteceu comigo?

– Talvez um colega dissesse que é o teu inconsciente querendo matar o problema...

– Não brinque comigo, mãe! Eu quero saber a verdade.

– Eu diria que foi uma regressão. Um fato traumatizante de alguma vida passada que veio à tona.

– Quer dizer que eu posso ter morrido por causa de um aborto...?

– É bem provável.

– Mas por que isso justo agora?

– Talvez porque os mesmos personagens estejam de novo reunidos... Ou algumas circunstâncias sejam semelhantes.

Juliana ficou olhando pensativa para a mãe. Finalmente falou num misto de revolta e indecisão.

– O pior é que ainda não decidi sobre o aborto. Talvez eu faça isso... De novo.

E antes que Telma tivesse tempo de dizer qualquer coisa, exclamou:

– Eu tenho esse direito, mãe. Eu sou a vítima... Duas vezes vítima. Primeiro aquela coisa horrível que eu sofri e, agora, essa gravidez... Acha isso justo?

Telma deixou que a filha desabafasse. Depois, disse serenamente:

– Você já sabe como ocorre uma fecundação, o desenvolvimento do embrião, etc. Mas não sabe exatamente como acontece um aborto.

– Nem quero saber.

Telma fez de conta que não ouviu, continuando:

– Há um filme, “O Grito Silencioso”. É um documentário de um médico americano, o Dr. Nathanson, que foi um dos maiores aborteiros dos Estados Unidos. Na clínica que ele dirigia faziam 120 por dia. Um dia ele assistiu a um aborto num monitor de ultra-som e a partir daí passou a combatê-lo por todas as formas e meios. Foi por isso que ele fez esse filme.

– Eu não quero saber disso, mãe! – exclamou Juliana, aflita.

Telma estava com muita pena da filha, mas achava necessário falar. Disse com carinho, porém, com firmeza:

– Mas precisa filhinha. Se você está pensando em interromper essa gravidez, pelo menos saiba o que estará fazendo.

– Pelo amor de Deus, mãe... Eu já estou sofrendo demais!

– Filha... É melhor sofrer agora do que arrepende-se depois. Juliana suspirou, concordando.

— Está bem.

Olhando ao longe, como se estivesse vendo o terrível filme, Telma foi falando pausadamente.

– Primeiro o feto aparecia tranqüilo, com movimentos calmos e chupando o dedinho de vez em quando. Mas quando foi introduzido no útero o instrumento para furar a bolsa, tudo mudou. Nenhum instrumento ainda havia tocado nele, mas ele já pressentia o perigo. O coração passou a bater acelerado e ele começou a fazer movimentos nervosos. Quando o aborteiro furou a bolsa e introduziu a ponta do instrumento de aspiração, ele passou a mudar de lugar, num ritmo enlouquecido, para os lados e para cima, tentando desesperadamente escapar ao perigo. O coração batia cada vez mais acelerado. E quando o bocal de sucção se aproximou dele, ele encolheu tanto quanto pôde o corpinho até a parte superior do útero e sua boca abriu-se desmedidamente, num desesperado grito sem som... Por isso o nome do filme é “O Grito Silencioso”.

Sem perceber, Juliana havia colocado a mão sobre o ventre num instintivo gesto de defesa. Enquanto isso Telma continuava a narrativa.

– Em seguida o aparelho começou a sugá-lo, arrancando pedaços: as pernas, os braços, o corpo... Só não a cabeça, que não cabia no tubo do aspirador. Aí, o médico introduziu uma tenaz, esmagando a cabeça, para poder aspirá-la.

Horrorizada, Juliana pediu, quase aos gritos.

– Chega mãe, pelo amor de Deus! Isto é horrível demais.

– É tão horrível que as pessoas preferem ignorar. Fazer de conta que não existe... Que não está acontecendo. Sabem, mas silenciam, mesmo porque envolve pequenos e grandes interesses. Mas isto não diminui o horror da realidade, não cala o silencioso grito dos fetos humanos, que ressoa no inconsciente das pessoas... Esse grito que gera tantas e tamanhas perturbações, que a própria medicina não dá jeito e nem consegue explicar as causas.

Ficou em silêncio por instantes, meditando na inconsciência humana. Em seguida continuou:

– É tão horrível que a gente custa a acreditar que esteja acontecendo. As pessoas vão se acostumando à idéia e logo essa atrocidade lhes parece normal e até começam a fazer campanhas pelo direito de cometerem tal crime. E até mesmo o nome mudou, usando agora o termo “interrupção da gravidez”. Talvez achem que pesa menos na consciência.

Calou-se novamente, observando a filha que estava toda trêmula e concluiu:

– E o pior é que a quase totalidade das mulheres que fazem aborto não conhece as dimensões desse drama. Claro que se elas conhecessem, não teriam coragem de fazer.

Juliana estava atônita. Nunca havia pensado que um aborto, ou a “interrupção de uma gravidez”, fosse algo assim tão terrível, um ato tão bárbaro envolvendo um ser indefeso.

Falou com emoção:

– Se as mulheres soubessem que é assim... Tenho certeza de que tratariam de evitar por todos os meios uma gravidez que não desejassem.

– É verdade. O grande problema está na falta de informação. E até mesmo no teu caso, Juliana. Veja você, uma garota culta, mas não sabe sobre a pílula do dia seguinte.

– A pílula do dia seguinte?

– Se você tivesse ido à polícia logo em seguida à ocorrência, teriam lhe dado uma pílula que teria evitado essa gravidez. É abortiva, mas é preferível não permitir o desenvolvimento do embrião, nas suas primeiras horas, do que matar o feto, já em plena formação.

Juliana ficou pensativa por algum tempo, sem que Telma voltasse a falar, respeitando seu silêncio. Sabia que a filha estava tomando uma decisão muito séria e queria que o fizesse com tranqüilidade.

– Eu não vou fazer isso, mãe, disse finalmente. Em nenhuma hipótese! Seja o que for eu vou enfrentar essa barra.

Telma sorriu, satisfeita. Sempre confiara na filha e admirava a dignidade e equilíbrio com que dirigia a própria vida. Por seu lado, Juliana sentia-se aliviada. Em seu íntimo sempre soube que deveria ser essa a sua decisão. Era o caminho certo, portanto, Deus haveria de ajudá-la a superar quaisquer obstáculos ou dificuldades. Sentia-se forte e disposta a enfrentar até mesmo o mundo se fosse preciso. Levantou-se e foi abraçar a mãe, dizendo:

– Obrigada, mãe. Se for menina vai chamar-se Telma. E vou fazer tudo para que venha a ser uma pessoa tão sábia e tão íntegra quanto você.

Capítulo 23

Em sua casa, Geni continuava arquitetando vinganças.

– E aí, já decidiu sobre a viagem? – perguntou a Rico. – É bom resolver logo, porque senão eu vou cuidar de arrumar um emprego.

– O que tá pegando é a grana. Estou sem um puto.

Achando que chegara a oportunidade que esperava, fez-se insinuante.

– O André tem um cofre lá na Produtora... Um cofre com grana. E eu...

Apanhou umas chaves na bolsa, concluindo com ar vitorioso:

– Eu tenho cópias das chaves. Que tal?... Ahnn?

– Tu és mesmo um cão de mulher! – Exclamou Rico, agarrando a garota e beijando-a com certa brutalidade.

Na Produtora, André estava trabalhando numa edição. Já passava da meia-noite e o sono chegou, antes que tivesse terminado o trabalho. Resolveu dormir ali mesmo, para recomeçar logo cedo. Desligou os aparelhos, ajeitou-se num sofá a um canto da sala e apagou a luz. Estava quase pegando no sono, quando ouviu alguns ruídos. Percebendo que se tratava de ladrões apanhou um revólver que guardava no fundo de uma gaveta para um imprevisto como aquele, sentou-se no sofá e ficou esperando. Em poucos instantes a porta foi aberta dando entrada a dois vultos. Um deles trazia uma lanterna.

– É por aqui – disse o da lanterna.

Surpreendido, reconheceu a voz de Geni. Esta se encaminhou para o interruptor, acendeu a luz e percorreu a sala com os

olhos, deparando com André sentado calmamente no sofá apontando-lhes a arma. O susto foi tal que deixou cair à lanterna, mas recuperou-se rapidamente e, demonstrando muito sangue frio, tentou disfarçar.

– André... Eu... Eu estava... Querendo mostrar o estúdio aqui para o meu amigo. Ele é o Rico Chaves, de que te falei... Lembra?

– Pois já mostrou – disse André com frieza. – Agora, de cara no chão... Os dois!

– Mas André... O que é isso? Sou eu, a Geni.

André perdeu a pouca paciência que ainda tinha. Estava furioso. Firmando a arma na direção dos dois, gritou.

— De cara no chão, já disse! Se eu matar os dois aqui, nenhum juiz vai me condenar. Anda!

Os dois acharam que a coisa era séria e obedeceram, deitando-se de cara no chão. Pegando o telefone André começou a procurar o número da polícia. Geni resolveu apelar.

– Você devia é tomar conta melhor da sua noiva, em vez de estar se ocupando com a gente.

André estremeceu. Aquela referência feita por uma criatura do estofo da Geni à mulher que amava acima de tudo e em quem sabia poder confiar, por conhecer-lhe a natureza digna e honrada, pesou em sua alma como um sacrilégio.

– Que é que você está querendo dizer?...Sua...

– Pergunta ao Riquinho, aqui... Ele pode contar. Não é Riquinho?

André estava furioso. Aquela miserável estava insinuando o quê?

– Olha, aqui, sua cadela. Não toca no nome dela, senão eu sou capaz...

Riquinho, entendendo a jogada da Geni, disse com tranqüilidade.

– Ô aqui, ô cara. Se você apagar a gente a polícia vai saber que eu dormi com a tua noiva... E vai achar que foi vingança.

André estava a ponto de perder a cabeça. Rico, jogando com tudo, sentou-se no chão e continuou falando com segurança e jeito canalha.

– Sabe colega, eu me amarrei naquele sinalzinho que ela tem bem pertinho do bico do seio. Não sabe como aquela marcazinha me excita. Eu ainda vou fazer sexo com ela a dez mil metros de altura. Ela prometeu, sabia?

André estava petrificado. Geni, exultante. Chegara finalmente o momento de vingar-se tanto dele, quanto de Juliana. Falou com toda a ironia de que era capaz.

– Ah, André, já ia me esquecendo. Parabéns pelo filho... Mesmo que não seja teu.

– Se preocupe, não, André – completou o marginal. – Se você não quiser a criança, eu assumo, ta?

André levantou a arma, engatilhando-a. Sua expressão era de terrível ódio. Seria impossível aquele marginal saber sobre o sinal no seio de Juliana, a não ser que o tivesse visto, e o miserável falara com toda segurança. Os dois, em silêncio, acompanhavam seus movimentos e expressões. Sua formação, entretanto, não era a de um assassino. Aos poucos, baixou a arma, fazendo sinal com ela para saírem.

– Saiam! Depressa!... Antes que me arrependa.

André estava sob extrema tensão. Sua voz parecia mais um rugido.

– Saiam!

Geni e Rico levantaram-se apressadamente e saíram correndo. André deixou-se cair no sofá, sentindo o mundo desabar em cima dos seus ideais de amor e dos seus sonhos. O choque da acusação contra Juliana era grande demais. Sua cabeça parecia ter-se esvaziado de repente e o corpo ficado sem comando. Aos poucos foi conseguindo juntar alguns cacos de si mesmo. Respirou fundo, com necessidade de oxigênio.

Depois do choque veio à segunda parte, o convívio com a realidade, ou com aquilo que ele entendia ser a realidade.

– Não pode ser! – Gritou a plenos pulmões. – Juliana não faria isso! É claro que há algum terrível engano... Uma armação.

A cabeça fervendo procurava desesperadamente uma explicação plausível que pudesse juntar os pedaços dos seus sonhos, de sua vida, e recompô-los.

– Ela pode ter tido um caso com ele no passado – falou em voz alta. – É isso... Só pode ser isso.

Levantou-se, caminhando para um lado e outro, tropeçando nos móveis, descontrolado. Não era muito chegado a bebida, mas lembrando que havia uma garrafa guardada num móvel qualquer, achou que estava precisando dela. O líquido desceu queimando a garganta, mas não lhe trouxe um mínimo de alívio.

– Geni falou em gravidez – lembrou de repente. – Isso é mentira daquela infame.

Deu um murro num armário, machucando a mão, mas nem deu por isso.

– Preciso tirar isso a limpo.

Apanhou as chaves do carro, saindo para a porta, mas parou antes de abri-la.

– Não. Agora, não. Preciso me acalmar. Não posso chegar lá acusando...

Sentou-se no chão encostado à parede e, com o rosto entre as mãos, chorou amarga e desesperadamente.

– Por que, Juliana?... Por quê?

Aos poucos se foi acalmando, conseguindo raciocinar melhor.

– Eu pedi tanto a ela para confiar em mim e agora sou eu que estou desconfiando dela. Mas ela é íntegra. Não faria isso.

Levantou-se de um pulo.

— Claro. Deve ser uma trama muito bem urdida.

Lembrou-se de repente daquelas percepções que tivera na praia, o pé batendo no chão e os dois olhos maldosos.

– Isso é coisa da Geni! – Vociferou. – Eu sempre achei que ela andava metida com macumba.

Respirou mais aliviado.

– Eu não vou dar atenção a esses desgraçados... Não vou dar esse gosto a eles. Quando amanhecer, vou falar com Juliana. Ela vai esclarecer tudo.

Capítulo 24

Juliana acabara de acordar. Decidida a não fazer o aborto, sentia-se disposta a enfrentar as conseqüências dessa decisão fossem quais fossem. Só não imaginou que seriam tão pesadas. Olhou o retrato de André, sobre a mesinha de cabeceira. Apanhou-o, apertando-o contra o peito, com o olhar vago

voltado para o teto. Estranhas impressões começaram a apoderar-se dela. Sentiu que estava regredindo no tempo, chegando rapidamente à idade infantil, transformando-se num feto no ventre da mãe. Diminuía mais e mais até ser apenas um ponto e, de repente, “explodia” em outra época, num outro lugar.

Via a si mesma como num filme, mas sentindo e vivenciando tudo, como se fosse possível ser duas ao mesmo tempo. Seu nome também era outro, Luciene. Estava vestida como uma camponesa do século XVIII no interior da França e fugia pelo meio do matagal, arrastando a filha de cinco anos. Estava desesperada, quase morrendo de medo. Sabia que o Conde dera ordens para matarem a ela e a filha, ao descobrir que a menina era sua neta bastarda. O pai da menina, Marcel, era seu único filho e devia casar-se com uma rica herdeira para salvar o patrimônio da família, mas negava-se, apaixonado como estava por ela, Luciene.

Um breve hiato e já se via, muitos anos mais tarde, envelhecida e doente, na condição de uma prostituta de alta classe, em Paris. Uma aia, com expressão aflita, tentava amenizar-lhe a ansiedade.

– Tem paciência, madame. O Conde foi chamado. Deve estar a caminho.

Ouvindo o ruído de uma carruagem, preocupou-se com a aparência.

– Como estou?

– Madame está ótima. Parece até mais jovem.

André, ou melhor, o Conde Marcel aparecia na porta do quarto ao mesmo tempo em que a aia saía discretamente.

Revê-lo, depois de tantos e tão longos anos reacendeu todo o imenso amor que lhe dedicara. Estava mais belo que nunca. Os reflexos de prata no cabelo davam-lhe um aspecto imponente, suavizando-se quando expressava ternura no olhar, como agora.

Ficaram alguns instantes olhando um para o outro em silêncio. Juliana, ou melhor, Luciene estendeu as mãos e ele segurou-as, desabando aos pés da cama, chorando desesperadamente. Também chorando ela falou com dificuldade.

– Meu amor... Meu grande amor... Não há mais tempo para lágrimas. Eu estou morrendo... Só por isso mandei te chamar. Por favor... Quero levar a lembrança do teu sorriso... Não do teu desespero.

Marcel conseguiu a muito custo estancar as lágrimas, pedindo, numa voz embargada de emoção.

– Perdoa meu amor... Perdoa. Eu fui um covarde... Covarde! Eu devia ter enfrentado meu pai. Você e a nossa filha eram tudo que eu tinha de mais importante na vida, mas... Mesmo assim...

– Não fala assim... Meu amor. Eu já te perdoei... Há muito. Luciene falava com dificuldade, sentindo a vida fugir-lhe, mas conseguia colocar todo o seu imenso amor na entonação da voz, no olhar, nos gestos, no contato de suas mãos com as de Marcel. Sabia que estava à morte e achava que finalmente tinha o direito de desfrutar esse amor com intensidade, nem que fosse apenas por alguns minutos. Mas observando a sua angústia, procurou aliviar-lhe o sentimento de culpa.

– Fui eu que decidi fugir... Sem você, só com a Flor... Não quis destruir a tua vida, teu futuro... A culpa foi minha. Eu devia ter acreditado mais...

– E a Flor? Eu soube que ela...

– Ela... A nossa filhinha morreu... De uma febre ruim... Logo que chegamos a Paris.

Marcel afundou o rosto no colo de Luciene. Seu corpo estremecia com o pranto. Aos poucos conseguiu acalmar-se um pouco.

– Eu destruí a minha vida e a tua... E também da nossa filhinha, nosso encanto, nosso mundo. Eu devia ter enfrentado meu pai, ou então fugido com vocês. Teria conseguido salvá-la. Eu fui um covarde... Covarde...

Juliana ficou olhando longamente para ele, as lágrimas descendo quentes, molhando o travesseiro.

– E eu... Para me vingar... Ou talvez para te esquecer... Transformei-me numa prostituta.

À custo Luciene conseguiu virar o corpo, apanhando um pequeno estojo sobre a mesinha de cabeceira. Abriu, retirando um anel.

– Lembra?

Apanhando o anel o conde fechou-o nas mãos, num gesto de imensa ternura. Em seguida encostou-o no peito, sobre o coração.

– Como poderia esquecer?

– Você o colocou... No meu dedo, e disse: Este anel... Vai representar a nossa união... É um círculo de ouro... Em torno de nós dois... Unindo nossas vidas... Nossos corações.

Marcel enterrou novamente o rosto no colo de Luciene, soluçando. Depois de instantes levantou a cabeça e, segurando-lhe as mãos com uma das suas, com a outra lhe alisava os cabelos, o rosto, falando com intensa emoção.

– Eu quero que você viva, querida. Não se vá... Vamos refazer nossas vidas, mesmo depois de velhos.

– É tarde, meu amor... – respondeu com voz entrecortada e respirando com dificuldade. – Nós dois erramos muito... Muito... Mas um dia... Daqui a séculos, talvez... Nós vamos nos encontrar...

Segurando suas mãos com desespero, Marcel perguntou com voz angustiada:

– Quando?... Onde?

Os olhos de Luciene perdia rapidamente o brilho e as mãos já não tinham forças para apertar as do seu amor.

– Não sei quando... Nem onde – murmurou. – Mas eu prometo... Vou estar a tua espera...

Marcel levantou o rosto molhado de lágrimas e os reflexos de uma nova luz iluminaram-lhe o olhar.

– E eu vou te procurar, querida. Não importa o tempo nem a distância... Eu vou te encontrar. E então vamos ficar juntos... Nós dois...

– E nossa filhinha – completou Luciene, quase sem voz. E fazendo um soberano esforço, disse num sopro:

– Um dia... Um dia... Nós três... Juntos...

Os dois tinham as mãos entrelaçadas e Luciene sentiu uma lágrima caindo no dorso da sua.

Capítulo 25

Em sua cama, Juliana fazia um enorme esforço para sair daquele estado. Aos poucos foi conseguindo retornar, movendo lentamente as mãos, o corpo... Com muito custo sentou-se na beira da cama. Sentia ainda, com toda a nitidez, a lágrima de Marcel no dorso de sua mão.

– Meu Deus! – Pensou em voz alta. – Que experiência terrível! Acho que isso foi outra regressão.

Levantou-se e foi até a cozinha tomar água.

– Eu preciso contar isto ao André. Também preciso falar sobre a gravidez, à violência que sofri...

Fechando os olhos, respirou fundo algumas vezes, procurando acalmar-se. Estava difícil conviver com as cenas que revivera durante aquele transe, aquele retorno ao passado, vívido, cruel, mas também de certa forma confortador, já que agora ela e seu amor haviam conseguido reencontrar-se.

Mas algo dentro dela sinalizava ameaças. Sem sentir, perguntou a si mesma em voz alta:

– E os outros personagens, além da Flor? Será que existem outros? Serão bons... Ou maléficos?

Voltou ao quarto, deitando-se de novo, pensando em como iria contar tudo ao André.

– Será que ele vai entender? — Perguntou a si mesma.

A campainha tocou e pareceu-lhe perceber em seu toque um timbre de ameaça. Vestiu-se rapidamente e foi abrir a porta. Era André. Surpreendida e também preocupada sem saber exatamente por que, exclamou:

– André, que surpresa! Estava justamente pensando em você.

Um beijo leve e os dois estavam na sala. Observando Juliana, André percebeu-a um pouco estranha. À sua mente voltaram às palavras de Riquinho: “– Sabe, colega, eu me amarrei naquele sinalzinho que ela tem bem pertinho do bico do seio. Não sabe como aquela marcazinha me excita...”

– Eu preciso falar com você, Juliana.

A jovem não observou o tom seco, preocupada que estava em organizar as próprias idéias, a maneira como lhe contaria...

– Eu também, Amor – respondeu, – estou precisando falar com você. Vamos para o meu quarto.

No quarto, Juliana acomodou-se sobre a cama, ao passo que André encostou-se à cômoda, que estava com a gaveta entreaberta. A mesma onde ela colocara o teste de gravidez que não quisera fazer, e cuja ponta aparecia pela abertura.

– Lembra aquela conversa que tivemos... Sobre confiarmos um no outro? – Começou André.

– Claro que me lembro... E isso tem me incomodado muito – respondeu Juliana, vendo ai uma “deixa” para começar a sua narrativa.

André levou um susto, pensando que ela se referia a algum romance ocorrido entre ela e Rico. Quase sem voz, perguntou:

– Incomodado?

– É, André... Aconteceu uma coisa... Que eu não te contei.

Sentindo como se o chão lhe fugisse de baixo dos pés, André apoiou-se na cômoda e, pelo vão da gaveta viu o teste de gravidez. Em seus ouvidos soou de novo a asquerosa voz de Riquinho, ao dizer: “Se preocupe, não, André. Se você não quiser a criança, eu assumo, tá?”

Transtornado, abriu a gaveta e apanhou o teste, mostrando-o a Juliana.

– Então... É verdade? – perguntou num gemido. – Você está mesmo grávida...? Daquele marginal...?

Juliana não conseguia entender a reação de André, cujos olhos refletiam desespero e ódio.

– Eu ia te contar amor...

Horrorizado com o que supunha desfaçatez de sua noiva, respondeu num verdadeiro rosnado:

– Não precisa. Já sei de tudo...

Seu desespero era profundo, acreditando ter descoberto a verdade. Uma verdade que destruía seu amor, seus sonhos, sua vida. Olhou para Juliana como quem vê o seu céu transformar-se no inferno. Abriu a boca para dizer algo, mas a voz era só um ronco. Dirigiu-se para a porta, completamente transtornado, querendo fugir dali o mais depressa possível.

Juliana estava estática, sem entender-lhe a atitude. A seus olhos desenhava-se um André que ela não conhecia um homem tão machista que a crucificava pelo fato de ter sido vítima de uma violência tão cruel e selvagem. Sem conhecer a verdade, via seus castelos desabarem todos de uma só vez. Muda de aflição, o corpo foi caindo vagarosamente sobre a cama, como se estivesse morrendo. Seu desespero era silenciosamente cruel.

Capítulo 26

Uma semana mais tarde, depois de terminar uma peça de argila em que vinha trabalhando, Telma preparava uma xícara de chá quando Juliana entrou.

– Oi, filha!...

Abraçou-a, perguntando:

– Como é que você está?

Apesar da expressão de tristeza, Juliana mostrava na fisionomia a determinação de continuar caminhando, e da melhor forma possível.

– Estou bem, mamãe.

Telma examinou-lhe o rosto, fazendo um gesto de aprovação.

– Chegou bem na hora do chá. Quer uma xícara?

– Quero sim.

Enquanto preparava o chá, perguntou:

– Você está bem ou está obrigando a si mesma a estar bem?

Juliana sorriu.

– É só uma questão de bom senso, mamãe. E isso foi você mesma quem me ensinou: A cabeça deve ouvir o coração...

– E o coração usar de bom senso – completou a mãe.

– Pois é o que estou tentando fazer.

Relanceando o olhar pela própria barriga, continuou:

– Eu tenho pensado muito... E resolvi levar esta gravidez numa boa.

Pelo olhar de Telma passou um reflexo de contentamento, enquanto a filha prosseguia:

– Sabe mãe, as pessoas usam muitos chavões, “o milagre da vida” e muitos outros, mas não dimensionam esse milagre.

Apanhou uma das peças de argila de sua mãe, uma pequena estatueta e, levantando o rosto com olhar sonhador foi falando, como para si mesma:

– Sem que os pais saibam... Ali, no silêncio intocado, as duas células de vida se unem e começam a formar uma nova vida. E naquele embrião tão pequeno que o olho não vê, está o esquema completo de uma nova pessoa... Perfeito, em todos os detalhes.

Levantou-se, caminhando um pouco, como se precisasse de espaço para sentir toda a grandeza do que dizia. Passou os dedos suavemente pela superfície da estatueta, comentando:

– Eu vi um documentário incrível sobre embriologia.

Seu olhar entristeceu ao lembrar quem lhe mostrara o documentário, mas reagiu, dizendo com ternura:

– O coraçãozinho começa a bater com apenas três semanas de gravidez. Os pezinhos e as mãozinhas vão ficando prontos e aquela coisinha, bem pequenininha, leva o dedinho à boca... E fica chupando o dedinho, como a se consolar... Ou fazer companhia a si mesma.

Olhando a mãe com intensidade, exclamou:

– Esse comecinho de gente não é só um punhado de tecidos; ele já tem sentimentos, emoções. É uma vida; um mistério cósmico, que a gente não tem o direito de destruir.

Fez pequena pausa e concluiu:

–... Não importa como tenha sido feito.

Telma, que estivera silenciosa durante a fala da filha, sorriu com ar de aprovação.

– Isso, filha! Você está certa, certíssima!

Com ar de ternura, Juliana continuou:

– Eu vou amar o meu bebê. Vou amá-lo muito. Vou cantar para ele, para que se acalme; para que não sofra por ter sido feito como foi. Eu vou ensiná-lo a ver também o lado luminoso da vida, para que essa luz possa apagar qualquer sombra hereditária.

Telma estava emocionada. Conhecia muito bem a filha, mas, mesmo assim, surpreendia-se com a grandeza que ela demonstrava ao vencer a própria dor, o desespero, a solidão, abrindo mão de seu possível direito de curtir a situação de vítima; e tudo isto, para preservar de qualquer condição psicológica negativa aquela vida que sentia crescendo em seu seio. E, além de preservá-la, ainda programava-se para passar-lhe o melhor do seu amor e carinho, de tranqüilidade e alegria, necessários a um desenvolvimento harmonioso e saudável. Era preciso realmente muito controle sobre si mesma, muita força de vontade e, sobretudo, muito amor, para levar a cabo tal empreitada.

Telma queria demonstrar-lhe sua admiração, mas não encontrou palavras. Com os olhos marejados de lágrimas foi abraçar a filha, exclamando:

– Você sabe que pode contar comigo, sempre, filha... Não sabe?

– Sei mãe... Eu sei disso, e isso me dá muita força, sabia?

Capítulo 27

Meses mais tarde, Geni e Rico estavam se preparando para a viagem a Bolívia.

– To doida pra ver isso aqui pelas costas — desabafou Geni, correndo os olhos pelo “apartamento”. – Não agüento mais esse lixo.

Fazendo um jeito de conquistador, Riquinho respondeu:

– Deixa estar, boneca. Quando a gente voltar da Bolívia, o papai aqui vai te botar num apartamento bem maneiro, num desses apart-hotéis de luxo.

Dando de ombros a garota retrucou:

– Só quero é ver...

Mesmo gostando dela, lá à sua maneira, Riquinho não perdia oportunidade de lhe pisar nos calos, e, sabendo o quanto aquele assunto a incomodava, comentou:

– Até lá, meu filho já nasceu.

Espiando-a com o canto do olho, concluiu:

– Outro dia eu vi a mãe... A barriga já está por acolá.

Geni não agüentou a provocação e gritou furiosa:

– Quer dizer que você anda espionando aquela égua...?

Com jeito maldoso, sabendo o quanto iria enfurecê-la, Rico respondeu:

– Quê que há boneca? Tenho que pastorá o que é meu.

Foi demais. Isso realmente merecia briga. Botando as mãos na cintura com ar de desafio, Geni mandou um petardo capaz de desmontá-lo.

– Tá bom... Tá muito bom, seu Rico. Pois chame ela pra viajar com você, porque eu... To fora.

E, botando mais ênfase, concluiu:

– Vai com ela... Aproveita a barrigona... Aí é que não vai mesmo despertar suspeita. Eu vou é procurar outro rumo pra vida.

Percebendo que fora longe demais, Riquinho mudou a expressão, ensaiou aquela pose de galã de favela que ela tanto gostava e foi-se aproximando, vendendo sensualidade.

– Qual é Boneca... Tá me estranhando, é? Eu lá sou homem de andar atrás de rabo de saia...?

Um pouco mais mansa, mas ainda de mau humor, Geni perguntou:

— E ela é o quê?...

Chegando-se mais, Riquinho tentou dar à voz um toque carinhoso, meio dengoso.

– Sua boba, num tô interessado nela... É só na criança.

Desconfiada, Geni levantou a cabeça, num gesto de desafio.

– Que é que tu quer com a criança?

Rico sentiu que já tinha ganhado a batalha. Agarrou-a, afagando-lhe os seios.

– O Rico aqui, mia lôra, num dá ponto sem nó.

Largando a moça foi até a janela. Ficou olhando para fora, matutando. Em seguida, voltando-se para Geni comentou:

– Aquele menino ainda vai me render uma boa grana. Tu vai ver...

Vendo que ainda estava desconfiada, agarrou-a novamente, beijando-a com violência. Em seguida apanhou a bagagem, exclamando:

– Vamos embora, que o avião num espera.

Minutos depois, os dois saíram do “apartamento” a procura de um taxi que os levaria ao aeroporto.

Capítulo 28

Dias mais tarde Geni e Rico estavam a bordo de um avião de passageiros, procedente da Bolívia e com destino a S. Paulo. Com eles viajava outro comparsa, o Diegão. Traziam grande carregamento de cocaína para uma poderosa organização com ramificações em quase todos os continentes. O chefão havia confiado esse trabalho a eles por se tratar de caras novas por aquelas bandas. Geni ostentava uma grande barriga de fim de gravidez, contendo vários quilos da droga e levava um bonito “baby bag”, com o mesmo conteúdo e com o ar mais maternal do mundo. Vez por outra gemia, dando demonstrações de dor. Rico levava uma grande máquina fotográfica a tiracolo e parecia o mais cuidadoso e carinhoso dos maridos e futuros pais. Não tiveram qualquer problema no embarque, mas sabiam que o perigo estaria no aeroporto de S. Paulo. Por isso tinham elaborado um plano para seqüestrar o avião. Mas, para confundir a polícia ou evitar perseguições mais acirradas no primeiro momento entenderam de aparentar outro motivo para o seqüestro. Também Diegão trazia vários quilos muito bem escondidos na bagagem de mão.

Riquinho consultou o relógio mais uma vez, olhando para Diegão, atento, no outro lado do corredor. Os três estavam sentados na primeira fila, próxima à cabine de comando.

– Tá na hora do show – cochichou no ouvido da Geni. Esta começou a gemer alto.

– Que foi meu bem? – Perguntou Rico em voz alta.

Geni, fazendo ar de grande sofrimento, disse com dificuldade:

– As dores... Estão cada vez mais... Fortes...

Diegão, fazendo-se um mero desconhecido solidário, espichou o pescoço, perguntando, alto:

– Ela está em trabalho de parto, é?

– É sim – respondeu Rico, com ar aflito. – E o pior é que o médico disse que ela pode ter complicações. Ela precisa de um hospital.

Diegão chamou uma aeromoça e Rico explicou, com ares de extrema preocupação e nervosismo:

– Ela está com muitas dores... Acho que o neném já vai nascer. Ela precisa de um hospital urgente. Diga ao comandante para descer no aeroporto mais próximo.

– Não se preocupe senhor – respondeu a comissária. – Nós somos treinadas para fazer parto a bordo, em caso de necessidade.

Riquinho fez-se de exasperado. Levantou-se, furioso, gritando:

– Minha mulher teve uma gravidez de risco e o parto não vai ser fácil, entendeu? O caso dela é muito grave... Eu exijo que o avião desça no aeroporto mais próximo.

Dirigindo-se a Geni, todo atencioso, falou carinhoso:

– Não se preocupe meu bem. Eu vou falar com o Comandante. Tenho certeza de que ele vai me atender.

Demonstrando solidariedade, Diegão exclamou:

– Eu vou com o senhor, se não se importa.

– Claro que não. Eu lhe agradeço a força.

– Ora, não há de quê. Será um prazer poder ajudá-los.

O Comandante tinha acabado de falar com a torre de Campo Grande quando os dois marginais entraram na cabine. Percebendo que poderia tratar-se de um seqüestro, deixou

aberto o canal de rádio. Diegão ficou vigiando a porta e Rico, retirando uma arma de dentro da falsa máquina fotográfica, mirou a cabeça do co-piloto, dizendo ao Comandante:

– Se tentar passar qualquer aviso pelo rádio eu mato o seu colega, aqui.

– Está bem – respondeu o Comandante, procurando controlar o próprio nervosismo.

– Ah, bom menino – zombou Rico. – Agora me obedeça, sem nem piscar.

Acompanhando a palavra com o gesto, ordenou:

– Comece a descer. Nós vamos pousar em outro ninho.

– Este avião não pode pousar em qualquer pista.

– Pois vai ter que poder.

Encostando a arma com força na cabeça do co-piloto, ordenou:

– Descendo, Comandante, descendo... Não me custa nada apagar o colega, aqui. Eu sei que você é capaz de pousar o avião sozinho.

– Está bem... Fique calmo... Eu vou obedecer. Não quero ver ninguém ferido.

– É assim que se fala... Bom menino! – zombou Rico.

– Vamos descer aonde?

– Três Lagoas...

– Três Lagoas? Aquela pista não dá nem para urubu...

– Pois vai ter que dar. E eu já avisei... Não tente nenhuma gracinha, que tem muita gente pra morrer aqui...

– Fique calmo... Já disse que não vou botar a vida dessa gente em perigo. Mas pousar em Três Lagoas é uma loucura. Não dá para ser em outro lugar?

– É melhor calar a boca, antes que eu fique nervoso... E olha que já estou ficando... Aí meu dedo fica pesado no gatilho e...

– Está bem, está bem... – Interrompeu o comandante – eu vou tentar pousar em Três Lagoas.

– Muito bem, garotão. Agora ligue o rádio e chame o aeroporto de Três Lagoas. Diga que está com uma mulher em trabalho de parto. É um caso complicado e ela corre risco de vida se não for socorrida logo. Peça que chamem uma ambulância.

Agarrando o Comandante pela gola com força e apontando a arma para o seu rosto, disse agressivo:

– E se ouvir qualquer palavra suspeita eu mato o coleguinha ali... E assim que o avião pousar eu mato você... Deu pra entender?

– Eu entendi... Mas por favor, fique calmo. Não machuque ninguém...

– Se fizer tudo bem direitinho, ninguém vai se machucar.

Depois de o comandante ter falado com o aeroporto de Três Lagoas, Riquinho ordenou-lhe comunicar o fato aos comissários pelo interfone, evitando que suspeitassem do que estava acontecendo, e, fazendo sinal para Diegão, concluiu:

– O colega aqui vai ficar tomando conta, porque eu vou cuidar dos passageiros. Mas, olhe que ele é bem mais nervoso que eu.

Foi saindo e dizendo:

– Diegão, se notar qualquer coisa suspeita, tu queima o copiloto.

Riquinho passou a arma para Diegão e voltou à cabine de passageiros, dizendo em voz alta a Geni:

– Vamos pousar em Três Lagoas, querida. Fique calma, que vai dar tudo certo.

Geni fingia estar com dores periódicas, conseguindo enganar a todos e, por seu lado, Rico dava uma de marido amoroso e preocupado.

O avião pousou com dificuldade, parando na cabeceira da pista. Um helicóptero preparava-se para pousar perto dele, a fim de apanhar os traficantes e sua muamba. Ao mesmo tempo, várias viaturas de polícia seguiam velozmente pela pista, na direção do avião.

Riquinho e Geni, ainda fazendo-se passar pelo que não eram, apanharam as bagagens de mão, com a cocaína, começando a descer do avião, enquanto Diegão “cuidava” dos tripulantes.

As viaturas já estavam perto e do helicóptero começaram a atirar nelas. A polícia abriu fogo e Riquinho que ia à frente correu, mas não conseguiu embarcar porque o helicóptero teve de afastar-se rapidamente para fugir aos tiros da polícia. Rico conseguiu escapar para o matagal, abandonando a mala que levava e Geni, ao ver a confusão voltou para dentro do avião.

Os policiais já tinham cercado o aparelho quando ela reapareceu na porta, segurando uma mulher e apontando uma arma para a cabeça dela. Atrás, Diegão trazia o comandante, também como refém.

– É melhor vocês se entregarem – gritou o tenente que comandava a operação. – Nós damos garantias...

– Vá pro inferno com suas garantias – gritou Geni. – Eu quero é vocês longe daqui... Vão saindo, senão estouro os miolos dela.

Alguns policiais aproximavam-se por baixo do avião. O tenente querendo ganhar tempo, disse a Geni:

– Você não vai ganhar nada com isso, moça. É melhor se entregarem.

Apertando o cano da arma contra a cabeça da refém, Geni ordenou:

– Pra trás vocês todos, senão eu atiro.

– Está bem – respondeu o tenente. – Nós vamos nos afastar...

Mas fique calma...

– Nós queremos uma viatura com armas pesadas e tanque cheio, gritou Diegão.

– Não acha que é pedir demais? – Perguntou o tenente.

Geni estava nervosa. Tinha saído tudo errado. Deu um safanão na refém, que gritou. Um policial que tinha se aproximado por baixo do avião atirou, atingindo a seqüestradora na cabeça. Diegão, ao vê-la cair, jogou fora a arma e levantou as mãos, gritando a plenos pulmões.

– Eu me rendo... Eu me rendo... Não atirem...

Capítulo 29

André estava na Produtora tentando trabalhar, mas sem conseguir concentrar-se. Levantou-se mais uma vez, caminhou de um lado a outro, lavou o rosto e, como se fosse levado por uma força irresistível foi até a gaveta onde havia guardado o retrato de Juliana. Abriu, quase com medo. Tirou a foto e ficou olhando, cheio de mágoa.

— Por que você fez isso comigo, Juliana... Por quê? Eu confiava em você!...

Devolveu a foto à gaveta, murmurando:

– Você destruiu minha vida...

André sentia como se a ausência de Juliana o tivesse esvaziado. Ela fazia parte de sua vida, aliás, sempre fizera, mesmo antes de conhecê-la. Era seu o olhar que procurava quando distraído caminhava pelas ruas da cidade. Jamais conseguiria esquecê-la. Às vezes algo lhe dizia que nada havia acabado e que eles ainda voltariam a caminhar juntos, mas a razão contestava dizendo ser ela uma criatura perversa, falsa e além de tudo cínica, pelo ar inocente com que confirmara estar grávida do marginal. Era isto que mais o machucava. Se ela ao menos tivesse chorado, contado uma história qualquer mesmo que não fosse verdadeira; se tivesse pedido perdão... Mesmo que nunca voltassem a ficar juntos, pelo menos poderia guardar dela uma lembrança mais amena, menos infeliz.

Fechou finalmente a gaveta e, sem ânimo para trabalhar, apanhou o jornal, sentou-se no sofá e começou a folheá-lo sem interesse. De repente, deu um pulo. O retrato de Riquinho olhava para ele, ao lado da manchete: **POLÍCIA APREENDE CARREGAMENTO DE COCAÍNA.**

Leu sofregamente: “Três traficantes seqüestraram o avião procedente de Santa Cruz de La Sierra, com destino a S. Paulo, obrigando o comandante a pousar em Três Lagoas, onde um helicóptero já os esperava. A polícia, no entanto, chegou junto e, numa operação cinematográfica, prendeu um dos traficantes, conhecido como Diegão. O outro, Riquinho, conseguiu fugir e sua companheira, Geni Matos, foi morta por

um policial, quando ameaçava atirar numa refém. A polícia espera prender Riquinho nas próximas horas”.

Levantou-se de um pulo, saboreando o prazer que teria ao jogar na cara de Juliana as “qualidades” do homem que escolhera.

– É esse o pai do teu filho, não é, Juliana? – Ia ensaiando em voz alta enquanto apanhava as chaves do carro, concluindo: – Ah, essa notícia eu quero te dar pessoalmente. O teu amante, seqüestrador e traficante, procurado pela polícia. Foi esse o homem pelo qual você me trocou!

Capítulo 30

Em seu quarto, Juliana ajeitava as roupinhas do bebê. Apanhou uma peça encostando-a no rosto, num gesto de carinho. A barriga grande indicava que a gestação ia bem avançada. Olhou o retrato de André, apanhou-o, segurando sobre o peito. O olhar distante indicava que as lembranças afluíam com sabor de amor e amargura e lágrimas de saudade e mágoa rolaram-lhe pelo rosto.

Juliana amava-o com toda a alma. Sabia que eram mais do que meros apaixonados. Eram dois seres que se buscavam nos caminhos seculares de encontros e desencontros, com promessas de um final feliz... Mas, para quando? Teriam ainda de cruzar outros séculos antes de poderem finalmente encontrar-se, sem novas separações?

Sentindo que precisava desgrudar-se daqueles pensamentos sombrios fechou os olhos e respirou fundo, procurando relaxar, buscando o equilíbrio dos ritmos internos. Entendia

que um estado de harmonia interior era importante para o seu bebê. Foi quando ouviu novamente aquela voz dentro do próprio pensamento, dizendo:

– Nunca se dê ao luxo de curtir mágoas nem tristezas. Apegue-se sempre à esperança. O ser humano é frágil... E é a esperança que lhe dá motivação para não morrer na praia depois de cada naufrágio. É ela que dá novas energias e alento para recomeçar.

Que palavras belas! Quem seria essa voz com timbres de amizade, que lhe falava de forma tão profunda, tão verdadeira?

O toque da campainha arrancou-a bruscamente de suas cogitações. Levantou-se e foi abrir a porta. Diante dela André, olhando-a mudo com expressão acusadora que logo se foi transformando noutra que refletia uma imensa e dolorosa saudade.

– André! – murmurou, quase sem voz.

Ficaram se olhando por instantes. Juliana, profundamente magoada, mas com uma saudade maior ainda que a mágoa, mal conseguiu murmurar:

– Entra.

André entrou. Sua vida fora um inferno de tormentos desde a separação. A saudade pungente, dominadora, implacável. Para si mesmo dera a desculpa de que iria jogar na cara dela a notícia sobre Riquinho, mas no fundo, o que desejava mesmo era voltar a vê-la, voltar para ela... Apesar de tudo. Automaticamente dirigiram-se ao cenário do rompimento, o quarto de Juliana. Esta largou o corpo na cama e André ficou em pé, encostado à cômoda, como da última vez que ali

estivera. Tudo voltou à sua memória com terrível nitidez. A pergunta que lhe fizera: “Então... é verdade?... Você está mesmo grávida daquele marginal?” e o que entendia ser o cinismo da resposta dela: “Eu ia te contar, amor...”.

A raiva subiu novamente do coração, toldando-lhe o bom-senso. Olhando-lhe a barriga com ar de nojo, atirou o jornal sobre a cama, num gesto de desprezo.

– Está aí... Trouxe para você ver.

Juliana, sem entender o que acontecia, olhou automaticamente o jornal e viu o retrato de Riquinho.

– Meu Deus, é o bandido que me violentou!

André repetiu de forma automática, sem ainda assimilar completamente o que aquela palavra significava:

– Violentou...

Juliana olhava o jornal sem perceber o que se passava com o ex-noivo.

– É ele mesmo – disse. – Tenho certeza.

Como um raio a verdade caiu sobre André, fazendo-o estremecer desde as entranhas. Que terrível engano! Como pudera duvidar dela, crucificá-la, como fizera? Ali estava ela, inocente, arrostando o mundo com aquela gravidez de vítima, na coragem e dignidade de um coração extremamente bem formado. E ele?... Ele que lhe fora algoz, que se preocupara tanto em pedir-lhe confiança, companheirismo, mas que a enxotara à primeira suspeita?

Tal constatação pesou demais e André foi-se deixando cair ao chão, dobrando-se sobre si mesmo. Sem coragem de olhar para ela, só conseguia repetir:

– Meu Deus, o que fiz?... O que eu fiz?

Juliana não entendia a reação do ex-noivo, mas seu coração parecia querer saltar do peito de tanta emoção, com gosto de esperança.

– Do que você está falando? — perguntou.

Com a cabeça em fogo, André repetia:

– Meu Deus... O que fiz... Que foi que eu fiz? Eu nunca vou conseguir me perdoar.

Juliana levantou-se, puxou uma cadeira e foi sentar-se perto dele. Pos a mão sob seu queixo, erguendo-lhe a cabeça com carinho, enquanto dizia com infinito amor:

– Olha para mim, André.

Aos poucos ousou olhar para ela. Viu seus olhos molhados de lágrimas, a barriga crescida... Imaginou todo o sofrimento por que devia ter passado... Sentiu como se algo quebrasse dentro de si, transbordando em choro incontrollável.

Juliana acolheu-lhe a cabeça em seu colo, afagando-a. Em meio ao pranto André pedia, com voz entrecortada:

— Perdoa Juliana... Perdoa... Perdoa... Eu não sabia... Juro.

A jovem continuava não entendendo.

– Que é que você não sabia André?

Finalmente conseguiu acalmar-se o suficiente para falar.

– Eu não sabia que você tinha sido violentada. Aquele miserável me disse que... Falou no sinal que você tem no seio, falou da gravidez... Eu pensei que você e ele...

Juliana levantou-se, afastando-se dele. Não entendia como pudera acreditar em semelhante coisa. Olhou para ele com mágoa, perguntando:

– Como é que você pôde pensar uma coisa dessas à meu respeito? Como pôde?

A mágoa foi-se transformando em revolta. Gritou exaltada:

– Não foi você mesmo quem me pediu confiança?

Raramente Juliana perdia a serenidade, mas naquele momento sentiu que precisava fazer uma violência para descarregar o excesso de emoções que vinha abafando há meses.

Agarrou o vaso com flores e atirou-o com força no chão, concluindo:

–... E cadê a tua?...

O gesto violento acalmou-a um pouco. André estava arrasado, permanecendo em silêncio. Juliana continuou falando com revolta e lágrimas na voz.

– Você tem a mais remota idéia do que eu tenho sofrido? Pode imaginar sequer o que é ser violentada por um bandido asqueroso e, depois, ser abandonada pela pessoa que mais ama e confia?

André ouvia de olhos baixos, sem coragem de olhar para ela.

– Não André, você não pode imaginar.

Depois de longo silêncio, finalmente André conseguiu balbuciar:

– Por que não me contou?

No fundo da alma Juliana já o havia perdoado e agora a esperança de felicidade desabrochava vigorosamente em seu interior, mas precisava desabafar descarregar os restos de mágoa que ainda alojava.

– Por que não contei...? Porque a idiota, aqui, queria preservar o seu amor de toda aquela sujeira.

Desesperado, pediu:

– Tem dó de mim, Juliana. Por favor, me perdoa!

Ficou penalizada. Suavizando mais a voz, perguntou:

– Como você soube?

– Foi aquele miserável. Deu a entender que vocês dois tinham um caso. Referiu-se ao sinalzinho que você tem no seio... E falou também sobre a gravidez, dizendo que o filho era dele.

Juliana estava calada, sem voz, não conseguindo entender tanta maldade. Depois de pequena pausa, André concluiu:

– Aí você me confirmou que estava grávida... De um marginal...

André levantou-se, mas ficou no mesmo lugar sem coragem de aproximar-se. Estendendo as mãos em gesto de súplica, falou:

– Eu nunca podia imaginar que foi assim... Por violência. Perdoa-me. Eu sei que devia ter confiado em você... Eu sei. Perdoa-me.

Deu um passo para aproximar-se dela, mas pisou em algo. Instintivamente abaixou-se e apanhou. Era o aparelho de escuta que Geni havia colocado no vaso que Juliana quebrara.

– Que é isso? – Perguntou. – Parece um aparelho de escuta... Um microfone.

– Microfone? ... Estranho!... Estava dentro do vaso...

André sentiu um calafrio. Começava a entender a trama.

– Foi aquele miserável. E foi assim que ele soube da tua gravidez... E eu caí feito um pato.

Os dois estavam boquiabertos, sem saber o que dizer. De forma automática André juntou os cacos do vaso que estavam no chão e foi jogar no lixo. Era uma forma de esfriar um pouco a cabeça. Juliana acompanhou-o até a sala e ficou esperando que voltasse. Em seu coração vibrava uma nova

música chamada felicidade. Sentia que havia luzes acenando além das curvas do caminho, embora essas curvas ainda pudessem trazer surpresas sombrias.

Ao voltar, André foi dizendo:

– Lembra da Geni? Aquela garota que trabalhou comigo na Produtora?

– Claro que me lembro... É uma pessoa má, perigosa.

– Muito mais do que você possa supor. Eu acho que foi ela quem planejou tudo isso.

– Mas, como? Por quê?...

– Ela é comparsa desse tal de Riquinho. Ou melhor, era, porque morreu durante esse seqüestro de que fala o jornal. Eu penso que tudo o que aconteceu com você foi vingança dela. Acho que a Geni sonhava em se casar comigo e, sem dúvida, na cabeça dela, você foi à culpada por não ter dado certo.

– Que horror! – Exclamou Juliana, sem conseguir entender como alguém pode chegar a ser tão mau. Depois de pensar por instantes, rememorando os acontecimentos, exclamou:

– Essa mulher é uma louca!... Louca perigosa.

– Era – consertou André. – Ela está morta.

Juliana ficou em silêncio analisando os próprios sentimentos. Depois de instantes, comentou:

– Foi uma trama realmente muito bem urdida. Que Deus se apiede dela!

André aproximou-se e segurou-lhe as mãos, perguntando:

– Será que você pode me perdoar?

Juliana soltou-se e foi colocar uma música para tocar, a mesma que dançaram na noite do seu noivado. Aproximou-se

dele sorrindo, com os olhos mais azuis que nunca, embora marejados de lágrimas, dizendo:

– Talvez a barriga atrapalhe, mas eu quero dançar de novo essa música com você.

Dançaram de rosto colado, sentindo o quanto era grande e profundo o seu amor. André esforçava-se para não pensar que ali, na barriga da sua amada estava o filho do marginal. Se ela aceitara essa gravidez, quem seria ele para dizer qualquer coisa? Mas estava difícil.

Ao fim da música, sentados no sofá, abraçadinhos, comentou:

– Você foi muito corajosa por ter mantido essa gravidez.

– É verdade. Mas custei muito a aceitar essa idéia. Depois, fui começando a me sentir mãe dessa criança e, nos meus longos dias de solidão, cheguei a entender que tudo deve ter uma razão de ser, embora nem sempre a gente compreenda. O sofrimento amadurece as pessoas.

André ficou pensativo, sentindo-se culpado pelo abandono que ela sofrera. Por fim perguntou:

– E o trabalho?

– Pedi demissão. Quero estar muito tempo com minha filha.

– Quer dizer que é uma menina...

– É sim... E vai chamar-se Telma, como a minha mãe.

– É um bonito nome – comentou André, sem saber o que dizer.

– Sabe amor, a mamãe tem me dado a maior força. Ela quer que eu volte a estudar medicina.

– É uma excelente idéia.

Havia algo que André queria perguntar, mas estava sem coragem. Finalmente, decidiu-se:

– E quanto ao nosso casamento?... Você ainda quer se casar comigo?

Juliana olhou longamente para ele, procurando sentir-lhe o íntimo. Por fim, respondeu:

– Acho melhor esperarmos um pouco. As coisas mudaram muito e nós temos que nos reacostumar...

– Mas podemos reatar o noivado... Não podemos?

Juliana sorriu. Como amava aquele cidadão!

– Acho que é só colocarmos as alianças – disse. – Ou você quer me pedir novamente em casamento?

– Como você quiser querida... Quer casar comigo?

– Com barriga e tudo?

– Claro, amor, com barriga e tudo.

Capítulo 31

Um mês mais tarde Telminha nasceu de parto normal, saudável e linda, assessorada por Telma que ficou no hospital acompanhando a filha e toda encantada com a netinha. A alta também chegou rápida e André foi buscar Juliana e a menina em companhia de Anabel.

Já no apartamento, o bebê confortavelmente colocado no berço, Juliana comentou:

– Estou doida por um banho.

Anabel, que tudo fizera para a amiga interromper aquela gravidez, estava agora encantada, curtindo muito a condição de “tia”.

– Pode ir que eu cuido da Telminha – ofereceu.

Depois que Juliana saiu do quarto André aproximou-se do berço para dar uma olhada na menina. Estava sendo difícil aceitar aquela criança pelo que ela significava e em seu íntimo lutavam duas forças contrárias: a emoção de olhar para a filha de Juliana e o fato de saber que o pai era Riquinho. Aproximou a mão, tocando em sua mãozinha, que logo lhe agarrou o dedo segurando com força. Emocionou-se.

– Ela segurou meu dedo! – Exclamou.

Compreendendo o que se passava com ele, Anabel comentou sorrindo:

– Sempre me disseram que os bebês têm um poder mágico de emocionar as pessoas. Eu não acreditava...

André ficou sem jeito ao ver que Anabel percebera o que lhe ia ao íntimo, mas nada disse, procurando entender a si mesmo e harmonizar-se com a nova situação.

Capítulo 32

Os dias correram céleres para Juliana entre as fraldas, os cuidados dos primeiros dias e os preparativos para o casamento. Acabara de pôr a filha para dormir, quando André chegou com um ramalhete de flores e um pacote com laço cor-de-rosa.

– Oh, amor, que surpresa boa! Entra.

– Temos que comemorar o aniversário da Telminha.

Juliana arregalou os olhos, risonha, contente com o interesse que André demonstrava pela menina. Entendia o quanto devia ser difícil para ele aceitá-la, por ser filha de quem era.

– Aniversário? – Perguntou.

– Quarenta e cinco dias de vida... É muita coisa!

Entre beijos e sorrisos Juliana recebeu o presente, abrindo-o. Era um lindo vestidinho rosa com enfeites brancos.

– Oh, é lindo! Obrigada, em nome da Telminha.

– Passei na Igreja – disse André. – Está tudo certo para sexta-feira.

Abraçando Juliana, falou com emoção:

– Dentro de cinco dias, vamos ser marido e mulher.

Enquanto Juliana ia preparar um suco, André foi até o quarto onde Telminha dormia. Ficou ali junto ao berço, quieto, olhando-a. Observou sua tez rosada e limpa, as mãozinhas macias com a pele quase transparente de tão fina, os dedinhos longos, bem feitos. Tocou de leve aquela minúscula mãozinha, tão pequena e tão perfeita. A menina espreguiçou-se, fazendo aquele chiadozinho próprio dos bebês. Havia nela algo de especial... Não sabia exatamente o quê. Imerso em estranhas impressões não sabia como trabalhar um novo sentimento que lhe acenava dos inescrutáveis caminhos da alma.

Assustou-se ao ouvir os passos de Juliana aproximando-se. Observou como seguia direto para o berço a ver se a filha estava bem. A seus olhos ela estava ainda mais bela aureolada de uma luminosidade quase divina. Era mãe.

Em seguida veio abraçá-lo e permaneceram assim por longo tempo, nutrindo-se com o mais divino dos sentimentos, o amor. A proximidade e o calor dos seus corpos acenderam o desejo sexual. Beijaram-se com volúpia.

– Agora já pode, não pode? – Perguntou André entre um e outro beijo.

Juliana fez sim com a cabeça e os dois seguiram abraçados até a cama, onde André deitou-a, beijando-a com paixão. Foi levando a mão pela perna de Juliana, subindo pela coxa, até a nádega. O gesto fê-la lembrar o estupro. Virou a cabeça, abrindo os olhos, e viu em primeiro plano o rádio de cabeceira. Em seus ouvidos ecoou a desagradável música brega que acompanhara todo o desenrolar daquele horrível drama. Levantou-se, angustiada. Estava no próprio cenário em que ocorrera a violência. Afastou-se da cama, olhando-a com horror.

Compreendendo o que se passava em seu íntimo, André aproximou-se e segurou-lhe as mãos, dizendo carinhoso:

– Calma, meu amor. Tudo aquilo já passou.

A jovem pôs-se a chorar, dizendo:

– Oh, amor... Você tem que me dar um tempo...

Acariciando-lhe suavemente o rosto, André perguntou:

– Só depois do casamento?

– Não, não é isso. Eu estou precisando me reorganizar... Por dentro e por fora... Mudar este cenário entende?

– Claro, meu amor, eu compreendo — respondeu André, e, olhando-a nos olhos disse: não se preocupe você tem todo o tempo que precisar. Eu quero você inteira.

Silenciou por instantes, sorriu e perguntou:

– Lembra do que combinamos sobre priorizar o afeto, o companheirismo?

Juliana sorriu, aliviada.

– E não ia lembrar?

Saíram do quarto, abraçados. Agora estavam de novo juntos e era só isso que importava.

Capítulo 33

No “apartamento” da Geni, Riquinho quebrava a cabeça, pensando em como iria arranjar dinheiro. Depois de escapar ao cerco da polícia em Três Lagoas conseguira chegar a Fortaleza roubando aqui, furtando ali, viajando de carona... Estava só e sem dinheiro. Irritado, andava de um lado para outro dizendo palavrões, chutando os móveis e falando consigo mesmo em voz alta.

– A Geni vacilou... Pensou que mulher não leva bala. Coitada! Se ela estivesse aqui, ia dar um jeito de arrumar grana.

De repente parou. Outra idéia passou-lhe pela cabeça.

– O garoto já deve ter nascido...

Pegou a garrafa de cachaça sobre a mesinha de cabeceira. Estava vazia. Disse outro palavrão e perguntou a si mesmo:

– Onde é que vou arrumar grana?

Continuou andando como fera enjaulada, chutando o que encontrava pelo caminho. De repente parou e sorriu com expressão malévola. Acabara de ter uma idéia... Uma idéia que iria tirá-lo do sufoco.

Capítulo 34

O casamento foi muito simples, mas lindo e emocionante. Dava para ver que aquele amor era desses que rompem o tempo e não morrem com a distância e nem com os desencontros. Telminha, no colo da avó, sorria como se entendesse todo o significado do momento.

Não houve convidados nem recepção, apenas um bolo com champanhe e muita alegria. Anabel enfeitara o apartamento com profusão de flores e o quarto de Telminha estava encantador.

Todos estavam felizes. André abriu o champanhe e encheu as taças. Depois dos brindes e do bolo, falou:

– É pena que você vá embora, Anabel. Para mim, você é uma irmã muito querida.

Anabel sorriu. Fazia-lhe bem sentir que gostavam dela. A vida lhe fora muito difícil e em muitos momentos amarga, mas conseguira superar e agora, no convívio com Juliana, estava começando a encarar a vida por outros ângulos mais leves.

– Vai ser ótimo para mim, André – respondeu. – Linha internacional é outra coisa. Claro que vou ficar com saudades... Muitas. Mas, deixa estar, que eu venho passar as férias com vocês.

– Venha mesmo, amiga – disse Juliana, segurando-lhe a mão.

– Eu vou sentir muito a sua falta. Você tem sido mais do que irmã para mim.

Para desfazer o clima de seriedade Anabel respondeu com ar brincalhão, referindo-se a André.

– Imagina... Com um gato desses em casa e de quebra uma coisinha linda como a Telminha...

Telma foi se levantando enquanto dizia, olhando de forma expressiva para Anabel:

– Eu também gosto muito dela... É uma pessoa adorável. Tanto, que vou roubá-la.

Entendendo o recado, a jovem levantou-se.

– Esqueci de te dizer Juliana – falou. – Eu vou ficar com a Telma uns dias, até voltar a São Paulo. Vocês dois merecem uma lua de mel a dois – e olhando intencionalmente para a porta do quarto de Telminha, corrigiu – a três.

Depois das despedidas as duas saíram, deixando o casal só com seu amor. Abraçando Juliana, André proferiu o clássico:

– Enfim... Sós.

Puxando o marido pela mão Juliana levou-o até o quarto. Estava completamente diferente. Móveis novos e a cama também nova, colocada em outro ângulo. Alegrementemente surpreendido André beijou-a com paixão e pegando-a no colo, carregou-a para a cama. Ali não existiam mais fantasmas de qualquer natureza. O amor e o equilíbrio de ambos haviam triunfado.

Capítulo 35

A madrugada ia alta. Riquinho, em frente à porta do apartamento de Juliana, apanhou uma chave do bolso e beijou-a com ar irônico, dizendo a si mesmo:

– Valeu Geni!

Abriu facilmente a porta, entrando com cuidado. Estava tudo silencioso. Pé ante pé foi até a porta do quarto de Juliana. Olhou o casal dormindo e fez uma careta. Caminhou silenciosamente até o outro quarto, apanhou Telminha, colocando-a num bebê-conforto, fraldas e mamadeiras e saiu. O dia já dava seus primeiros sinais de luz quando Juliana acordou. Olhou com um sorriso para André, adormecido. De

repente, sentiu um aperto no coração. Levantou-se, indo até o quarto da filha. O berço estava vazio.

– Cadê minha filha? – Perguntou num murmúrio, a voz engasgando na garganta.

– André! – conseguiu gritar. – André, a Telminha sumiu.

O marido chegou correndo.

– A Telminha sumiu, André – soluçou a jovem mãe desesperada.

– Como, sumiu?

– Sumiu... Não está no berço... Olha!

– Não é possível – exclamou André. – Vamos ver a porta.

Correram até a porta de saída do apartamento. Estava apenas encostada e o hall vazio e silencioso. Voltaram percorrendo todo o apartamento, inutilmente. A menina tinha desaparecido.

– Roubaram minha filha, André – repetia Juliana, quase enlouquecida de dor. – Roubaram a minha filha.

– Eu não sei como pode ser – dizia André. – Eu mesmo verifiquei a porta. Estava trancada.

Juliana agarrou o marido com força pelos braços, chorando.

– Alguém entrou aqui, André, e levou a minha filha. Mas, por quê?... Por quê?

– Não faça a menor idéia. Vamos chamar a polícia.

– Isso... Chama logo.

André foi ao telefone e falou com a polícia, explicando o ocorrido.

– Eu tenho que ir até lá, formalizar a queixa – explicou a Juliana.

– Eu vou com você.

– Não, amor, é melhor você ficar aqui. Se for um seqüestro, eles podem telefonar.

Juliana estava na maior aflição.

– Está bem, eu fico aqui... Mas vai logo, André. Pede a eles, pelo amor de Deus, para acharem a minha filha.

– Procure se acalmar, querida – disse André, segurando a mulher pelos ombros. – Eu vou preparar um calmante para você.

Enquanto o marido preparava o calmante, Juliana ajoelhou-se, começando a orar.

– Santa Maria, mãezinha do céu, me ajuda, protege minha filhinha... Protege minha filhinha. Faz com que ela volte sã e salva para mim... Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

André voltava com o calmante.

– Toma, vai ficar mais calma. E olha, tenha fé, confia... Vai dar tudo certo. A Telminha vai voltar para nós.

Abraçaram-se e André saiu. Juliana ficou andando de um lado para outro, desesperada. Vez por outra erguia as mãos, elevando o rosto e pedia:

– Santa Maria, mãezinha do céu, protege minha filhinha... Protege-a. Faz com que ela volte sã e salva para mim.

Um ruído da chave na fechadura fez Juliana estremecer de susto. A porta abriu-se e Anabel entrou, percebendo logo que algo terrível havia acontecido.

– O que foi?...

– A Telminha sumiu... Foi roubada.

Anabel estava atônita.

– Roubada?... Como?

– Nós acordamos e ela não estava mais no berço.

Mostrando a porta da rua, concluiu:

– E a porta estava aberta.

– E vocês não têm idéia de quem foi?

– Nenhuma...

De repente, Juliana pensou em algo.

– Será que não foi aquele bandido?...

– O que te...

– É... O miserável é conhecido como Riquinho.

Anabel levou um susto.

– Riquinho? Tem certeza?

– Tenho. O André me disse o nome dele.

E estranhando a atitude da amiga, perguntou:

– Por quê? Você sabe quem é ele?

– Bem... Não sei se é o mesmo.

– O mesmo quem, Anabel? Se você souber, se você o conhece, vai ser mais fácil encontrar minha filha. Por favor, diga logo.

– Calma Juliana... Vamos com calma. Só assim a gente consegue alguma coisa. Mas diga o que é mais que você sabe sobre ele?

– Sei quase nada. Ele tinha uma comparsa, a Geni.

– Geni? Ah, então é o Riquinho mesmo. Ah, miserável!

Anabel lembrou-se da casa abandonada. Se fosse mesmo Riquinho o seqüestrador, é possível que tivesse levado a menina para lá. Pensava em como dizer isto a Juliana, quando a mesma ficou mais pálida ainda, exclamando, em terrível desespero:

– E se ele roubou a menina para ficar com ela? Se ele nunca mais vai devolver minha filha?

– Nem pense nisso, Juliana! – Tentou acalmá-la. — Aquele desgraçado só está querendo dinheiro.

Anabel foi até a janela, procurou a direção da casa abandonada, dizendo a si mesma, mas em voz alta.

– É possível que ele tenha ido para lá.

Juliana correu até a janela, perguntando, em terrível aflição:

– Ido para lá?... Lá onde, Anabel?

– Para uma casa abandonada. Fica depois daquele cajueiral, ali
– explicou, mostrando-lhe o local.

– Me explica isso, pelo amor de Deus! Que casa abandonada é essa?

– Foi minha casa quando eu era criança.

– Tua casa? – Perguntou Juliana, espantada. – Não estou entendendo...

– Isso não tem importância, agora.

– E por que aquele bandido iria para lá?

– Porque nós fomos amigos de infância...

– Como?... Você e aquele bandido...?

— O Riquinho foi meu vizinho... Era meu amigo. Foi ele quem matou meu pai...

Juliana estava cada vez mais espantada.

– Matou teu pai? ... Então, ele é um assassino... Ele vai matar a minha filha!

Juliana estava descontrolada. Anabel segurou-a com força pelos ombros.

– Não vai, não, Juliana – disse com firmeza. – Te acalma. O Riquinho não é tão mau assim...

– Não é mau? Um assassino, estuprador... Não é mau? Você está ficando louca, Anabel?

– Me escute, Juliana. Não foi assim como você pensa. Meu pai me violentava sexualmente. Eu só tinha 12 anos. O Riquinho me amava. Ele pegou meu pai me forçando... Matou ele para me defender, entende?

Juliana estava atônita

– Meu Deus!... Que coisa terrível!

– Vê amiga... Não fique aflita. Eu acho que ele só está querendo dinheiro.

– Você disse que ele pode ter ido para essa casa abandonada...

A campainha do telefone interrompeu o que dizia e Juliana correu para atender. Era André.

– Oi, amor, sou eu... Já registrei a queixa e estou aqui esperando para assinar o termo. Liguei só para saber se você está bem.

– A Anabel está aqui, comigo. Ela acha que foi aquele bandido, o Riquinho, quem raptou a Telminha.

– É mesmo! – Exclamou André. – Só pode ser ele! Com certeza ele tem a chave do apartamento.

– A Anabel acha que ele pode estar escondido numa casa abandonada que tem aqui perto.

– Casa abandonada?...

– É... Ela o conhece... Foram amigos de infância... Ela morou nessa casa...

– Me deixa falar com ele, Juliana – pediu Anabel.

Juliana passou o telefone para a amiga.

– André, não leve a polícia lá – pediu. – Eu vou falar com ele. Tenho certeza que ele vai me ouvir.

– Está bem. Eu vou com a polícia, mas a gente fica de longe... Só para garantir.

– Tudo bem, André. Você sabe qual é a casa? É uma que fica depois desse cajueiral, aqui ao lado do prédio... Assim, a uns 500 metros...

– Eu sei mais ou menos onde é... Mas vá com cuidado, Anabel. Esse cara é perigoso.

André desligou o telefone. Sentia-se aflito. Só agora percebia o quanto gostava daquela criança, o quanto amava seu jeitinho, o sorriso, os olhinhos azuis iguais aos da mãe. Fora um idiota não tendo curtido a presença da menina, acompanhado mais intimamente e de coração aberto seus primeiros dias de vida, seu desenvolvimento. Perdera tudo isso por insistir em ver nela a filha de um marginal, esquecendo-se de que, acima de tudo, era filha de Juliana, a mulher que esperara desde sempre.

De repente estremeceu. Imaginou Telminha nas mãos de Rico, ela mais crescida, linda, sendo estuprada pelo pai, da mesma forma como o fora a mãe. Desesperou-se. Correu a falar com o Delegado, suplicando-lhe agisse rápido e com muito cuidado. A menina não poderia sofrer qualquer dano.

Capítulo 36

No apartamento de Juliana, Anabel preparava-se para ir ter com Riquinho.

– Eu vou com você, Anabel – disse Juliana, decidida.

– De jeito nenhum! Eu vou só...

– Eu quero ir buscar minha filha...

Segurando a amiga pelos ombros com firmeza, Anabel perguntou:

– Quer estragar tudo, Juliana? Confia em mim... Eu tenho que ir só!

E, para assegurar-se de que seria atendida, concluiu:

– Você tem que ficar em casa, Juliana. Pode ser que o seqüestrador, seja lá quem for, telefone...

– Está bem, eu fico. Eu confio em você... Mas pelo amor de Deus, Anabel, faz tudo que puder para trazer minha filha.

– Claro que eu vou fazer Juliana. Fica tranqüila... Vai dar tudo certo... Você vai ver.

Anabel saiu e Juliana voltou às suas preces. Não havia outra coisa a fazer.

Na casa abandonada, Riquinho observava a filha que dormia sob o efeito de uma droga. Achava melhor dopá-la para não chorar. Mesmo ali, poderia chamar a atenção de algum transeunte. De repente ouviu passos aproximando-se. Levantou a arma e escondeu-se atrás da porta. Já se preparava para atacar o invasor, batendo-lhe com o cano da arma na cabeça, quando reconheceu a voz de Anabel:

– Riquinho!

Surpreso, exclamou:

– Anabel?... Que é que você quer aqui?

Anabel olhou-o com carinho, comentando:

– Tanto tempo, não? Você mudou pouco...

Percebendo que deveria aproveitar a surpresa do marginal, perguntou à queima-roupa olhando em torno:

– Cadê a menina?

Riquinho ficou na defensiva. Então era isso que ela queria...

Claro, era amiga de Juliana.

– Que menina? – Perguntou, por sua vez. – Está doida, é?

Anabel não respondeu. Tinha certeza de que a menina estava na casa. Tentou outra tática. Procurou um lugar adequado e sentou-se. Riquinho relutou um pouco, mas acabou sentando-se também. Depois de olhá-lo por longo tempo em silêncio, comentou com pena:

- A vida foi dura com você... E tudo por minha culpa.
- Não foi tua culpa. Foi daquele desgraçado...
- Você fez aquilo para me defender. Eu nunca pude esquecer isso, Riquinho.

As lembranças voltavam vívidas com a proximidade. Era como se o tempo não tivesse passado, e eles estivessem ali, livres de problemas e de compromissos, podendo sonhar sonhos de amor e felicidade.

A expressão de Rico perdeu por momentos aquele quê de maldade que lhe era habitual e a voz engasgou na garganta, ao dizer:

- E eu nunca esqueci você, Belinha.

Anabel estremeceu. Fechou os olhos, dizendo suavemente:

- Eu até posso ver nós dois aqui, ainda crianças...
- É... Foi um tempo duro... Mas deixou saudade...

Ficaram alguns instantes num silêncio em que a alma do bandido deixava-se banhar em benéficas emoções, mas, calejado pela vida, recuperou-se depressa, voltando a mostrar sua natureza habitual.

- Que é que tu queres comigo, Belinha? – Perguntou meio ríspido. – A coisa agora é outra.

O tom da pergunta fez Anabel retornar ao presente, lembrando a que veio. Rico levantou-se e foi dizendo:

– Vamos deixar de lêro e desocupa. Não estou pra ouvir besteira.

Sem importar-se com sua grosseria Anabel continuou falando em tom manso.

– A Juliana é uma pessoa maravilhosa, Rico. Ela enfrentou todo esse problema, sozinha... Podia ter feito aborto, mas não fez...

Falara intencionalmente, sabendo que iria tocar em seu ponto fraco. O marginal estremeceu, mas permaneceu em silêncio.

Anabel continuou:

– Eu me lembro do que você me contou, quando viu sua mãe fazendo um aborto... lembra? Você se escondeu para ver, mas só dava para ouvir... O ruído das curetas, rasgando o bebê...

A presença de Anabel e suas alusões àquele fato extremamente traumático que vivenciara quando criança quebrou suas resistências. Emocionou-se.

– Eu nunca vou esquecer aquilo! – Exclamou.

E como se não pudesse resistir à enxurrada de lembranças, continuou:

– Depois que elas saíram eu fui ver... Só vi um bracinho, com a mãozinha bem pequenininha...

Aproximou o polegar e o indicador, para mostrar o tamanho.

– Deste tamanhinho...

Anabel percebeu que era o momento de voltar ao ataque.

– Pois é Rico. Ela não fez isso com teu filho... Merece consideração, não acha?

Apesar de todo o calejamento que a vida lhe conferira, Rico estava com o íntimo muito desarrumado. Era como se algo

houvesse quebrado dentro dele, mas não queria dar demonstração.

– Tô precisando de grana – disse, com maus modos.

– Eu te arranjo Riquinho. Eu ganho bem, tenho um bom dinheiro guardado. Dou-te tudo.

Rico não sabia o que dizer e Anabel voltou à carga. Estava sendo sincera.

– Não confia em mim, Riquinho? Acha que eu ia te trair?

O marginal fez não com a cabeça.

– Vamos embora, então, que eu vou pegar o dinheiro. Cadê a menina?

Rico virou-se para ir ao outro aposento para pegar a menina. Ainda estava com a arma na mão. Quando passou diante de uma janela aberta, foi visto de fora e um policial gritou.

– Aqui é a polícia. Você está cercado, Rico. Saia com as mãos para cima.

Rico olhou para Anabel com doloroso olhar de acusação misturado com ódio.

– Não ia me trair, não é? Pois tu me paga, desgraçada.

Levantou a arma para atirar em Anabel, que gritou:

– Eu não te traí, juro.

Ao perceberem as intenções de Rico os policiais atiraram e este foi ferido gravemente. A arma caiu de sua mão. Com dificuldade foi até o outro aposento onde Telminha dormia, sentando-se no chão, junto dela.

Juliana, à janela do apartamento, estava em grande aflição. Seus olhos iam do telefone à direção da casa abandonada. De repente, ouviu os tiros. Aflitíssima, desceu pela escada e partiu correndo em direção à casa abandonada.

Ali, os policiais já entravam na casa, seguidos de André, que só se tranqüilizou depois que pegou Telminha no colo, constatando que ela estava bem. Anabel, junto a Rico, chorava silenciosamente. O marginal tentou levantar-se, mas percebeu que estava morrendo. Falou com dificuldade:

– Cuidem dela...

Olhando para André, falou:

– Meu sangue... Num é ruim, não... A vida... É que... Foi ruim... Pra mim.

André não sabia o que dizer. O moribundo pediu:

– Me deixa ver... A minha... Filha...

André vacilou, mas acabou cedendo. Abaixou-se com a menina, aproximando-a do pai.

– Você... Vai ser diferente – disse-lhe Rico, com carinho. – Vai ter mãe... E pai... De verdade.

Olhando para André, perguntou:

– Como é o... Nome... ? André estava emocionado. Ali, diante do homem que estava morrendo, seu bom coração falou mais alto que o ódio.

– O nome dela é Telma. A gente chama de Telminha.

– Telminha... Lindo... Linda... Telminha...

Morreu suavemente. Um policial virou-o com o pé. Havia um sorriso em seu rosto. André, emocionado, levantou-se a custo. Foram muitos acontecimentos dramáticos nas últimas horas. Seus olhos estavam marejados de lágrimas. Abraçou a criança com muita ternura, beijando-lhe o rostinho, as mãozinhas, o cabelo. Não podia supor que a amava tanto. Levantou o olhar para agradecer a Deus e, por trás das lágrimas viu, num

relance, a imagem de Nossa Senhora com a flor na mão. Olhou para Telminha e compreendeu.

Juliana ia chegando, aflitíssima, quando viu através da janela a filha nos braços de André. Suspirou, aliviada, exclamando:

– Obrigada, minha mãezinha do céu... Obrigada!

Aproximando-se, perguntou:

– Ela está bem?

– Acho que sim – respondeu André. – Ela deve ter tomado alguma coisa para dormir...

Juliana ia pegar a menina pela janela, mas parou estática, assustada, ao ver o corpo de Riquinho caído no chão.

– Espere aí fora que eu vou sair – disse André.

Ia dizer algo a Anabel, mas desistiu. Não compreendia bem o que se passava, mas respeitou-lhe a dor, vendo-a ajoelhada, chorando em silêncio, junto ao corpo do marginal. Saiu da casa com Telminha nos braços, encontrando Juliana do lado de fora. Entregou-lhe a menina, dizendo:

– Pega a... Telminha Flor.

Juliana estremeceu lembrando-se daquela regressão que tivera, na qual lhe morrera a filhinha que se chamava Flor.

– Deve ser só coincidência – pensou.

Apanhou a menina, examinando seu corpinho, as mãozinhas, tudo, para ver se ela estava realmente bem. Mais tranqüila, respirou fundo, comentando:

– Telminha Flor... Que lindo André!

– Gostou?

– Adorei.

– Pois se você quiser, quando eu for registrá-la, coloco o nome, Telma Flor.

Juliana estava surpresa.

– Você... Registrá-la?

Como se fosse alguma coisa comum, corriqueira, André perguntou:

– Não é geralmente o pai quem vai registrar os filhos? Então? Qual é o espanto?

Juliana sorriu feliz. Olhou emocionada para o marido.

– Pode registrá-la como Telma Flor. O nome é lindo.

André contou em poucas palavras o que havia ocorrido e retornou ao interior da casa a procura de Anabel, encontrando-a ainda ao lado do corpo de Rico.

– Estava orando por ele – disse, enquanto saíam da casa. – Para ser franca, não tenho religião, mas acho que Deus, seja Ele quem for, ou o que for, vai ajudar o Riquinho a ter paz.

Juliana, ao vê-la, abraçou-a com lágrimas nos olhos, dizendo:

– Obrigada, amiga. Eu nem sei como te agradecer... Acho que te devo a vida da minha filha.

– Que nada – respondeu Anabel. – Ela não corria perigo.

Soltando-se do abraço, Anabel perguntou:

– Posso pedir uma coisa a vocês dois?

– Claro! Peça! – Exclamaram ao mesmo tempo Juliana e André.

— Que vocês perdoem o Riquinho.

E vendo seus ares de espanto, explicou:

– Eu não quero que ele, esteja onde estiver, carregue o peso do ódio de vocês.

Correu os olhos pela casa em ruínas, pelos arredores cheios de mato e continuou, com emoção:

– A vida foi cruel com ele, não lhe deu chances. Ele se desgraçou por minha causa... Para me defender.

Com os olhos molhados de lágrimas e a voz meio engasgada, pediu:

– Por favor... Perdoem o Riquinho... Por amor a mim.

Juliana segurou-lhe a mão, exclamando:

– Quanto a mim, amiga, pode ficar tranqüila que eu perdôo de todo o coração... E vou também fazer umas preces a Nossa Senhora por intenção da alma dele.

– Eu também perdôo – disse André, por sua vez. – E também vou orar pela alma dele.

Anabel voltou ao apartamento no carro de André, a pedido deste. Ele e Juliana quiseram voltar andando, levando Telminha a um passeio em meio à natureza. O caminho serpenteava por entre os cajueiros, carregados de cajus maduros. Pareciam pingentes vermelhos e amarelos, saudando os passantes, como a dizer-lhes: a natureza também é mãe, gerando frutos para qualquer um dos seus filhos que deles precisarem.

Ao lado do caminho um galho baixo convidava a uma parada. Sentaram-se e permaneceram algum tempo em silêncio para melhor poderem apreciar o canto dos pássaros e o ruído do vento nas folhas de um coqueiro próximo.

André sentia como se estranhas lembranças quisessem subir-lhe à mente. Olhou o rostinho da menina que já dava sinais de acordar e segurou-lhe a mãozinha com carinho. Com a outra pegou na de Juliana, dizendo com convicção:

– Pode parecer loucura, amor, mas eu tenho a impressão de que em algum tempo, em algum lugar, não sei quando... Nós marcamos este encontro.

Juliana sorriu, lembrando da cena que revivera durante a regressão, quando ele lhe dissera: “— Eu vou te procurar, querida... Nem que seja no fim do mundo. Eu vou te encontrar e então... Vamos ficar juntos... Juntos...”.

Sentiu uma lágrima cair-lhe no dorso da mão. Olhou. Fora só impressão... Ou então, a vívida lembrança que marcara a promessa que agora acabava de cumprir-se.

Olhou André com ternura, passando suavemente a mão pelo seu rosto. Sorriu um sorriso enigmático e beijou-o de leve na boca, dizendo:

— Quem sabe?...

FIM